



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Língua Portuguesa e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

**ANÁLISE DA CORREFERENCIALIDADE EM CONSTRUÇÕES RELATIVAS NA
LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**

Lizandra Caires do Prado

Brasília/DF

2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

PP896a Prado, Lizandra Caires do
ANÁLISE DA CORREFERENCIALIDADE EM CONSTRUÇÕES RELATIVAS
NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA / Lizandra Caires do Prado;
orientador Rozana Reigota Naves; co-orientador Paulo
Medeiros Junior. -- Brasília, 2020.
200 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2020.

1. Construções relativas. 2. Correferência. 3. Língua de
Sinais Brasileira. 4. Sintaxe. 5. Teoria Gerativa. I.
Reigota Naves, Rozana, orient. II. Medeiros Junior, Paulo,
co-orient. III. Título.

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Língua Portuguesa e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

Lizandra Caires do Prado

**ANÁLISE DA CORREFERENCIALIDADE EM CONSTRUÇÕES RELATIVAS NA
LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Língua Portuguesa e Línguas Clássicas – LIP, Instituto de Letras – IL, da Universidade de Brasília – UnB, para defesa, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutora em Linguística. Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Rozana Reigota Naves

Coorientador: Prof. Dr. Paulo Medeiros Junior

Brasília/DF

2020

**ANÁLISE DA CORREFERENCIALIDADE EM CONSTRUÇÕES RELATIVAS NA
LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**

LIZANDRA CAIRES DO PRADO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Língua Portuguesa e Línguas Clássicas – LIP, Instituto de Letras – IL, da Universidade de Brasília – UnB, para qualificação, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutora em Linguística. Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.

Apresentado em 16 de março de 2020.

Banca examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. Rozana Reigota Naves (orientadora)
Presidente

Prof. Dr. Paulo Medeiros Junior (coorientador)
Vice-presidente

Profa. Dra. Helena da Silva Guerra Vicente
Membro Efetivo Interno

Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira
Membro Efetivo Externo

Profa. Dra. Deborah Christina de Mendonça Oliveira
Membro Efetivo Externo

Profa. Dra. Heloísa Maria Moreira Lima Salles
Membro Suplente

Dedico este trabalho aos meus mentores espirituais, à minha filha, Giovanna, companheira de todas as horas, ao meu companheiro, Silvestre Viana, aos meus amigos queridos e a todos os pesquisadores que se propõem a desvendar os mistérios acerca da gramática da Língua de Sinais Brasileira.

AGRADECIMENTOS

Esta é uma parte do texto que, normalmente, escrevemos ao final do extenso e difícil trabalho de pesquisa. Contudo, para mim, este texto foi se construindo e se reconstruindo, ao longo desses cinco intensos anos, nos quais eu aprendi, sofri, amadureci, conquistei e fui uma vencedora... Me sinto, neste momento, exatamente como o então general Júlio César, em 47 a.C., que, ao enviar uma mensagem ao senado romano descrevendo sua recente vitória sobre Fárnares II do Ponto, na Batalha de Zela, disse: *Veni, vidi, vici!* (Vim, Vi e Venci!). Vim a Brasília/DF, Vi a Universidade de Brasília e Venci todos os obstáculos – nem sempre (quase nunca) de forma tão fácil... Mas o importante é que tudo o que eu vivi nesse período foi de extremo valor para a minha formação enquanto profissional e enquanto pessoa!

Assim, começo esta seção de agradecimentos, para mim, uma das mais importantes.

Agradeço imensamente à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela bolsa que me foi concedida nessa etapa da minha formação. Principalmente no contexto político atual do Brasil, me sinto no dever de salientar aqui a importância dessas bolsas para que pessoas (como eu), que não possuem os recursos financeiros minimamente necessários para custear anos a fio de dedicação exclusiva à pesquisa acadêmica possam ter a oportunidade de desenvolver pesquisas avançadas, contribuindo para a construção de conhecimento e para o futuro deste país! Por meio desse recurso, pude manter a mim e à minha filha fora do meu estado de origem.

Agradeço também imensamente à Universidade de Brasília, que me recebeu de braços abertos! Nessa instituição eu passei os últimos anos construindo a minha formação acadêmica. Nesse período, e também com o inestimável auxílio financeiro dessa universidade, tive a grande oportunidade de realizar a minha primeira viagem ao exterior, para apresentar um trabalho (resultado parcial desta minha pesquisa) na cidade de Santarém, em Portugal, em um evento internacional, o que contribuiu enormemente para a minha formação. Além da formação acadêmica, a UnB me concedeu também a oportunidade de vivenciar o cotidiano docente de uma universidade, inicialmente como professora substituta, na Graduação em Letras/Libras, e depois como professora substituta, na graduação em Letras.

Mas não para por aí... nessa instituição, tive também a honra de ser aluna dos maiores nomes no âmbito da Linguística do país, alguns se tornando, inclusive, amigos queridos...

Agradeço aos professores Drs. Walkíria Neiva Praça, Marina M. S. Magalhães, Eloisa Nascimento Silva Pilati, Enilde Leite de Jesus Faulstich, Flávia de Castro Alves Juliana de Freitas Dias, Kleber Aparecido da Silva, Michelle Machado O. Vilarinho, Ormezinda Maria Ribeiro, Dionei Moreira Gomes e Francisca Cordélia Oliveira da Silva, por tudo o que aprendi com vocês, pela paciência e pelo carinho!

Agradeço, com o coração cheio de alegria, aos queridos Professores Doutores que, para mim, são amigos que gosto e admiro imensamente, Helena da Silva Guerra Vicente, Heloísa Maria Moreira Lima Salles e Marcus Vinícius da Silva Lunguinho. Muito, muito obrigada por tudo... não tenho nem palavras...

Também, e não menos importante, agradeço enormemente aos meus orientadores, os Profs. Drs. Rozana Reigota Naves e Paulo Medeiros Junior, sem os quais este estudo jamais teria um corpo...! Muita gratidão pela sua atenção e a sua boa vontade em me orientarem neste estudo! Gratidão principalmente à profa. Rozana, por todo apoio (acadêmico, profissional e pessoal) que gentilmente me deu nesses cinco anos, até o último minuto...!

Agradeço imensamente aos Professores Doutores que compuseram a minha banca de defesa. À professora Deborah Christina de Mendonça Oliveira, obrigada por aceitar esse convite! À professora Heloísa Maria Moreira Lima Salles, muito obrigada pelo imenso carinho com que sempre me olhou e por tudo o que aprendi com você! À professora Helena da Silva Guerra Vicente, mais uma vez, obrigada pela amizade e pelo seu conhecimento tão generosamente compartilhado! E, com imenso carinho e admiração, obrigada à professora Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira, por, anos atrás, ter me dado a oportunidade de estudar... de ser sua aluna e eterna admiradora! Obrigada, novamente, aos meus orientadores, profa. Rozana Reigota Naves e prof. Paulo Medeiros Junior, pela atenção e generosidade! Que Deus abençoe a cada um de vocês!

Agradeço, com grande alegria, aos funcionários do Instituto de Letras/UnB, que, durante o meu período de professora substituta, me deram todo suporte e, para além disso, a sua amizade! Gratidão ao Ricardo, Antônio, Armando, Luciana... (me perdoem as pessoas cujos nomes não citei... a memória me falha, mas não a gratidão a todos vocês)!

Da UnB, tive ainda outro presente inestimável: a amizade fraterna, profunda e eterna das minhas irmãs queridas Ana Carolina Nunes de Aguiar e Talita Gleycilane Mendes da Silva, e ao meu irmão (primo da Carol), Antônio dos Santos Drummond Filho... Vocês sempre vão morar no meu coração!!

Agradeço também ao Dr. Paulo Alexandre Silva, pela amizade, pelo carinho e admiração mútua!

Agradeço, de todo coração, a tudo e a todos que foram obstáculos nessa jornada, me forçando a vencer, a cada momento e cada vez mais, os meus limites, a seguir adiante, a superar... Na vida, as dificuldades são o instrumento utilizado para a nossa evolução... Que possamos sempre abençoá-las e ouvi-las!

Agradeço também à minha filha, Giovanna Caires Diniz, pelo amor e companheirismo, em todas as horas, e a uma pessoa muito especial que entrou em minha vida no último ano e que foi de grande auxílio, principalmente, nesse momento final de escrita da tese... Quem já passou por isso sabe o quão é difícil se manter mentalmente saudável até aqui... minimamente ao menos... (risos). Agradeço ao meu querido Silvestre Teixeira Viana Silva, pelo seu imenso carinho, cuidado, respeito e compreensão!!

Por fim, agradeço a todos os meus amigos, a todos que torceram por mim, à minha família, em especial, ao meu primo-irmão Rafael Soares Peçanha!

Assim, nesse clima de imensa gratidão e emoção, finalizo os meus agradecimentos com a letra de Caetano Veloso, que também foi tema da minha colação de grau pela Universidade Estadual do Sudoeste d Bahia, 'Alegria, Alegria', para que não nos esqueçamos de sermos sempre subversivos à ditadura e à truculência...

Caminhando contra o vento
Sem lenço e sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou
O sol se reparte em crimes
Espaçonaves, guerrilhas
Em cardinales bonitas
Eu vou
Em caras de presidentes
Em grandes beijos de amor

Em dentes, pernas, bandeiras
Bomba e Brigitte Bardot
O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia
Eu vou
Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores vãos
Eu vou
Por que não, por que não
Ela pensa em casamento
E eu nunca mais fui à escola
Sem lenço e sem documento
Eu vou
Eu tomo uma Coca-Cola
Ela pensa em casamento
E uma canção me consola
Eu vou
Por entre fotos e nomes
Sem livros e sem...

A mente é um sistema complexo de faculdades em interação, que não se desenvolve por meio de princípios uniformes de ‘inteligência geral’, mas é constituído de ‘órgãos mentais’, tão especializados e diferenciados como os do corpo.

(CHOMSKY, 2007, p. 89)

RESUMO

Esta tese analisa a correferencialidade nas construções relativas restritivas e apositivas na Língua de Sinais Brasileira (LSB). O *corpus* foi constituído por dados produzidos em LSB por participantes que se identificam como surdos (o que foi comprovado por exame de audiometria) e que utilizam a LSB como meio principal de comunicação. A coleta de dados compreendeu a preparação do *input*, por meio de imagens organizadas em *slides* contendo duas informações sobre um mesmo referente. Foi solicitado às participantes que produzissem uma única sentença, combinando as duas informações em relação a esse referente. As produções foram gravadas em vídeo, as imagens correspondendo à articulação de cada sinal foram congeladas para análise e as sentenças foram registradas por meio do Sistema de Escrita de Línguas de Sinais – SEL. Para a análise formal dessas construções relativas, partimos dos seguintes postulados teóricos: (i) existe uma relação necessária entre o DP antecedente e o tipo de oração relativa – restritiva ou apositiva (SMITH, 1964); (ii) as relativas são estruturas de CPs que complementam um DP da oração matriz, produzindo a estrutura D^0CP (KAYNE, 1994); (iii) nas relativas-*that*, o pronome relativo nasce já na posição nuclear C^0 e pode ser nulo (KAYNE, 1994); (iv) na Língua de Sinais Alemã (do alemão, DSG), as relativas são estruturas com núcleo nominal externo, que não pertence ao escopo da marcação não-manual que introduz a relativa, enquanto na Língua de Sinais Italiana (do italiano, LIS) são estruturas com núcleo nominal interno, o qual, nas restritivas, exerce papel de sujeito na matriz e na relativa, e, nas apositivas, exerce papel de objeto na matriz e na relativa; e (v) na LSB, as relativas não apresentam um elemento que funcione como morfema relativo (PRADO, 2014 ; PRADO, NAVES e LIMA-SALLES, 2018), assim como as relativas apositivas em DGS e as restritivas e apositivas em LIS (PFAU, 2016). Segundo a análise desenvolvida nesta tese, compreendemos que as construções relativas restritivas e apositivas apresentam a mesma estrutura sintática, mas com propriedades distintas no que se refere ao traço suprasegmental que marca a distinção entre restritivas e apositivas e que, possivelmente, tem relação com a propriedade das primeiras de restringir o referente, o que pode ser interpretado como uma espécie de foco, em oposição à marcação de pausa inicial e final nas relativas apositivas. Consideramos que essas diferenças são a expressão da relação de (in)definitude entre o D^0 e o CP, interpretadas em Forma Lógica – uma hipótese a se confirmar em trabalhos futuros.

Palavras-chave: Construções relativas. Correferência. Língua de Sinais Brasileira. Sintaxe. Teoria Gerativa.

ABSTRACT

This thesis analyzes the co-referentiality in the restrictive and appositive relative constructions in the Brazilian Sign Language (LSB). The *corpus* is composed of data produced in LSB by participants who identify themselves as deaf (which was confirmed by an audiometry exam) and who use LSB as the main means of communication. The data collection comprised the preparation of the *input*, through images organized in *slides* containing two pieces of information about the same referent. Participants were asked to produce a single sentence, combining the two pieces of information in relation to that referent. The productions were recorded on video and the images corresponding to the articulation of each signal were frozen for analysis and the sentences were registered using the Sign Language Writing System – SEL. For the formal analysis of these relative constructions, we start from the following theoretical postulates: (i) there is a necessary relationship between the antecedent DP and the type of relative sentence – restrictive or appositive (SMITH, 1964); (ii) the relative ones are CP structures that complement a DP of the matrix clause, producing the D^0 CP structure (KAYNE, 1994); (iii) in the *that*-relative, the relative pronoun is born in the nuclear position C^0 and can be null (KAYNE, 1994); (iv) in the German Sign Language (from German, DGS), the relative are structures with external nominal nucleus, which does not belong to the scope of non-manual marking that introduces the relative, while in Italian Sign Language (from Italian, LIS) they are structures with internal nominal nucleus, which, in the restrictive ones, plays the role of subject in the matrix and in the relative, and, in the appositives, it plays an object role in the matrix and in the relative; and (v) in LSB, the relative structures do not have an element that functions as a relative morpheme (PRADO, 2014 ; PRADO, NAVES e LIMA-SALLES, 2018), as well as the relative appositives in DGS and the restrictive and appositive ones in LIS (PFAU, 2016). According to the analysis developed in this thesis, we understand that the restrictive and appositive relative constructions present the same syntactic structure, but with different properties with regard to the supra-segmental feature that marks the distinction between restrictive and appositive that is, possibly, related to the property of the former to restrict the referent, which can be interpreted as a kind of focus, as opposed to the marking of initial and final pauses in the appositive relative. We consider that these differences are the expression of the (in)definite relationship between D^0 and CP, interpreted in the Logical Form – a hypothesis to be confirmed in future works.

Keywords: Relative constructions. Co-referentiality. Brazilian Sign Language. Syntax. Generative Theory.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Adjetivo	A
Complementador	C
Configuração de Mão	CM
Determinante	D
Definido	Def
Estado Cognitivo Inicial	S ₀
Especificador	Spec
Estruturas Altamente Icônicas	EAI
Estrutura profunda (do inglês, <i>Deep Structures</i>)	DS
Estrutura Superficial (do inglês, <i>Superficial Structures</i>)	SS
Faculdade da Linguagem	FL
Forma Fonética (do inglês, <i>Phonetic Form</i>)	PF
Forma Lógica (do inglês, <i>Logical Form</i>)	LF
Gramática Gerativa	GG
Gramática Universal	GU
Língua Gestual Portuguesa	LGP
Língua Materna	L1
Línguas Orais	LO
Língua Portuguesa	LP
Línguas de Sinais	LS
Língua de Sinais Alemã (do alemão, <i>Deutsche Gebärdensprache</i>)	DGS
Língua de Sinais Americana (do inglês <i>American Sign Language</i>)	ASL
Língua de Sinais Brasileira	LSB
Língua de Sinais Francesa	LSF
Língua Italiana de Sinais	LIS
Língua Particular	S _n
Localizador	Loc
Localizador não-articulado	LocNA
Negação	Neg
Nome	N
Preposições	P

Programa Minimalista	PM
Relativas com Núcleo Nominal	RNN
Segunda Língua	L2
Sintagma Determinante (do inglês, <i>Determiner Phrase</i>)	DP
Sintagma Flexional (do inglês, <i>Inflexional frase</i>)	IP
Sintagma nominal (do inglês, <i>Nominal Phrase</i>)	NP
Sintagma Verbal (do inglês, <i>Verbal Phrase</i>)	VP
Sistema Computacional	C _{HL}
Sistema de Escrita em Línguas de Sinais	SEL
Tempo	T
Teoria da Regência e Ligação (do inglês, <i>Government and Binding Theory</i>)	GB
Universidade de Brasília	UnB
Verbo	V

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Níveis de representação – GB. _____	25
Figura 2: Estrutura X-Barra. _____	27
Figura 3: Níveis de representação – PM. _____	29
Figura 4: Loc articulado (mão configurada em ‘zê’  -h) _____	32
Figura 5: LocNA do tipo direção do olhar. _____	32
Figura 6: LocNA do tipo direção do olhar. _____	33
Figura 7: Linearidade vs. simultaneidade de traços em línguas orais e de sinais. ____	42
Figura 8: Movimentos feitos por sujeito-informante (SI) na realização do sinal . ____	47
Figura 9: Estrutura articulatória do sinal em LS, segundo Lessa-de-Oliveira (2019). _	50
Figura 10: Escrita em SEL do sinal para 'mandar'. _____	51
Figura 11: Escrita do sinal para 'cavalo'. _____	51
Figura 12: Articulações para o sinal 'roubar', em LSB. _____	53
Figura 13: Articulações para o sinal 'sexo', em LSB. _____	53
Figura 14: Escrita em SEL do sinal para 'febre', em LSB. _____	54
Figura 15: Escrita em SEL do sinal para 'febre', em LSB. _____	54
Figura 16: Escrita em SEL do sinal para 'febre', em LSB. _____	54
Figura 17: Sinal para 1ª pessoa 'perguntar' 2ª pessoa, em LSB. _____	64
Figura 18: Sinal para 2ª pessoa 'perguntar' 1ª pessoa, em LSB. _____	65
Figura 19: Loc articulado. _____	67
Figura 20: LocNA do tipo direção do olhar. _____	67
Figura 21: LocNA do tipo movimento de corpo. _____	68
Figura 22: LocNA do tipo pontos inicial e final de verbos direcionais. _____	69
Figura 23: Estrutura arbórea da categoria dos determinantes em LSB. _____	76
Figura 24: Conjunto semântico da oração relativa restritiva. _____	86
Figura 25: Modelo de relativização em Chomsky (1977)). _____	93
Figura 26: Estrutura formal da sentença relativa restritiva em LSB. _____	103
Figura 27: Estrutura formal da sentença relativa resumptiva em LSB. _____	104
Figura 28: Estrutura da sentença relativa apositiva em LSB. _____	105
Figura 29: Representação do traço ES no exemplo (52). _____	117
Figura 30: Representação do traço ES no exemplo (53). _____	120
Figura 31: Representação do traço ES no exemplo (54). _____	122

Figura 32: Representação do traço ES no exemplo (55). _____	124
Figura 33: Representação do traço RS no exemplo (56). _____	126
Figura 34: Proposta de Prado (2014) para a construção relativa restritiva. _____	148
Figura 35: Sinal para 'como' - conjunção _____	149
Figura 36: Sinal para 'por que' _____	149
Figura 37: Sinal para 'o que' _____	149
Figura 38: Sinal para 'quando' - passado _____	149
Figura 39: Sinal para 'quando' - futuro _____	150
Figura 40: Proposta para a estrutura formal para as construções relativas restritivas na LSB. _____	151
Figura 41: Estrutura da sentença relativa apositiva em LSB, segundo Prado (2014).	154
Figura 42: Proposta para a estrutura formal das construções relativas apositivas em LSB. _____	156

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Símbolos utilizados por Stokoe para a notação dos sinais da ASL. _____	43
Quadro 2: Alfabeto manual norte-americano, segundo Stokoe ([1960]1978). _____	44
Quadro 3: Construções relativas restritivas vs construções relativas apositivas em LSB. _____	145

SUMÁRIO

<u>CAPÍTULO 1: APRESENTAÇÃO DA PESQUISA</u>	19
1.1 Introdução	19
1.2 Objeto de pesquisa	21
1.3 Base teórica	23
1.3.1 <i>POSTULADOS GERATIVISTAS PARA A DERIVAÇÃO DE SENTENÇAS</i>	25
1.3.2 <i>RELEVÂNCIA DESTE ESTUDO</i>	31
1.4 Questões de pesquisa	34
1.5 Organização da tese	34
<u>CAPÍTULO 2: METODOLOGIA</u>	36
2.1 Constituição do <i>corpus</i>	36
2.2 Participantes desta pesquisa	37
2.2.1 <i>PARTICIPANTE 1R</i>	37
2.2.2 <i>PARTICIPANTE 2C</i>	38
2.2.3 <i>PARTICIPANTE 3F</i>	39
2.2.4 <i>PARTICIPANTE 4S</i>	39
2.3 Coleta dos dados	40
2.4 Sistema de escrita para apresentação dos dados coletados	41
2.5 Sistema de Escrita para Línguas de Sinais (SEL)	46
2.6 Gravação e sistematização dos dados desta tese	56
<u>CAPÍTULO 3: A REFERENCIALIDADE NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA</u>	58
3.1 A categoria dos determinantes nas línguas naturais	58
3.2 Relações de correferência na Língua de Sinais Brasileira	63
3.2.1 <i>ANÁLISES COM BASE NA NATUREZA PRONOMINAL</i>	63
3.2.2 <i>ANÁLISES COM BASE DÊITICO-ANAFÓRICA</i>	65
3.2.3 <i>ANÁLISES COM BASE NA NATUREZA DETERMINANTE</i>	66
<u>CAPÍTULO 4: CONSTRUÇÕES RELATIVAS RESTRITIVAS E APOSITIVAS NAS LÍNGUAS NATURAIS</u>	81
4.1 Construções relativas restritivas e apositivas nas línguas orais	81
4.2 Análises das estruturas de relativização nas línguas orais	83
4.2.1 <i>SMITH (1964)</i>	83
4.2.2 <i>CHOMSKY (1977)</i>	89
4.2.3 <i>KAYNE (1994)</i>	94

4.3 Análises das construções relativas nas línguas de sinais	101
4.3.1 PRADO (2014)	101
4.3.2 PRADO, NAVES E LIMA-SALLES (2018)	105
4.3.3 PFAU (2016)	109
<u>CAPÍTULO 5</u>	115
<u>PROPOSTA DE ANÁLISE PARA AS ESTRUTURAS RELATIVAS RESTRITIVAS E APOSITIVAS NA LSB</u>	115
5.1 Descrição dos dados do <i>corpus</i> deste trabalho	115
5.1.1 <i>EXEMPLOS DE CONSTRUÇÕES RELATIVAS RESTRITIVAS EM LSB</i>	116
5.1.2 <i>EXEMPLOS DE ESTRUTURAS RELATIVAS APOSITIVAS EM LSB</i>	127
5.2 Análise das construções relativas restritivas e apositivas	136
5.2.1 <i>ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES RELATIVAS RESTRITIVAS</i>	136
5.2.2 <i>ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES RELATIVAS APOSITIVAS</i>	141
5.3 Proposta de estrutura formal para as construções relativas restritivas e apositivas em LSB	144
5.3.1 <i>CONFIGURAÇÃO DO DP NAS CONSTRUÇÕES RELATIVAS RESTRITIVAS E APOSITIVAS</i>	145
5.3.2 <i>POR UMA PROPOSTA DE ESTRUTURA FORMAL PARA AS CONSTRUÇÕES RELATIVAS RESTRITIVAS EM LSB</i>	148
5.3.3 <i>POR UMA PROPOSTA DE ESTRUTURA FORMAL PARA AS CONSTRUÇÕES RELATIVAS APOSITIVAS EM LSB</i>	153
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	162
<u>REFERÊNCIAS</u>	166
<u>APÊNDICE 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</u>	172
<u>APÊNDICE 2: QUESTIONÁRIO DAS PARTICIPANTES</u>	176
<u>APÊNDICE 3: SLIDES PRODUZIDOS PARA COLETA DE DADOS</u>	177
<u>APÊNDICE 4: DADOS DESCARTADOS</u>	179
<u>ANEXO: ESCRITA SEL – SISTEMA DE ESCRITA PARA LÍNGUAS DE SINAIS</u>	182

CAPÍTULO 1

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

1.1 Introdução

O reconhecimento do estatuto linguístico das Línguas de Sinais (doravante LS) ainda é recente. Isso porque essas línguas, desde a antiguidade, eram vistas como meras mímicas ou pantomimas, isto é, uma forma ou tentativa de comunicação, mas sem qualquer valor linguístico. Para a sociedade greco-romana até a Idade Média, as pessoas que não conseguiam se comunicar oralmente não possuíam direitos legais e sequer eram considerados como seres humanos, seja pela ideia de não raciocinarem, uma vez que a oralidade era considerada como a expressão do pensamento e, logo, o fato de não poderem falar resultava da sua incapacidade de pensar, seja por não poderem pronunciar os sacramentos religiosos e, assim, estarem com as suas almas condenadas à perdição eterna.

Apenas no século XVI surgem as primeiras tentativas de ensino da língua oral falada e escrita para as pessoas surdas, tendo como materiais pedagógicos, além da escrita corrente, alguns gestos adaptados e o chamado alfabeto manual. Esse alfabeto era constituído pela correlação das letras do alfabeto da língua oral com uma determinada configuração de mão, permitindo que fosse feita uma soletração (ou digitação), letra por letra, de palavras e frases. Contudo, a partir do século XVII, as tentativas de ensino das pessoas surdas tendo como base os gestos foi abandonada e até mesmo proibida, com a justificativa de que o uso dos gestos (sinais) atrofiaria a mente dos seus usuários, impedindo-os de aprender a língua oral, única modalidade considerada como língua, de fato. O século XIX surge com a defesa de uma visão patológica da surdez, colocando as pessoas surdas em uma posição de submissão linguística e, por consequência, de submissão política, social e jurídica frente à sociedade oralizada (visão essa que ainda sobrevive, atualmente).¹ Foi apenas na

¹ Para um percurso histórico mais detalhado sobre a surdez e o indivíduo surdo, ver Moura (2000) e Goldfeld (2002).

segunda metade do século XX que as LS, de modalidade gesto-visual, foram compreendidas como línguas naturais, assim como as Línguas Orais (doravante LO).

Nesse período, Stokoe ([1960] 1978), linguista americano, percebendo que os gestos (sinais) não eram desconexos ou meras tentativas de gestualização do inglês, o chamado inglês sinalizado, debruçou-se sobre a análise sistemática da Língua de Sinais Americana (ASL, do inglês *American Sign Language*).² Em sua análise, esse pesquisador percebeu que os sinais são compostos por estruturas, as quais chamou de parâmetros, que, por sua vez, obedecem a um sistema gramatical diferente do inglês oral.³ A partir desse momento, a comunidade científica reconheceu o caráter linguístico das LS, o que permitiu que elas fossem estudadas de forma equivalente às línguas de modalidade oroauditiva.

Assim como as LO, as LS possuem sistemas gramaticais distintos identificados com diferentes países, apresentando, também, dialetos e variações linguísticas. Ou seja, da mesma forma que se distinguem as gramáticas do português e do inglês, têm-se diferentes análises para a Língua de Sinais Brasileira (doravante LSB) e a Língua de Sinais Americana (doravante ASL); e, assim como ocorrem variações dialetais no português falado nas diferentes regiões do Brasil, também a LSB apresenta essas variações.⁴

Até o momento, pouco se conhece sobre a estrutura gramatical da LSB, nos seus mais diferentes níveis. Tal fato pode ser compreendido como resultado de uma forte tendência oralista sobre a surdez e sobre as LS, em geral, que ainda se coloca como uma barreira para a compreensão de que se trata de línguas naturais, tão complexas quanto as línguas orais.

Dessa forma, estudos que se propõem a analisar a estrutura das LS são essenciais, no sentido de se reafirmar para a sociedade o estatuto linguístico desses

² O termo “inglês sinalizado” faz referência ao uso dos sinais na estrutura da língua inglesa oral, o qual diverge, estruturalmente, do sistema da Língua de Sinais Americana, por se tratar de gramáticas distintas. Sobre as diferenças gramaticais, em termos de estruturas linguísticas, entre as LS e as LO, ver Quadros e Karnopp (2004).

³ O termo parâmetro, quando referindo às partes constituintes de formação do sinal em LS, em nada se aproxima na noção de ‘parâmetro’ no âmbito da teoria gerativa. De acordo com Lessa-de-Oliveira (2012a; 2016), esses parâmetros (Mão-Localização-Movimento) são compreendidos como macrossegmentos, compostos por unidades distintas, que constituem a unidade mínima articulatória de formação dos sinais.

⁴ A forma com a qual a Língua de Sinais Brasileira é citada nos estudos da área não é padronizada. Ora é nomeada por Língua de Sinais Brasileira (LSB), ora por Língua Brasileira de Sinais (Libras). Ainda, a forma ‘Libras’ aparece, nesses diversos estudos, com as seguintes grafias: ‘Libras’, ‘libras’ ou ‘LIBRAS’. Neste estudo, optamos por utilizar a forma LSB, para manter um padrão com relação à referência das siglas das línguas de sinais estrangeiras, tais como a ASL (*American Sign Language*), a LSF (*Langue des Signes Française*) e LGP (Língua Gestual Portuguesa), por exemplo.

sistemas gramaticais. No caso específico desta tese, que pretende, sob uma perspectiva teórica gerativista, desenvolver uma análise sobre os processos de correferencialidade nas construções relativas em LSB, a contribuição está, também, na compreensão das propriedades da Gramática Universal, como um estado inicial inato, que se constitui como a base para a aquisição de qualquer modalidade de língua (oral ou sinalizada).⁵

1.2 Objeto de pesquisa

Processos de relativização são comuns a todas as línguas naturais, e, por isso, são objeto de estudo das mais diversas perspectivas teóricas, no âmbito da linguística e, em especial, da teoria gerativa. Do ponto de vista sintático, a relativização se constitui no processo de correferência entre elementos de uma oração matriz e de uma subordinada. Nessa estrutura, estão envolvidos três elementos: (i) o antecedente, (ii) o morfema relativo e (iii) a posição relativizada, que podem ser identificados no seguinte exemplo do português.

(1) Este é o garoto que Julieta ama \emptyset .⁶
antecedente morf. relativo posição relativizada

De Vries (2002), *apud* Medeiros Júnior (2014), denomina “o problema do pivô” a essa propriedade de o nominal relativizado desempenhar um papel na oração matriz, satisfazendo requerimentos sintáticos do predicador mais alto, e também um papel na subordinada, que é a oração relativa. Nesse sentido, o antecedente pode desempenhar uma função sintática diferente da função da posição relativizada na oração matriz e na subordinada, respectivamente. Smith (1964), Vergnaud (1974), Chomsky (1977) e Kayne (1994), por exemplo, desenvolveram análises essenciais sobre a natureza dessas estruturas, tratadas pela tradição normativa como sendo construções de natureza adjetival, que se adjungem a um nome para modificá-lo (ALMEIDA, 1992; CEGALLA, 2008; CUNHA e CINTRA, 2008; ROCHA LIMA, 2008; BECHARA, 2009).

As sentenças relativas do português brasileiro são classificadas, segundo Tarallo (1983), de acordo com a função da posição relativizada, em (i) construções não preposicionais (relativas de sujeito (2a) e relativas de objeto direto (2b)); e (ii)

⁵ Os pressupostos da Teoria Gerativa, proposta pelo linguista Noam Chomsky (1957) e desenvolvida ao longo das décadas subsequentes, até os nossos dias, são apresentados na seção 1.3 deste capítulo.

⁶ Neste estudo, sempre que não houver menção a outro autor, os dados são de nossa autoria.

construções preposicionais (relativas de objeto indireto (2c), relativas de objeto oblíquo (2d)/(2e) e relativas genitivas (2f)) (TARALLO, 1983):

- (2) a. O artista [que Ø morreu] eu o admirava.
- b. Esta é a novela [que eu vi Ø na TV] há vinte anos.
- c. O vereador [a quem eu fiz esse pedido Ø] vai me ajudar.
- d. O emprego [de que estou precisando Ø] é muito concorrido.
- e. A cidade [onde eu moro Ø] é bastante tranquila.
- f. A roseira [cujas flores você colheu Ø] está florida.

Com relação às construções preposicionais, Tarallo (1983) descreve que a construção com a preposição manifesta é considerada, do ponto de vista variacionista, a estrutura padrão (3a), mas há duas estruturas não padrão – uma com a elipse da preposição, a que ele chama relativa cortadora (3b), e outra com a retomada do antecedente por um pronome na oração subordinada, a que ele chama relativa resumptiva (3c) (adaptado de Tarallo (1983)):

- (3) a. Esta é a pessoa [de que Otelo te falou Ø].
- b. Esta é a pessoa [que Otelo te falou Ø].
- c. Esta é a pessoa [que Otelo te falou dela].

As orações relativas também podem ser classificadas segundo aspectos sintáticos e semânticos, os quais têm sido foco de importantes estudos nessa área, a saber: relativas com antecedente, que se subdividem em relativas restritivas (4a) e relativas apositivas (4b); e relativas sem antecedente, conhecidas como relativas livres (4c):⁷

- (4) a. A amiga [que Julieta convidou Ø para a festa] não compareceu ao evento.
- b. Romeu, [que Julieta convidou Ø para a festa], está presente.
- c. [Quem Julieta convidou Ø] confirmou presença.

⁷ No Capítulo 3, dissertamos sobre as propostas das estruturas relativas restritivas e apositivas para as línguas orais, de forma mais detalhada. Não abordamos, no entanto, as propostas para as relativas livres, uma vez que essas não são foco da análise nesta tese.

Com relação às diferenças entre construções relativas restritivas e apositivas, aspectos sintáticos, semânticos e mesmo pragmáticos são levados em consideração nas análises linguísticas (COOPER, 1983; TARALLO, 1983; SMITH, 1964; VERGNAUG, 1974; KAYNE, 1994; KATO e NUNES, 2007; entre outros).

Como se vê, as estruturas das sentenças relativas nas línguas orais já são bastante estudadas; contudo, o mesmo não ocorre em relação às Línguas de Sinais (LS), razão pela qual nos propusemos a analisar os processos de correferencialidade nas construções relativas da Língua de Sinais Brasileira (LSB). Conforme observamos no Capítulo 5 desta pesquisa, as sentenças relativas da LSB e da Língua de Sinais Alemã (DGS – do alemão, *Deutsche Gebärdensprache*) possuem semelhanças estruturais, apresentando ambas: (i) morfema relativo; (ii) núcleo nominal externo à relativa; (iii) núcleo nominal fora do escopo da marcação não-manual – que se espalha ao longo do escopo da relativa. Em todas as LS analisadas (entre as quais a Língua Italiana de Sinais (LIS) e a Língua de Sinais Americana (ASL, do inglês *American Sign Language*), as orações relativas não podem ocorrer de forma isolada.⁸

1.3 Base teórica

O que conhecemos por Gramática Gerativa representa um paradigma teórico, fundado por Noam Chomsky, linguista americano, a partir da obra *Syntactic Structures*, publicada em 1957. Segundo esse paradigma, as línguas humanas apresentam muito mais semelhanças do que se imagina, havendo uma aproximação no campo da gramática das línguas, hipótese que permite explicar o processo de aquisição de língua e o fato de que a variação e a mudança linguísticas são passíveis de sistematização.⁹

Na visão do autor, a espécie humana é dotada de uma Faculdade da Linguagem (FL), sendo esse componente o responsável pela capacidade que os seres humanos possuem de adquirir uma ou mais línguas naturais. Nasceríamos, portanto, já com essas informações codificadas em nosso DNA. Nessa perspectiva, a Faculdade de Linguagem

⁸ No Capítulo 4 deste estudo, apresentamos a análise de Pfau (2016) sobre as línguas de sinais alemã e italiana, com as quais comparamos, em nossa análise, a LSB. A análise da ASL toma como referência os estudos de Ferreira-Brito ([1995]2010) e Quadros e Karnopp (2004).

⁹ Lightfoot (1991) formula, originalmente, a proposta de explicação para a mudança linguística, no âmbito da Teoria Gerativa. Segundo o autor, essa mudança situa-se no processo de aquisição de língua e é definida como a fixação, pela criança, de um valor paramétrico divergente em relação àquele fixado pelo adulto – responsável por fornecer o *input* linguístico para a aquisição. Nesse sentido, as características do *input* são atribuídas a condições externas, de que resulta (incidentalmente) a indisponibilidade da evidência linguística positiva (*trigger*), nos dados do *input*, para a fixação do valor paramétrico do adulto, com implicações para a fixação de um valor paramétrico inovador.

é composta por um conjunto restrito de princípios, os quais regem todas as línguas naturais – e, por isso, são invariáveis –, e um conjunto também limitado de parâmetros, opções binárias que definem a estrutura das línguas particulares, os quais constituem a base para a aquisição de uma língua, a qual é resultado de um arranjo infinito de opções que se aplicam à gramática da língua. Segundo Chomsky (1957), uma língua natural, em termos formais, é um conjunto de sentenças construídas a partir de um conjunto finito de elementos, os quais podem ser combinados de maneira infinita em número e em extensão. Esses elementos básicos são os itens lexicais falados (com articulação oral-auditiva) para as línguas orais e os itens lexicais sinalizados (com articulação gesto-visual) para as línguas de sinais, sendo as sentenças da língua, por sua vez, representáveis em termos de uma sequência dessas unidades relacionadas entre si.

Os princípios e os parâmetros, no seu estado cognitivo inicial (identificado como S_0), ou seja, antes de a criança adquirir uma língua, compõem a Gramática Universal (GU). Durante o processo de aquisição de uma língua materna (ou mais de uma, se for o caso), a criança tem um acesso direto à GU, marcando os parâmetros da sua língua alvo por meio do *input* ao qual está sendo exposta. No momento em que a criança adquire uma gramática (ou língua) particular, ela alcança um estado estável (S_n) de língua. Esse processo pode ser esquematizado da seguinte forma: $GU (S_0) + input > Língua Particular (S_n)$. Assim, a aquisição de uma língua ('L1' ou 'primeira língua') resulta da interação entre o estado inicial (comum à espécie humana) e a experiência (*input*), por meio da qual se tem acesso aos dados de entrada que, por sua vez, permitem ao falante apreender as propriedades específicas que definem o funcionamento da gramática da língua particular à qual é exposto. Segundo Lima-Salles e Naves (2010, p. 20), “desse modo, é possível explicar que a influência da experiência sobre a aquisição de língua seja mínima, tendo em vista a rapidez e a eficiência com que a criança, desde a mais tenra idade, reconhece sua língua”.

Ao adquirir outra língua (L2), fora desse período considerado sensível, o falante parte do conhecimento internalizado da sua gramática particular, utilizando-a como modelo de comparação paramétrica em relação à outra língua em aquisição (L2). Logo, por hipótese, o seu acesso à GU se dá de modo indireto, ou seja, via primeira língua e a aquisição de L2 se desenvolve por meio de um processo de interlíngua, que caracteriza os estágios intermediários de aquisição de L2 (SCHACHTER, 1989; TSIMLI e ROUSSOU, 1999; TSIMLI, 2002; WHITE, 2003). Nesse sentido, para Chomsky, uma

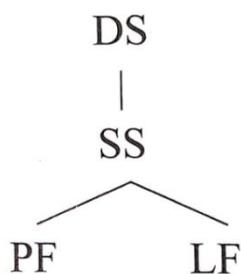
das tarefas do linguista é descrever as línguas particulares para conhecê-las e, por meio delas, chegar ao conhecimento das propriedades da GU.

1.3.1 Postulados gerativistas para a derivação de sentenças

Nesta seção, apresentamos, de forma sucinta, os postulados gerativistas para a derivação de sentenças, os quais vêm sendo aprimorados, ao longo do tempo, de forma a garantir o refinamento dos pressupostos teóricos nesse arcabouço e a possibilitar alcançar os objetivos de adequação descritiva das línguas particulares e, também, de adequação explicativa.

O modelo teórico amplamente desenvolvido, a partir da década de 1980, ficou conhecido como Teoria da Regência e Ligação (*Government and Binding Theory*, GB). Segundo essa versão da teoria de Princípios e Parâmetros, são postulados quatro níveis de representação da derivação das expressões linguísticas: (i) a estrutura-D (*Deep – Structure*, DS); (ii) a estrutura-S (*Superficial – Structure*, SS); (iii) a Forma Lógica (*Logical Form*, LF); e (iv) a Forma Fonética (*Phonetic Form*, PF), conforme representado na figura a seguir:

Figura 1: Níveis de representação – GB.



Fonte: Mito *et al.* (2013, p. 23).

Nesse modelo, a estrutura-D é responsável pelo mapeamento das funções argumentais em um marcador sintagmático, gerando um objeto sintático para o componente transformacional, que inclui a operação Mover α (do inglês, *Move alpha*) e as operações de ligação (do inglês, *binding*), essas últimas responsáveis por estabelecer relações de dependência referencial.¹⁰ Assim, após a atuação do componente

¹⁰ Argumento é o termo técnico para designar os elementos selecionados pelo núcleo predador, configurando a estrutura argumental do predador. Além de selecionar a categoria dos argumentos (sintagma determinante ou sintagma complementador, por exemplo) que lhe são necessários (c-seleção), os predadores também selecionam semanticamente os seus argumentos (s-seleção), como se observa pela gramaticalidade de (i) em oposição a (ii) e (iii):

transformacional, é derivada a estrutura-S, que constitui o nível em que a derivação sofre uma bifurcação, sendo enviada para a Forma Fonética, responsável pela interpretação no componente fonético, e prosseguindo por operações encobertas, em direção à Forma Lógica, responsável pela interpretação conceitual/intencional.

O Princípio de Projeção garante a estabilidade das relações temáticas entre predicadores e argumentos nos diferentes níveis de representação e o Princípio de Projeção Estendido determina que a posição sujeito seja projetada na estrutura oracional. Assume-se, ainda, que as operações do componente transformacional são determinadas por módulos interdependentes, a saber, a teoria X-barras (teoria da representação sintagmática, que explicita as relações hierárquicas entre constituintes), a teoria temática (diz respeito ao papel do léxico no modelo sintático e busca explicar a seleção por meio da noção de papel temático), a teoria do Caso (postula a noção universal de Caso abstrato como uma categoria gramatical necessária para que os sintagmas determinantes sejam interpretados numa sentença) e também por condições de economia, que definem o licenciamento de categorias vazias e vestígios (localidade do movimento) e as relações de controle (obrigatório/não obrigatório) da referência de sujeitos (nulos) de orações não finitas.

Assim, ao assumir a existência, na mente humana, de um dispositivo de aquisição de língua suficientemente restrito para possibilitar a aquisição de uma dada língua a partir dos dados linguísticos primários e suficientemente flexível para permitir a variação translinguística, o modelo de Princípios e Parâmetros pressupõe requisitos da simplicidade, naturalidade, elegância e parcimônia, como critérios conceituais de avaliação das proposições que definem as condições de adequação descritiva e explicativa.

O modelo veio se aprimorando até a proposta do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995; CHOMSKY, 1998; CHOMSKY, 2001; CHOMSKY, 2004 e seguintes). Nesse modelo propõe-se que uma língua L consiste de um sistema computacional (C_{HL}) e de um léxico, o qual é constituído de itens lexicais formados por traços abstratos de três tipos: (i) traços fonológicos; (ii) traços semânticos; e (iii) traços formais. Os traços fonéticos são interpretáveis pela interface fonológica e os traços

(i) A Julieta beijou o Romeu.

(ii) *A pedra beijou o Romeu.

(iii) *A Julieta beijou que o Romeu saiu.

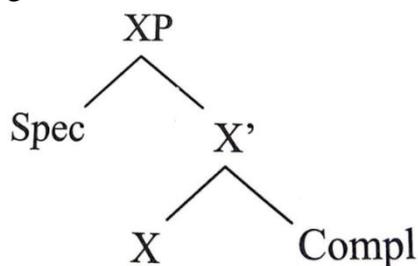
Segundo Miotto *et al.* (2013, p. 130), “os itens lexicais vão sendo estocados na memória, mas o formato do léxico mental é dado pelo nosso aparato genético – isto é, os tipos de categoria e estrutura argumental das palavras que aprendemos devem se conformar a um modelo já existente em nosso(a) cérebro/mente”.

semânticos, pela Forma Lógica. Já os traços formais, a partir dos quais se constituem as expressões linguísticas, são propriedades abstratas relacionadas às representações sintáticas básicas e se dividem em traços interpretáveis, que geram representação na Forma Lógica, e não-interpretáveis, que não recebem interpretação na interface semântica nem na interface fonológica, como, por exemplo, o traço gramatical de Caso.

Quanto ao léxico, os itens que o compõem são distinguidos em termos da oposição entre categorias lexicais e funcionais. Essa oposição é explicada pela distinção entre categorias que ocorrem como predicados, apresentando, portanto, estrutura argumental, e categorias que não apresentam conteúdo descritivo, manifestando propriedades lógicas, as quais se definem por seu caráter invariante e independente do contexto (ROBERTS e ROUSSOU, 2003). Nesse sentido, as categorias lexicais são Nome (N), Verbo (V), Adjetivo (A) e (algumas) Preposições (P). Já categorias como Tempo (T), Complementador (C), Determinante (D) e Negação (Neg) são funcionais. A relação entre categorias é dada pela teoria X-barra, conforme segue:

categorias são primitivos da gramática, definidas por traços projetados como núcleos sintáticos, de acordo com uma teoria da projeção sintagmática, em que se estabelecem relações do tipo núcleo (X)-complemento (*head-complement*) e especificador-núcleo (X) (*spec-head*). (LIMA-SALLES e NAVES, 2010, p. 24).

Figura 2: Estrutura X-Barra.



Fonte: Mito *et al.* (2013, p. 46).

A derivação de uma expressão linguística implica a escolha de itens do léxico, que passam a integrar um elenco (a chamada Numeração), e são submetidos ao procedimento computacional *Merge* ('concatenar'), uma operação binária, que forma objetos sintáticos a partir de itens da Numeração, ou objetos sintáticos já formados.

Conforme proposto por Chomsky (1998), os traços formais não-interpretáveis devem ser apagados por meio de um mecanismo de checagem de traços, o qual é designado como operação *Agree* ('concordar'), propriedade central no sistema

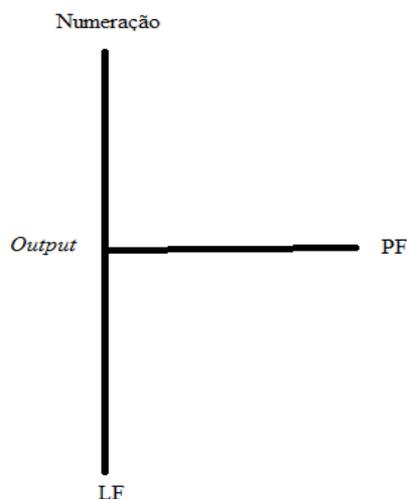
computacional. Quando esses traços não são apagados, a expressão linguística não converge (ou, em outros termos, desmonta).

Segundo Lima-Salles e Naves (2010):

Assim concebido, o programa de pesquisa gerativista busca investigar em que medida a especificidade da linguagem humana é determinada por condições impostas por sistemas cognitivos da mente/do cérebro que fazem interface com a faculdade de linguagem. Nesse sentido, cabe verificar a existência de condições determinadas pelo *output*. Assumindo-se que os objetos linguísticos gerados pelo sistema computacional combinam forma e significado (ou em termos saussureanos ‘significante/significado’), e mantendo-se o fundamento minimalista, duas consequências se extraem: (i) somente os níveis de representação que fazem interface com os sistemas de desempenho Articulatório-Perceptual (A-P) e Conceitual-Intencional (C-I), a saber, PF e LF, respectivamente, são considerados conceitualmente necessários – consequentemente, os níveis de representação intermediários (Estrutura-D e Estrutura-S) são considerados supérfluos; (ii) os sistemas de desempenho A-P e C-I, que fazem interface com PF e LF, impõem um requisito de legitimidade, o que significa que tais níveis correspondem a rearranjos dos traços lexicais definidos no nível da inserção lexical, submetendo-se a língua a uma condição de *Inclusividade* (nenhum traço supérfluo, ou não-interpretável na interface relevante, deve sobreviver na derivação que gera expressões estruturadas para os níveis PF e LF). Uma expressão linguística é, portanto, um objeto formal que satisfaz condições de ambas as interfaces, dado o princípio de *Interpretação Plena*, segundo o qual todos os traços da expressão linguística devem receber uma interpretação. (LIMA-SALLES e NAVES, 2010, p. 25, grifos das autoras).

Assim, no Programa Minimalista (PM), o modelo de derivação de uma expressão linguística é representado da seguinte forma:

Figura 3: Níveis de representação – PM.



Nessa perspectiva, a variação translinguística é explicada pelos diferentes modos com os quais as línguas organizam os traços formais dos itens lexicais, em face de propriedades internas, cuja manifestação é determinada pelos princípios da GU em articulação com os valores paramétricos que determinam uma dada gramática particular.

Outro aporte teórico importante para esta tese é o da Teoria da Ligação. Segundo esse módulo da gramática, as relações de correferência dependem do tipo de sintagma determinante (do inglês *Determiner Phrase*, DP) e da estrutura sintática na qual ele ocorre. Os DPs podem ser de três tipos: (i) anáforas, (ii) pronomes e (iii) expressões-R, podendo cada um aparecer ou não em certas estruturas sintáticas em relações de correferência. Segundo Miotto *et al* (2013, p. 221), as principais propriedades de cada um desses elementos são:

a) Anafórico:

- deve ter um antecedente, isto é, um elemento com o mesmo índice (como k, i, (5a) abaixo, que identifica como sendo ‘Ana’ o antecedente do anafórico ‘se’);
- o antecedente deve c-comandar o anafórico;¹¹

¹¹ A relação de c-comando, essencial para as análises sintáticas no âmbito da Teoria Gerativa, é definida como: “ α c-comanda β se e somente se β é o irmão de α ou se β é dominado pelo irmão de α ” (MIOTTO, SILVA e LOPES, 2013, p. 56). Existem dois tipos de relações de c-comando: o (i) c-comando simétrico ocorre quando β é o irmão de α , ambos no mesmo nível hierárquico na estrutura, e um c-comanda o outro; e o (ii) c-comando assimétrico, quando β é dominado pelo irmão de α , e, assim, α c-comanda β , mas β não c-comanda α .

- o antecedente deve estar dentro de um certo domínio, chamado categoria de regência, que depende da presença do anafórico, do regente do anafórico e de um sujeito independente do anafórico (o que explica a diferença de gramaticalidade entre (5a) e (5b)).

(5) a. A Maria_i disse que a Ana_k se_k adora. Miotto *et al.* (2013, p. 209)

b. *A Maria_i disse que a Ana_k se_i adora.

b) Pronome:

- pode ter um antecedente, mas não é necessária a presença de um;
- se houver antecedente, ele não pode c-comandar o pronome dentro da sua categoria de regência, mas pode c-comandá-lo fora desse domínio (cf. (6a) *versus* (6b));
- aparentemente, a categoria de regência se define do mesmo modo para pronomes e anafóricos, dada a distribuição complementar que existe entre esses dois tipos de DPs;

(6) a. A Joana_k disse que a Maria_i adora ela_k. (MIOTO, SILVA e LOPES, 2013)

b. *A Joana_k disse que a Maria_i adora ela_i.

c) Expressão-R:

- não precisa de antecedente, porque tem autonomia referencial (cf. (7a-b));
- se houver antecedente, ele não pode c-comandar a expressão-R em nenhum domínio (cf. (7c)).

(7) a. Os meninos gostam de sorvete. (MIOTO, 2013, p. 219-220)

b. *Eles_i viram os meninos_i.

A Teoria da Ligação se constitui de alguns princípios, os quais enunciam as possibilidades de correferência que os DPs têm. São eles:

- Princípio A: um anafórico tem que estar ligada em sua categoria de regência;
- Princípio B: um pronome tem que estar livre em sua categoria de regência; e
- Princípio C: uma expressão-R tem que estar livre.

Nesse sentido, “estar ligada” quer dizer estar c-comandada por um elemento que porte o mesmo índice referencial e “estar livre” quer dizer não estar ligado, isto é, não ser c-comandado por um elemento que porte o mesmo índice referencial. Miotto, Silva e Lopes (2013) afirmam que:

se todo DP lexicalmente realizado deve ter Caso e se qualquer das configurações de atribuição de Caso é uma configuração de regência – em particular, o atribuidor do Caso sempre rege o DP que o recebe – é fatal que todo DP lexicalmente realizado tenha uma categoria de regência (...). Por esta razão, nenhum DP lexicalmente realizado consegue satisfazer ao mesmo tempo os Princípios A e B da Teoria da Ligação. (MIOTTO, SILVA e LOPES, 2013).

Quanto às categorias vazias (do inglês, *empty categories*, ec), elas são postuladas de forma a se evitar a violação de algum princípio da gramática, seja do critério temático ou do Caso, como, por exemplo, o argumento externo do verbo ‘viajar’ em (8a), ou mesmo para marcar o movimento de algum elemento no processo de derivação – que se movimenta, mas deixa em sua posição de origem material semântico, como, por exemplo, o argumento externo do verbo ‘amar em (8b), que se move para a posição de sujeito sintático do verbo ‘parecer’:

- (8) a. A Maria_i disse que ec_i viajou. (MIOTTO, 2013, p. 226)
 b. O João_i parece ec_i amar a Maria.

1.3.2 Relevância deste estudo

Este estudo sobre as estruturas relativas da LSB pode contribuir para o avanço das propostas já formuladas acerca dessa temática nas LO e em outras LS, e também para o avanço do conhecimento sobre a natureza da nossa faculdade de linguagem. Para o desenvolvimento desta pesquisa, partimos dos estudos de Prado (2014) e Prado e Lessa-de-Oliveira (2012a; 2012b; 2016), sobre o processo de referencialidade na Língua de Sinais Brasileira (LSB). Segundo as autoras, a construção da referência em LSB é

feita por meio de elementos localizadores (Locs), que se caracterizam pela apontação de referentes, presentes ou ausentes, no espaço de sinalização.

Esses elementos, pertencentes à categoria dos determinantes/sintagmas determinantes (D/DP), podem se apresentar de duas formas: (i) articulados por meio da unidade mínima articulatória Mão-Locação-Movimento (MLMov), sendo classificados como localizadores articulados (Locs-articulados), conforme ilustrado na Figura 4, ou (ii) realizados sem a presença da unidade MLMov, sendo classificados como localizadores não-articulados (LocsNA), conforme ilustrado na Figura 5 (PRADO e LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012b; 2016).

Figura 4: Loc articulado (mão configurada em ‘zê’ 🖐️-h)¹²



LOC_{LEBRE}

Fonte: Prado e Lessa-de-Oliveira (2012b, p. 41).

Figura 5: LocNA do tipo direção do olhar.



[a]LOC_{TARTARUGA}

[b]LOC_{LEBRE}

Fonte: Prado e Lessa-de-Oliveira (2012b, p. 42).

¹² Neste estudo, utilizamos a escrita SEL (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012b), que será descrita no Capítulo 2 desta tese.

Segundo Prado e Lessa-de-Oliveira (2012b) e Prado (2014), dos três tipos possíveis de LocsNA (a saber, (i) movimento de corpo, (ii) pontos inicial e final de verbos direcionais e (iii) direção do olhar), apenas os pontos inicial e final de verbos direcionais e a direção do olhar, conforme ilustrado na Figura 6, apresentam propriedades gramaticais e, portanto, compõem a categoria dos DPs em conjunto com os Loc articulados, em LSB.

Figura 6: LocNA do tipo direção do olhar.



[a]LOC_{TARTARUGA} [b]LOC_{LEBRE}

Fonte: Prado e Lessa-de-Oliveira (2012b, p. 42).

Esta tese tem como mote o nosso interesse por ampliar as investigações sobre os processos de construção referencial e correferencial na LSB, tomando como base os resultados obtidos nas análises da categoria dos determinantes (D/DP) nessa língua (PRADO, 2014). O nosso objetivo, neste estudo, é analisar os processos de correferencialidade nas construções relativas (restritivas e apositivas) na LSB, com base nas propostas de análise para essas estruturas nas línguas orais (especialmente, SMITH, 1964; VERGNAUD, 1974; KAYNE, 1994), uma vez que, como línguas naturais, todas essas modalidades de língua se submetem, por hipótese, às propriedades da Gramática Universal. Assim, é natural supor que haja semelhanças estruturais tanto entre as línguas de sinais e as línguas orais, quanto com as línguas de sinais entre si.

1.4 Questões de pesquisa

Considerando o exposto nas seções anteriores, este estudo investiga a correferencialidade em construções relativas restritivas e apositivas na LSB, norteado pela seguinte questão central de pesquisa: Dada a existência da GU, que conduz ao pressuposto teórico de que tanto LO quanto LS são capazes de estabelecer correferência entre constituintes, qual é a estrutura das construções relativas em LSB?

Essa questão central se desdobra em três perguntas, que configuram os objetivos específicos deste estudo:

- (i) Dada a existência da GU, que conduz ao pressuposto teórico de que tanto LO quanto LS são capazes de estabelecer correferência entre constituintes, qual é a estrutura das construções relativas em LSB?
- (ii) Há evidências da existência morfossintática, em LSB, de uma classe gramatical com função de estabelecer correferência entre D/DPs, equivalente à dos pronomes relativos que encabeçam as sentenças relativas nas LO?
- (iii) É possível identificar, em LSB, diferenças estruturais entre relativas restritivas e apositivas?

1.5 Organização da tese

No Capítulo 1 deste estudo, apresentamos o objeto da nossa pesquisa – as relações de correferência nas construções relativas restritivas e apositivas na LSB –, que foi desenvolvida sob a perspectiva da Teoria Gerativa. Reportamos, também, brevemente os principais postulados teóricos importantes para a análise dos nossos dados e justificamos a relevância deste estudo no âmbito das investigações gramaticais sobre as construções sintáticas das LS e, em última instância, sobre a natureza da Gramática Universal.

No Capítulo 2, realizamos uma descrição detalhada da metodologia empregada neste estudo para a constituição do *corpus* – composto por sentenças articuladas em LSB por participantes surdas –, a seleção das participantes – pessoas surdas (com surdez severa a total), que utilizam a LSB como meio principal de comunicação – e a coleta dos dados – por meio de um conjunto de imagens, de forma a se evitar qualquer interferência de outra língua na produção dos dados pelas participantes. Além disso, nesse capítulo, descrevemos os processos de apresentação (recortes das imagens de cada

sinal produzido nas gravações) e escrita dos dados deste estudo, que utiliza o Sistema de Escrita para Línguas de Sinais (SEL).

No Capítulo 3, retomamos estudos anteriores que versam sobre a construção da referência na LSB, por meio da categoria dos determinantes, uma vez que essa compreensão se faz essencial para que possamos desenvolver a análise sobre a estrutura das sentenças relativas nessa língua, conforme o aporte teórico por nós utilizado.

No Capítulo 4, expomos os estudos e as principais propostas de análise sobre a estrutura das sentenças relativas restritivas e apositivas nas línguas orais, em especial, os trabalhos de Smith (1964), Vergnaud (1974) e Kayne (1994). Além disso, trazemos as discussões existentes até o momento sobre essas estruturas nas línguas de sinais americana (ASL), alemã (DGS), italiana (LIS) e brasileira (LSB).

No Capítulo 5, apresentamos os nossos dados, realizando uma descrição minuciosa sobre a estrutura das sentenças relativas encontradas, cotejando-as com as análises anteriores sobre as outras LS. Procuramos identificar semelhanças e diferenças estruturais entre essas línguas e as línguas orais. Após a descrição dos nossos dados, propomos a nossa análise sobre as relações de correferência nas construções relativas restritivas e apositivas em LSB e apresentamos uma proposta de estrutura sintática para essas construções, com base no trabalho de Kayne (KAYNE, 1994) sobre as relativas do tipo *that*, uma vez que os nossos dados contêm pistas morfossintáticas que apontam para essa estrutura.

Por fim, tecemos as considerações finais deste estudo, abordando os resultados das nossas análises e apresentamos, também, as referências e os apêndices desta pesquisa.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

2.1 Constituição do *corpus*

Depois de definido o nosso objeto de pesquisa, com base no arcabouço teórico que rege as análises deste estudo, a teoria gerativa, o passo seguinte foi o de compor o *corpus* deste trabalho, o qual se constitui de construções relativas restritivas e apositivas em LSB. Para a composição do *corpus*, selecionamos participantes surdas que utilizam a LSB como meio principal de comunicação, não tendo sido uma preocupação o fato de as participantes terem adquirido a língua na primeira infância ou tardiamente, como é o caso da maioria das pessoas surdas, pois, para os fins deste estudo, compreendemos que a língua materna do surdo é a LS, mesmo que essa seja adquirida tardiamente.¹³ Obtivemos a colaboração de quatro pessoas surdas, utentes de LSB como língua materna. Todas aceitaram contribuir com este estudo, depois de previamente esclarecidas sobre a natureza e os objetivos do trabalho, bem como sobre a sua importância para a construção de um conhecimento acadêmico sobre a estrutura da LSB, que ainda é exíguo.¹⁴

Na fase de coleta dos dados, percebemos um grande desafio para os pesquisadores ouvintes da área, uma vez que, como falantes de línguas orais, ainda é difícil para nós compreendermos a modalidade visuoespacial de realização linguística, e, logo, de compreensão de mundo diferente da nossa. A preocupação inicial consistiu em elaborar os testes de modo a obter sentenças sinalizadas em LSB, com o mínimo de interferências de outras línguas, como o português escrito, por exemplo. Nesse sentido, tornou-se relevante o auxílio das participantes surdas e das intérpretes que, gentilmente, ofereceram a sua experiência com as LS, esclarecendo-nos sobre os níveis de

¹³ Em consequência dos fatores associados à estigmatização das LS, as pessoas surdas acabam por adquirir a língua tardiamente, quando em contexto escolar, pelo contato com professores, intérpretes e outros colegas surdos. Apenas uma pequena parte (cerca de 5%) das crianças surdas são filhas de pais surdos, e, por isso, adquirem a LS nos primeiros dias de vida (FERREIRA-BRITO, 2010; PIZZUTO, ROSSINI, et al., 2006; PEREIRA, CHOI, et al., 2011; entre outros). Para uma análise dos estudos sobre os processos de aquisição da LSB por crianças surdas, ver Quadros e Cruz (2011).

¹⁴ Nos Apêndices, constam os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e os Questionários, assinados e preenchidos pelas participantes deste estudo.

interferência do português escrito nas produções em LSB, o que nos possibilitou vislumbrar uma forma de coleta de dados que evitasse essas interferências.¹⁵

2.2 Participantes desta pesquisa

Conforme mencionamos na seção anterior, optamos por trabalhar com pessoas surdas que necessariamente utilizassem a LS como meio principal de comunicação, nos mais diversos âmbitos da sua vida, e que fossem de fácil acesso à pesquisadora.

Foram selecionadas, inicialmente, três pessoas que se encaixaram no perfil de colaboradores que traçamos para este estudo: duas mestrandas do programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (PPGL/UnB) e uma professora efetiva do curso de graduação em Letras – Língua de Sinais Brasileira/Português como Segunda Língua, ofertado pela UnB.¹⁶ Posteriormente, contamos, também com a colaboração de mais uma participante surda, mestranda do PPGL/UnB e professora de LSB no Instituto Federal do Mato Grosso (IFMT).¹⁷

A seguir, apresentamos as descrições das participantes deste estudo, com base nos questionários sociolinguísticos respondidos e que se encontram disponíveis nos Apêndices desta tese. Para os fins de preservação da identidade das participantes, neste trabalho referimo-nos a elas por um número, correspondente à ordem de coleta dos dados, seguido pela letra inicial do nome da participante.

2.2.1 Participante 1R

A participante 1R, aluna do curso de Mestrado em Linguística na UnB, é professora efetiva de Língua de Sinais Brasileira (LSB) na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

¹⁵ Agradecemos às tradutoras-intérpretes de Língua de Sinais Brasileira da Universidade de Brasília (TILS/UnB), por contribuírem, de modo tão paciente e generoso, para que pudéssemos aprimorar o nosso método de coleta de dados, guiado por imagens.

¹⁶ Cabe ressaltar que as participantes alunas do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB, ao final da produção desta tese, já concluíram o seu curso, em nível de Mestrado.

¹⁷ Esclarecemos que essa participante, em específico, apresenta surdez bilateral profunda, e, apesar de ser oralizada (denominação dada aos surdos congênitos ou adquiridos que utilizam qualquer língua oral para se comunicar), utiliza a LSB como meio principal de comunicação. Não sabemos, ao certo, se e o quanto de interferência da estrutura da língua portuguesa pode haver na produção linguística em LS dessa participante, mas partimos do pressuposto de que, como falante da LSB, ela produza sentenças perfeitamente gramaticais nessa língua. No caso dessa participante, em específico, a língua portuguesa, em suas modalidades oral e escrita, é por ela utilizada em contextos de interação com pessoas ouvintes e não falantes de LSB.

Segundo a participante, sua audiometria revela uma perda auditiva bilateral de 90% e ela se identifica como pessoa surda.¹⁸ Dessa forma, a LSB é a sua língua materna e, quando necessário, a Língua Portuguesa (LP), na sua modalidade escrita, é utilizada como segunda língua. Apesar de haver alguns desvios gramaticais na escrita em LP das suas respostas à entrevista, esses não comprometeram a sua comunicação nessa língua com os ouvintes.¹⁹

Como a LP é a sua segunda língua, a participante salienta a importância de as pessoas surdas terem fluência nessa língua para se comunicar com a maioria da população brasileira, que é de ouvintes, garantindo, inclusive, o seu acesso à saúde, educação e demais serviços públicos (o que não tira a responsabilidade das pessoas ouvintes de adquirir a LSB como segunda língua, uma vez que se trata de uma língua reconhecida pela legislação brasileira como sendo a língua de comunicação dos surdos, que lhes permite o acesso à cidadania e à inclusão social e linguística). Contudo, a participante relata se comunicar, prioritariamente, por meio da LSB.

2.2.2 *Participante 2C*

A participante 2C, aluna do curso de Mestrado em Linguística na UnB, é professora do Magistério Superior na mesma universidade.

Segundo a participante, o seu exame de audiometria detectou uma surdez bilateral profunda e ela se identifica como pessoa surda. Apesar de não se considerar proficiente na modalidade escrita da LP, não encontramos muitos desvios gramaticais em suas respostas às perguntas da entrevista. Entretanto, um certo desconforto na utilização da LP escrita é enfatizado quando a participante afirma não ser oralizada, por não se sentir confortável em se submeter a esse processo.²⁰

¹⁸ Audiometria é um exame que avalia a capacidade do paciente para ouvir e interpretar sons e detecta possíveis alterações auditivas. Apesar de os exames audiométricos revelarem perdas auditivas, não é óbvio que a pessoa com esse quadro se identifique como pessoa surda. Estudos sobre cultura e identidade surda mostram que muitas pessoas, apesar de apresentarem quadros desse tipo, não se identificam como pessoas surdas (ver Moura (2000), Felipe e Monteiro (2001) e Skliar (2001), entre outros).

¹⁹ Não tratamos mais detalhadamente das estruturas escritas em LP pelas participantes, uma vez que esse não é o foco deste estudo.

²⁰ Na área dos estudos sobre a surdez, muitas questões são bastante delicadas e nada pacíficas entre os estudiosos. Alguns grupos defendem a oralização como forma de inclusão social dos surdos no mundo ouvinte. Contudo, essa visão é fortemente contestada por outros grupos, que defendem que, historicamente, essa prática envolve processos extremamente longos e cansativos que não garantem aos surdos profundos uma proficiência na fala e na leitura labial, além de terem um caráter preconceituoso, provindo de uma visão patológica da surdez, que promove a dominação e a subjugação linguística, identitária e cultural dos surdos pelos ouvintes. Sobre essas questões, ver Stokoe (1960), Moura (2000), Felipe e Monteiro (2001), Skliar (2001), Goldfeld (2002), Pereira et al. (2011).

Quando questionada se considerava a LSB como sua língua materna, apesar de apresentar um quadro de surdez severa, de se identificar como pessoa surda e de utilizar a LSB como meio principal de comunicação, a participante diz que “não, era pequena que eu usava ser gestual e mimica da minha língua materna porque não tinha lei de libras”. Consideramos que esses usos que ela qualifica como de gestos e mímica correspondem a estágios iniciais da LSB, que deve ser compreendida como a sua língua materna.

2.2.3 *Participante 3F*

A participante 3F, professora do Magistério Superior na Universidade de Brasília, também é aluna do curso de Mestrado na mesma universidade. O seu exame de audiometria revela um quadro de surdez bilateral profunda total e ela se identifica como pessoa surda, cuja língua principal utilizada na sua comunicação é a LSB.

A participante afirma ter proficiência na modalidade escrita da LP, apresentando apenas poucas inadequações coesivas nos textos escritos das suas respostas à entrevista – nada que interfira na sua comunicação. Ela diz não ser oralizada, por não se sentir confortável com esse processo, uma vez que, apresentando surdez total, não consegue ouvir nenhum som emitido pela sua voz, fator apontado como dificultador do processo.

Assim como a participante 2C, a participante 3F não compreende a LSB como sua língua materna, uma vez que, segundo a sua perspectiva, utilizava basicamente de mímicas e gestos caseiros para se comunicar durante a sua infância, além de não haver, à época, uma legislação sobre essa língua.²¹

2.2.4 *Participante 4S*

A participante 4S, aluna do curso de Mestrado em Linguística na UnB, é professora de LSB no Instituto Federal do Mato Grosso (IFMT). O exame audiométrico dessa participante revela um quadro de surdez bilateral profunda e ela se identifica como pessoa surda.

²¹ Devido ainda à falta de conhecimento sobre o estatuto linguístico das LS, no geral, as famílias rejeitam o acesso das crianças surdas a essa modalidade linguística. Assim, por não conseguirem ouvir e se comunicar por meio de uma língua oral, criam-se os chamados “gestos caseiros”, que, apresentando certo nível de estrutura – bastante simplificado, se comparado às línguas naturais –, servem como meio de comunicação entre a família e a criança. Sobre esse tema, ver Quadros e Pizzio (2007) e Quadros (2012).

Diferentemente das demais, a participante é oralizada e afirma utilizar a LSB e a modalidade oral da LP como os dois meios principais de comunicação. Contudo, não se considera proficiente na modalidade escrita da LP. Assim como as últimas duas participantes, a participante 4S, por ter adquirido a LSB tardiamente, aos 18 anos de idade, não considera a LS como sua língua materna, por não a ter adquirido desde os primeiros anos de vida. Mesmo assim, consideramos que, apesar de a LS ter sido adquirida pela participante tardiamente, ela continua sendo a sua língua materna, uma vez que é a que atende ao canal mais apropriado para o *input* linguístico no caso dos surdos.

2.3 Coleta dos dados

Realizamos a coleta de dados ao longo da disciplina denominada “Laboratório de Análise Linguística 2: Sintaxe”, ofertada pela Profa. Dra. Rozana Reigota Naves, cujas reuniões semanais ocorreram na sala de aula da disciplina.

Inicialmente, fizemos uma apresentação da proposta de análise sobre os determinantes em LSB (PRADO e LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012b; 2016), focalizando a nossa discussão nos exemplos de possíveis estruturas relativas (PRADO, 2014, p. 62-63), extraídas das narrativas em LSB produzidas para os trabalhos supracitados.²² Essas sentenças foram apresentadas às colaboradoras desta pesquisa, por meio de uma apresentação em *slides*, ministrada em língua portuguesa e interpretada em LSB pela equipe de tradutores-intérpretes da UnB.

Contudo, ao apresentar às participantes, coletivamente, as estruturas daquele estudo, elas as compreenderam como sentenças realizadas em uma estrutura de português sinalizado, ou seja, para elas, essas sentenças não apresentavam a estrutura da gramática da LSB, mas eram como sinais articulados na estrutura da língua portuguesa. Analisando o questionamento das participantes surdas, percebemos que o fato de as sentenças terem sido produzidas tendo como suporte o português escrito propiciou um enviesamento dos dados, direcionando as participantes a articularem as sentenças sinalizadas na estrutura do português e não na da LSB, como era o objetivo do estudo.

Percebido o entrave, elaboramos, com o auxílio das intérpretes da língua de sinais brasileira, estratégias para evitar a interferência da estrutura do português escrito

²² É importante salientar que Prado (2014) teve como foco do seu estudo a análise da categoria D/DP em LSB. Assim, o estudo de estruturas relativas naquele trabalho foi de caráter experimental.

na produção das sentenças pelas participantes deste estudo. O trabalho de coleta de dados foi, então, desenvolvido com a utilização de imagens, a partir das quais as participantes puderam produzir as sentenças desejadas para as nossas análises. Criamos pares de imagens que representassem duas informações sobre um mesmo referente, com o cuidado de evitarmos a presença de qualquer palavra ou mesmo de qualquer letra em português, ou outra língua. Essas imagens foram coletadas por meio do *Google* imagens e organizadas em *slides*, na ferramenta *PowerPoint*, do *Windows* e encontram-se disponíveis no Apêndice 3 desta tese.

Depois de organizado esse material, conversamos com as colaboradoras sobre o tema do nosso trabalho e seus objetivos. Após o consentimento formal de cada uma em contribuir com este estudo, as colaboradoras preencheram um questionário com informações sobre a forma com a qual se relacionam com a LSB, dos quais foram extraídas as informações que apresentamos na seção anterior.

No processo de coleta dos dados, as participantes observaram, individualmente, os pares de imagens, identificaram as informações contidas em cada uma delas e foram solicitadas a descrever as imagens, utilizando, para isso, apenas uma sentença que contivesse as duas informações contidas nas imagens sobre o mesmo referente. Essa fase durou algumas horas, uma vez que as colaboradoras precisavam observar e compreender as informações apresentadas sobre cada referente e elaborar a estrutura complexa que havia sido solicitada. Assim, algumas tentativas foram realizadas até que as participantes sentissem que haviam conseguido produzir uma sentença em LSB que atendesse o objetivo da pesquisa.²³ O processo contou com a mediação de uma tradutora-intérprete da UnB. A produção dos dados feita de forma individual possibilitou que evitássemos interferências na produção linguística de uma colaboradora em relação à outra, bem como possíveis constrangimentos para as participantes durante as nossas gravações, preservando-lhes a integridade emocional.

2.4 Sistema de escrita para apresentação dos dados coletados

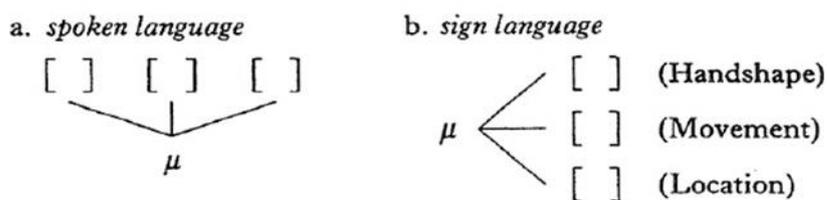
A tarefa de apresentação dos dados de pesquisas sobre a LSB (e as LS, em geral) é uma etapa bastante desafiadora, pelo fato de essa língua ainda não possuir uma grafia oficial. Esse fato também dificulta as análises sobre a configuração gramatical dessas

²³ No Apêndice 7 encontram-se os dados descartados, por entendermos que esses não se constituíam como construções relativas, foco desta pesquisa. Esses dados serão analisados em estudos futuros.

línguas pelos pesquisadores, conforme explicamos ao longo desta seção. Nesse contexto, alguns sistemas de apresentação dos dados dessas línguas têm sido desenvolvidos e utilizados nos trabalhos científicos.²⁴

Um sistema escrito eficaz para as LS, que são de natureza tridimensional, deve ser capaz de traduzir gestos e expressões corporais que compõem os sistemas gramaticais nessas línguas em caracteres que possam ser grafados no papel, que é unidimensional. Os sistemas de escrita e os sistemas de transcrição de LS se baseiam no sistema proposto por Stokoe (1976), que observou que cada sinal apresenta pelo menos três partes independentes – localização, configuração de mãos e movimento –, conhecidos como parâmetros de formação do sinal, os quais se aproximam da noção de fonema nas línguas orais, como representado na Figura 7, a partir de um feixe de traços:

Figura 7: Linearidade vs. simultaneidade de traços em línguas orais e de sinais.



Fonte: Van der Hulst (1993, *apud* MARINHO, 2014, p. 49).

Com base nessa constatação, e a partir da publicação da obra *Dictionary of American Sign Language*, de Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), em que os itens lexicais não foram organizados de acordo com uma temática específica, mas de forma sistemática, de acordo com as suas partes constituintes, Stokoe (1976) criou o primeiro sistema de notação para a Língua de Sinais Americana (ASL), como mostra a figura a seguir:^{25; 26}

²⁴ Os sistemas de escrita não são análogos aos sistemas de transcrição de línguas naturais. Segundo Houaiss e Villar (2009), sistemas de transcrição se referem à escrita de dados para estudo linguístico, registrando a pronúncia real do informante. Geralmente, esses sistemas são compostos por alfabeto criado especialmente para esse fim, tal como o Alfabeto Fonético Internacional (IPA, do inglês *International Phonetic Alphabet*). Já os sistemas de escrita são a representação da linguagem falada por meio de signos gráficos adotados correntemente por uma comunidade. Assim, temos a representação da palavra 'casa', no sistema de escrita alfabético da língua portuguesa, e [k'a.zɐ], no sistema de transcrição fonética IPA.

²⁵ O termo 'notação', segundo Houaiss e Villar (2009), refere-se a um símbolo ou conjunto de símbolos ou caracteres com que é feita a representação gráfica de elementos de determinado campo de conhecimento.

²⁶ Os parâmetros descritos por Stokoe (1960) foram *Tabula (TAB)*, *Designator (DEZ)*, e *Signation (SIG)*, que ficaram conhecidos respectivamente como: Localização – Configuração de mãos – Movimento. A estes parâmetros foram acrescentados posteriormente por Battison (1974, 1978): direção de mão (DA), expressão facial (EF), tratados também como marcações não manuais (NM), e orientação de palma.

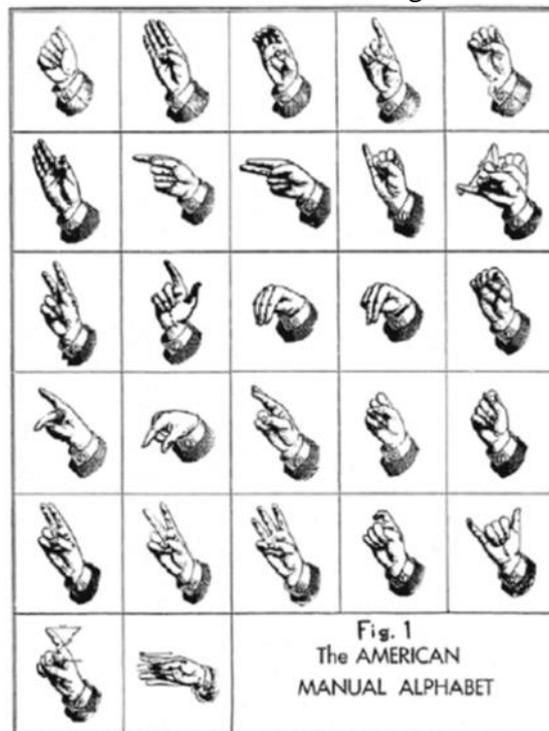
Quadro 1: Símbolos utilizados por Stokoe para a notação dos sinais da ASL.

Tab symbols		
1. Ø	zero, the neutral place where the hands move, in contrast with all places below	
2. □	face or whole head	
3. ∩	forehead or brow, upper face	
4. △	mid-face, the eye and nose region	
5. ∪	chin, lower face	
6. 3	cheek, temple, ear, side-face	
7. II	neck	
8. []	trunk, body from shoulders to hips	
9. \	upper arm	
10. √	elbow, forearm	
11. Q	wrist, arm in supinated position (on its back)	
12. D	wrist, arm in pronated position (face down)	
Dez symbols, some also used as tab		
13. A	compact hand, fist; may be like 'a', 's', or 't' of manual alphabet	
14. B	flat hand	
15. 5	spread hand; fingers and thumb spread like '5' of manual numeration	
16. C	curved hand; may be like 'c' or more open	
17. E	contracted hand; like 'e' or more claw-like	
18. F	"three-ring" hand; from spread hand, thumb and index finger touch or cross	
19. G	index hand; like 'g' or sometimes like 'd'; index finger points from fist	
20. H	index and second finger, side by side, extended	
21. I	"pinkie" hand; little finger extended from compact hand	
22. K	like G except that thumb touches middle phalanx of second finger; like 'k' and 'p' of manual alphabet	
23. L	angle hand; thumb, index finger in right angle, other fingers usually bent into palm	
24. 3	"cock" hand; thumb and first two fingers spread, like '3' of manual numeration	
25. O	tapered hand; fingers curved and squeezed together over thumb; may be like 'o' of manual alphabet	
26. R	"warding off" hand; second finger crossed over index finger, like 'r' of manual alphabet	
27. V	"victory" hand; index and second fingers extended and spread apart	
28. W	three-finger hand; thumb and little finger touch, others extended spread	
29. X	hook hand; index finger bent in hook from fist, thumb tip may touch fingertip	
30. Y	"horns" hand; thumb and little finger spread out extended from fist; or index finger and little finger extended, parallel	
31. 8	(allocheric variant of Y); second finger bent in from spread hand, thumb may touch fingertip	
Sig symbols		
32. ^	upward movement	} vertical action
33. v	downward movement	
34. N	up-and-down movement	
35. >	rightward movement	} sideways action
36. <	leftward movement	
37. z	side to side movement	
38. τ	movement toward signer	} horizontal action
39. ±	movement away from signer	
40. ±	to-and-fro movement	
41. Q	supinating rotation (palm up)	} rotary action
42. D	pronating rotation (palm down)	
43. ω	twisting movement	
44. D	nodding or bending action	} interaction
45. □	opening action (final dez configuration shown in brackets)	
46. #	closing action (final dez configuration shown in brackets)	
47. x	wiggling action of fingers	} interaction
48. ⊙	circular action	
49. X	convergent action, approach	
50. x	contactual action, touch	} interaction
51. X	linking action, grasp	
52. †	crossing action	
53. ⊙	entering action	} interaction
54. †	divergent action, separate	
55. "	interchanging action	

Fonte: Stokoe (1976 *apud* MARINHO, 2014, p. 51).

Além desse sistema de notação, o autor propôs um alfabeto manual para a ASL, apresentado no quadro a seguir:

Quadro 2: Alfabeto manual norte-americano, segundo Stokoe ([1960]1978).



Fonte: Stokoe ([1960]1978 *apud* MARINHO, 2014, p. 52).

Esse alfabeto é um conjunto de símbolos digitais associados às letras do sistema alfabético da língua oral, diferenciando-se, portanto, dos alfabetos manuais propostos anteriormente, bem como dos alfabetos manuais de outras línguas de sinais.²⁷ Ele é aplicado à datilologia como reprodução da forma escrita de uma palavra da língua oral, respeitando a exata ordem em que cada letra é disposta.²⁸

Mais recentemente, outros sistemas foram propostos, uns adotando uma estrutura linear e outros uma estrutura de formas gráficas e icônicas. Entretanto, ainda

²⁷ O alfabeto manual varia de país para país. O da Língua Gestual Portuguesa (LGP), por exemplo, é bastante diferente do alfabeto manual da LSB, conforme ilustram, respectivamente, os quadros (a) e (b).

Quadro (a): Alfabeto Manual da LGP.



Quadro (b): Alfabeto Manual da LSB.



²⁸ A datilologia é a comunicação por meio de configurações de mãos/dedos que correspondem a uma letra do alfabeto de uma determinada língua oral. Considerada como a periferia do léxico, é utilizada apenas em casos específicos, como na soletração de nomes próprios, por exemplo.

não há uma padronização das formas de notação das LS, como ocorre com as línguas orais (LO).²⁹

A maneira de se registrar os sinais em LS não é um fator de mera escolha de uma ou de outra proposta de sistema para a escrita dos sinais. Ao contrário, o sistema que o pesquisador escolhe utilizar para apresentar os seus dados em LS representa, *a priori*, a forma como cada pesquisador compreende a estrutura interna do sinal (MARINHO, 2014, p. 84).

Nesta tese, utilizamos o Sistema de Escrita em Línguas de Sinais (SEL), de natureza trácica-fonêmica, criado por Lessa-de-Oliveira, por considerarmos que esse sistema de escrita preserva os traços articulatórios dos elementos que compõem a estrutura dos sinais e das sentenças, sendo possível, por meio da leitura da escrita de um determinado sinal nesse sistema, reproduzir completa desse sinal, tal qual fora articulado. Outro fator motivador para a nossa escolha por esse sistema de escrita para a LS diz respeito à constituição das construções relativas analisadas neste estudo. Conforme explicitamos a seguir, o sistema SEL tem como base a unidade mínima articulatória Mão-Locação-Movimento (MLMov), proposta por Lessa-de-Oliveira (2012a; 2012b; 2019). Segundo a autora, na LSB existem sinais compostos por uma ou mais unidades MLMov e, segundo Almeida (2013), existem sinais que apresentam uma única unidade MLMov com uma ou mais raízes semânticas. Neste estudo, descobrimos que as construções relativas restritivas e apositivas em LSB postas em análise são compostas por meio da articulação de um sinal contendo uma única unidade MLMov, o

²⁹ Entre os sistemas desenvolvidos recentemente, podemos citar:

- (i) *Sign Language IPA* – SLIPA (PETERSON, 2003): sistema de alfabeto fonético internacional para as LS, criado com o objetivo de poder ser utilizado e compreendido por pesquisadores de qualquer idioma de LS, por ser internacional. Representa os elementos de constituição dos sinais por meio de letras do alfabeto latino, algarismos arábicos e outros símbolos disponíveis nos teclados dos computadores, sem a necessidade de se utilizar símbolos especiais. A notação é linear, tal como a concebida por Stokoe, e segue a ordem local ou ponto de articulação (P = *place*), movimento (M = *movement*) e configuração de mão (HS = *handshape*);
- (ii) Sistema Ferreira-Brito & Langevin – SFBL (FERREIRA-BRITO, 2010): bastante difundido no meio acadêmico, é, ainda hoje, referência para o desenvolvimento de outras propostas de sistemas de transcrição para essas línguas. As descrições dos sinais nesse sistema obedecem à ordem dos parâmetros proposta por Stokoe (1976), a saber, Configuração de Mãos – Ponto de Articulação – Movimento – Orientação;
- (iii) *SignWriting* – SW (SUTTON, 2000 *apud* STUMPF, 2005): criado pela coreógrafa Valerie Sutton, com base no *DanceWriting*, representa uma proposta para registrar os movimentos corporais que compõem a articulação visuoespacial das LS. Esse sistema representa, de forma simultânea, os parâmetros de composição dos sinais, a saber, configuração de mão, movimentos, expressões faciais, além de movimentos corporais, e consolidou-se, de certa forma, como uma das propostas mais defendidas por alguns estudiosos da área para se tornar o sistema de escrita, e não apenas de notação, para as LS e para a LSB, constituindo, inclusive, disciplina obrigatória em cursos de graduação em Letras/Libras, ofertada por grandes universidades;

Para mais informações sobre esse assunto, ver Marinho (2014).

que é um achado importante desta tese e justifica a atenção dada para a escolha e descrição detalhada da composição e do funcionamento desse sistema de escrita.³⁰ Na próxima seção, descrevemos o sistema SEL.

2.5 Sistema de Escrita para Línguas de Sinais (SEL)

Segundo Lessa-de-Oliveira (2019, p. 104), “a inclusão das pessoas surdas no mundo letrado parte da existência de uma escrita de línguas de sinais que funcione no cotidiano”.

A autora desenvolve um sistema de escrita de natureza trácico-fonêmica que é capaz de escrever linearmente, da esquerda para a direita, não apenas a Língua de Sinais Brasileira, mas qualquer idioma de LS. Segundo a autora:

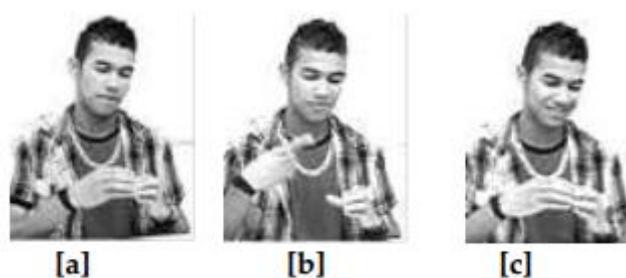
A tarefa de criar um sistema de escrita para línguas de sinais exigiu de nós um grande esforço investigativo para atender às condições fundamentais a um sistema de escrita alfabético, quais sejam: a capacidade de representar qualquer item lexical da língua com precisão articulatória; a possibilidade de ser grafado, de maneira fácil e rápida, tanto via escrita mecânica quanto de forma manuscrita; e, principalmente, é imprescindível ao sistema a possibilidade de promover a automatização de processamento na leitura e na escrita. Abordamos esta questão investigando as características articulatórias dos sinais da Libras, chegando à identificação do que é, na nossa hipótese, a estrutura articulatória dos sinais em Libras, cuja unidade articulatória básica chamamos de MLMov. Foi com base nessa estrutura articulatória que o sistema de escrita para línguas de sinais SEL foi elaborado. (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2019, p. 104-105).

Para a constituição desse sistema, a autora realizou um estudo sobre aspectos importantes e característicos das LS, que, por sua natureza articulatória gesto-visual, é composta por elementos gestuais e linguísticos. Esses elementos gestuais são classificados na literatura especializada como processos ‘imagéticos’, ‘miméticos’ ou ‘icônicos’.³¹ Segundo Lessa-de-Oliveira (2019), ainda são necessários estudos mais ampliados sobre a natureza desses elementos e sobre o seu papel na estrutura dessas línguas. A autora ilustra esse fenômeno com o seguinte exemplo, retirado da gravação de uma história narrada por um informante surdo, e explica a realização do sinal:

³⁰ No capítulo 5 deste estudo retomamos esse tópico para a descrição e análise das construções relativas analisadas.

³¹ A autora cita outros estudos sobre os elementos gestuais (miméticos) presentes nas LS, como Klima e Bellugi (1979), McCleary e Viotti (2011) e LIDDELL (2003).

Figura 8: Movimentos feitos por sujeito-informante (SI) na realização do sinalOVO.



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019, p. 106).

O sinal OVO em Libras é realizado com a junção das pontas dos dedos das mãos esquerda e direita configuradas em gancho, seguida de um movimento simultâneo em curva para baixo à esquerda pela mão esquerda e à direita pela mão direita. No exemplo (...), entretanto, o sujeito-informante surdo (SII) falante de Libras realizou esse sinal de maneira diferente. Ele juntou as pontas dos dedos das mãos esquerda e direita configuradas em gancho (figura 1a), dispensou o movimento de curva para baixo das duas mãos e realizou, com a mão direita configurada em zê4 , um movimento circular, no plano sagital, enquanto a mão esquerda permaneceu imóvel como configurada anteriormente (figura 1b). Em seguida a mão direita assumiu novamente a configuração gancho, juntando as pontas dos dedos aos da mão esquerda, que permaneceu imóvel todo o tempo (figura 1c). (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2019, p. 106)³²

Lessa de Oliveira analisa essa diferenciação na articulação do sinal convencional para OVO e da variação desse sinal realizada pelo seu informante com base na existência de processos icônicos relacionados a esse sinal, associando-se à articulação do sinal a uma realização mimética constante. A autora afirma ainda que:

É importante observarmos que tais processos miméticos são próprios da modalidade falada de línguas de sinais, que, devido à sua natureza gestual, confunde-se com outros processos gestuais que podem fazer parte da linguagem, mas talvez não façam parte da gramática da língua. Supomos que, na modalidade escrita, tais processos não encontrarão espaço para ocorrer devido à natureza mais sistemática e rígida dessa modalidade. Isto é assim também em língua oral. (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2019, p. 106).

Com base em Kato (1995), que defende que as modalidades falada e escrita da língua são parcialmente isomórficas, Lessa-de-Oliveira (2019) afirma que, com relação a uma língua ágrafa, como as LS, a modalidade falada pode ser modificada por meio do

³² A Figura 1a é representada neste estudo pela Figura 8a, enquanto as Figuras 1b e 1c, citadas pela autora são representadas nesta tese pelas Figuras 8b e 8c.

contato com uma modalidade escrita para essa língua, dois sistemas de natureza e função distintas.

Com relação às condições técnicas de elaboração de um sistema de escrita, a autora chama atenção para aspectos, como: (i) a linearidade e a arbitrariedade; (ii) a unidade mínima articulatória para a LSB – MLMov; e (iii) as características dos componentes articulatórios do sinal e sua representação pelo sistema SEL.

Quanto ao primeiro aspecto, apesar de alguns autores apontarem o alto grau de iconicidade das LS, a autora, com base nos pressupostos saussureanos, assume os fundamentos da linearidade e da arbitrariedade presentes em todas as línguas naturais, independente da sua modalidade de articulação fonética. Nesse sentido, o conceito de linguagem estrita (*strict language*), inata e biologicamente determinada na espécie humana, é utilizado para diferenciar a língua/gramática de outros sistemas de linguagem, como a linguagem matemática, por exemplo. Segundo a autora:

um sistema de escrita para *strict language* precisa atender a certos requisitos associados à faculdade da linguagem. Um desses requisitos é tentar entender como é que o cérebro humano processa o sistema escrito de modo a automatizar a decodificação desse, sem a necessidade de pensar nas regras desse sistema no ato da leitura e da escrita. (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2019, p. 108).

Ainda segundo Lessa-de-Oliveira (2019, p. 108), a arbitrariedade é um requisito importante para a automatização de um sistema de escrita, ou seja, o significante não pode ser motivado pelo significado, para que ocorra a automatização da associação entre essas duas faces do signo linguístico. Por esse motivo, a autora afirma que “a mímica não pode fazer parte da estrutura das línguas de sinais” (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2019, p. 108).

Sobre a constituição dos caracteres que compõem o sistema SEL, a autora afirma que a iconicidade no formato dos seus caracteres “não interfere nas regras de disposição linear dos caracteres, nem leva o leitor a tentar visualizar no significante uma forma pictórica que o ajude a identificar seu significado”(LESSA-DE-OLIVEIRA, 2019, p. 108).

Quanto à linearidade, observam-se as bases estabelecidas por Saussure ([1916]2006), que associam-na à natureza acústica do significante. Nas línguas orais, há essa linearidade por meio da sucessão dos fonemas no tempo, em um *continuum* sonoro, em uma dimensão linear. Isso pode ser também aplicado às LS, uma vez que podem-se

observar sinais compostos por duas unidades mínimas articulatórias, uma sucedendo a outra. Para as línguas de sinais, a autora explica que essa linearidade pode ser observada pelo encadeamento de sinais compostos por mais de uma unidade MLMov, sendo esse encadeamento imprescindível para um sistema de escrita, tanto no nível da articulação do sinal, quanto no nível da sentença.

Assim, tomando como base os princípios de arbitrariedade e linearidade do signo linguístico, essenciais à automatização e ao processamento na leitura e na escrita, Lessa-de-Oliveira (2019) desenvolve um sistema de escrita que representa os elementos da unidade mínima articulatória, Mão-Locação-Movimento (MLMov). Essa unidade, como discutimos ao longo deste estudo, é essencial para a investigação da natureza das construções relativas na LSB.

O segundo aspecto para a elaboração do sistema de escrita SEL pela autora foi a unidade MLMov (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012a). Com base em estudos anteriores, a autora propõe que os elementos designados como configuração de mão (DEZ), movimento (SIG), ponto de articulação ou locação (TAB)³³, orientação do movimento, orientação da palma e expressão facial são constituintes do primeiro nível de segmentação de sistemas articulatórios das LS, podendo ser equiparados mais a traços distintivos do que a fonemas. Associados a esses elementos, são acrescentados três eixos de posição da mão, três planos de movimento, tipo de movimento de mão, movimento de dedo e ponto de toque.

Acima desse nível, encontram-se os chamados macrossegmentos Mão (M), Locação (L) e Movimento (Mov), que comportam outros traços em sua composição. O macrossegmento Mão comporta os traços de configuração de mão, eixo da mão, orientação de palma e pontos de toque (toque na mão); o macrossegmento Locação comporta os traços parte do copo e ponto de toque (toque no corpo); e o macrossegmento Movimento comporta os traços movimento de mão, que inclui tipo, plano e direção; e movimento de dedo, que inclui identificação de dedos e tipo de movimento. Nesse sistema, o traço expressão facial não é componente de nenhum dos macrossegmentos, sendo utilizado apenas quando necessária à interpretação ou em sinais psicológicos, como FELIZ e TRISTE.

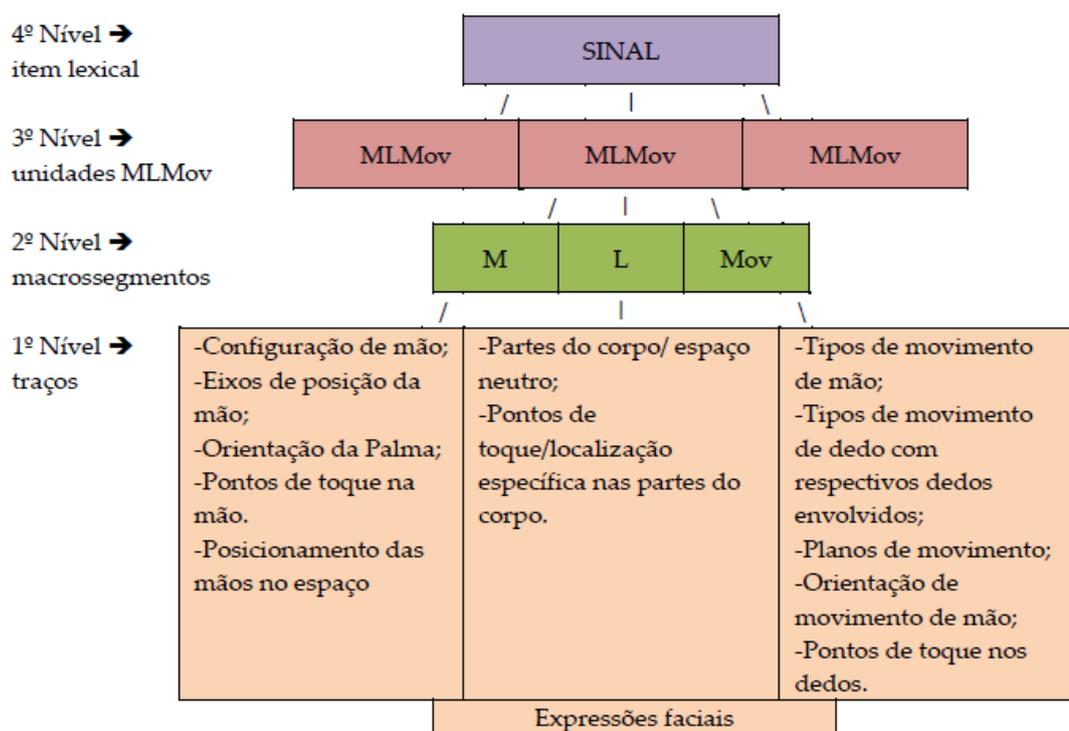
Acima dos macrossegmentos, encontra-se a unidade mínima articulatória MLMov. Nessa unidade, é possível que alguns sinais não apresentem Locação ou

³³ Ver nota 46.

Movimento. Por fim, acima desse nível, encontram-se sinais compostos por mais de uma unidade MLMov, e “assim, observamos a existência de uma estrutura segmental hierárquica no sistema de articulação de itens lexicais de línguas de sinais, como a Libras” (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2019, p. 111).

A seguir, apresentamos a estrutura articulatória do sinal em LS, segundo a proposta de Lessa-de-Oliveira (2019).

Figura 9: Estrutura articulatória do sinal em LS, segundo Lessa-de-Oliveira (2019).



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019, p. 111).

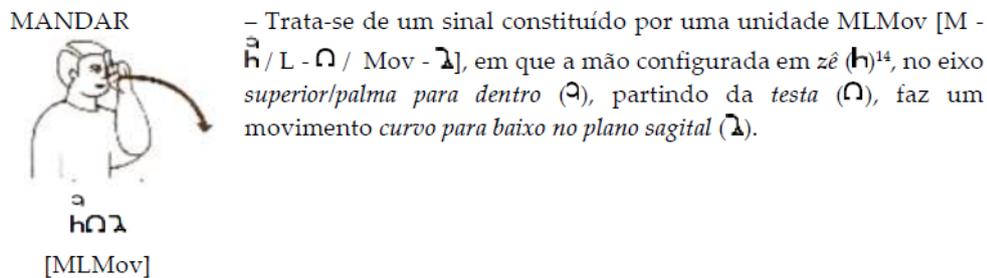
Sobre essa estrutura, a autora afirma:

Em línguas orais também observamos semelhante estrutura segmental hierárquica. Nessas línguas o primeiro nível é o dos traços distintivos, o segundo é o dos fonemas, o terceiro é o das sílabas e o quarto é o dos itens lexicais. Abaixo do primeiro nível encontramos segmentações fonéticas, que correspondem a aspectos físicos, muito importantes na composição dos traços, mas que não entram nesta estrutura segmental hierárquica. Assim, como comentamos em Lessa-de-Oliveira (2012), podemos tentar encontrar segmentos menores que descrevam uma configuração de mão, por exemplo, verificando se a mão está fechada ou aberta ou curvada ou com os dedos em forma de pera etc., mas estaremos no campo da descrição de uma imagem física; da mesma forma que estaremos no campo da descrição física da articulação e da acústica se, por exemplo, procuramos verificar se, na

produção do traço distintivo lateral, a língua toca o palato com a ponta ou com o dorso, mais próximo aos dentes ou mais no meio do palato, ou qual a intensidade do som no vozeamento etc. No caso das línguas de sinais, como a Libras, observamos que os itens lexicais se constituem em sua maioria por apenas uma unidade MLMov, à semelhança de um monossílabo¹², mas encontramos itens compostos por mais de uma unidade MLMov, como MADRASTA e ONÇA da Libras, descritos adiante.

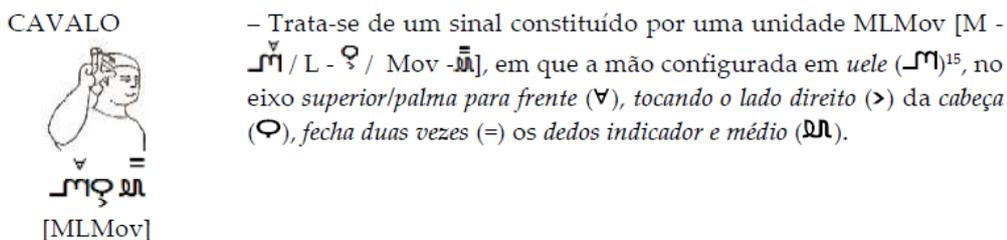
O terceiro ponto diz respeito às características dos componentes articulatorios do sinal e sua representação pelo sistema SEL. Lessa de Oliveira propõe que a unidade MLMov, composicional do sinal, pode apresentar uma variação na sua composição interna. Além disso, a quantidade dessa unidade pode variar na composição dos sinais. Isso posto, entende-se que o sistema SEL seja capaz de abarcar todas essas características, uma vez que foi construído com base na unidade MLMov e seus macrosegmentos e traços. Nas figuras a seguir, é possível identificar a escrita do sinal em LSB para ‘mandar’ e para ‘cavalo’, respectivamente, por meio da escrita SEL. A escrita desses sinais representa, por meio de caracteres, os traços do primeiro nível articulatorio, o que preserva a estrutura organizacional dos macrosegmentos.

Figura 10: Escrita em SEL do sinal para 'mandar'.



Fonte: Lessa-de-Oliveira (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2019, p. 112).

Figura 11: Escrita do sinal para ‘cavalo’.



Fonte: Lessa-de-Oliveira (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2019, p. 112).

A autora explica que:

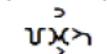
o sistema SEL procura representar os três macrosegmentos da unidade MLMov da seguinte forma. O macrosegmento Mão (M) é representado sempre por um caractere que corresponde ao traço configuração de mão (no sinal MANDAR, a configuração zê e, no sinal CAVALO, a configuração uele), sobre o qual recai um diacrítico que representa os traços eixo/orientação de palma amalgamados (no sinal MANDAR, o diacrítico e, no sinal CAVALO, o diacrítico).¹⁶ O macrosegmento Locação (L) é composto por um caractere que representa o traço parte do corpo (no sinal MANDAR, o caractere e, no sinal CAVALO, o caractere). O traço ponto de toque aparece neste macrosegmento em forma de diacrítico (no sinal CAVALO, o diacrítico). Por fim, o macrosegmento Movimento (Mov) é representado por um caractere que reúne, no caso do movimento de mão, os traços tipo, plano e direção amalgamados (no sinal MANDAR, o caractere). No caso de movimento de dedo, representamos o dedo ou os dedos envolvidos no movimento através dos caracteres de dedos isolados (- polegar, - indicador, - médio, - anelar e - mínimo) ou através de suas formas combinadas (no caso do sinal CAVALO, o caractere). O tipo de movimento desses dedos é representado por um diacrítico (no sinal CAVALO pelo diacrítico , que significa fechar os dedos duas vezes).

Quanto ao traço de expressão facial, o sistema SEL apresenta um inventário de 20 diacríticos, colocados acima do caractere de Locação, mas utilizado apenas em casos específicos, conforme mencionado anteriormente.

Em relação à variação interna à unidade MLMov, a autora explica que os macrosegmentos Locação ou Movimento podem não ser marcados para a articulação de determinados sinais, mas isso não ocorre com o macrosegmento Mão, que sempre está presente. Por exceção, a autora cita os exemplos dos sinais para ‘roubar’ e ‘sexo’, respectivamente, que pode ser articulado por meio da unidade MLMov ou apenas por uma expressão facial, conforme apresentado nas figuras a seguir.

Figura 12: Articulações para o sinal 'roubar', em LSB.

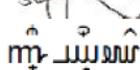
a. ROUBAR



[MLMov]

– Trata-se de um sinal constituído por uma unidade (M - \mathcal{U} / L - \mathcal{X} / Mov - \curvearrowright), em que a *língua* (\mathcal{U}), que toca o lado direito (\curvearrowright) da bochecha (\mathcal{X}) por dentro, faz um movimento *curvo para frente e para a esquerda*, no plano *transversal* (\curvearrowright), *inflando uma das bochechas* (\curvearrowright).

b. ROUBAR



[MMov]

– Trata-se de um sinal constituído por uma unidade (M - \mathcal{M} / Mov - \mathcal{M}), em que, com a mão de base configurada em *mão espalmada* (\mathcal{M})²⁰ no eixo *anterior/palma para baixo* (\ominus) e a mão principal configurada em *mão espreada* (\mathcal{L})²¹, no eixo *anterior/palma para dentro* (\ominus), a *ponta do dedo polegar* (\bullet) da mão principal toca a *palma da mão* de base (\pm) e os dedos *indicador, médio, anelar e mínimo* (\mathcal{L}) *fecham-se gradativamente* (\curvearrowleft).

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019, p. 114).

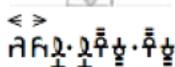
Figura 13: Articulações para o sinal 'sexo', em LSB.

a. SEXO



– Trata-se de um sinal em que os macrossegmentos M e L ocorrem amalgamados (M+L - \mathcal{X}). Na realização desse sinal a *bochecha* (\mathcal{X}) faz o movimento, *inflando um dos lados* (\curvearrowright). Isso ocorre duas vezes seguidas. Em SEL, utilizamos duas unidades para escrevê-lo: [M+L][M+L].

b. SEXO



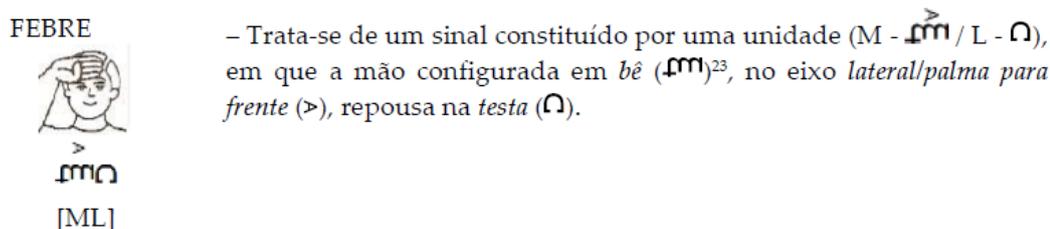
[MLMov]

– Trata-se de um sinal constituído por uma unidade (M - \mathcal{H} / L - \mathcal{H} / Mov - \mathcal{H}), em que ambas as mãos configuradas em *xis* (\mathcal{H} , \mathcal{H})²², no eixo *lateral/palma para trás* (\leftarrow , \rightarrow), tocando o *dorso* (\pm) dos *dedos indicadores* (\mathcal{I}), fazem um movimento *retilíneo brevíssimo*, para *cima* e para *baixo* (\updownarrow) *alternadamente* (\cdot).

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019, p. 114-115).

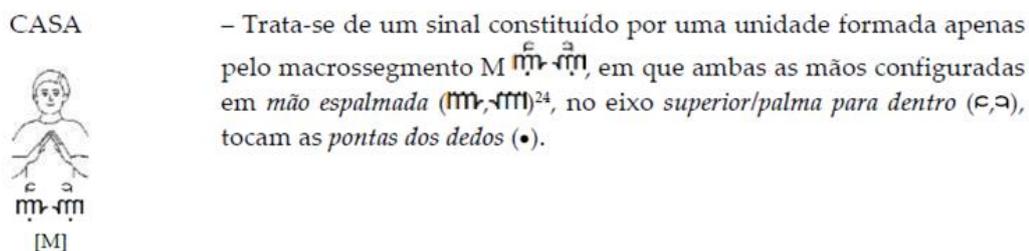
O macrossegmento *Locação* é inserido na escrita quando há a participação de algum ponto do corpo na articulação do sinal. Quando o sinal é articulado em um espaço neutro, a frente do enunciador e sem tocar o corpo, esse macrossegmento não é marcado na escrita. Por exemplo, no sinal para ‘febre’ há um toque na mão na testa (Figura 14), já no sinal para ‘casa’ não há nenhum toque em qualquer parte do corpo do enunciador e, portanto, a *Locação* não é marcada na escrita desse sinal.

Figura 14: Escrita em SEL do sinal para 'febre', em LSB.



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019, p. 115).

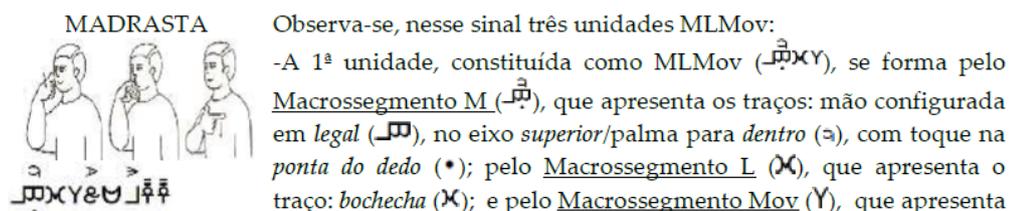
Figura 15: Escrita em SEL do sinal para 'febre', em LSB.



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019, p. 115).

Um ponto importante é a possibilidade de o sistema SEL representar sinais complexos, formados pela articulação de mais de uma unidade MLMov, como o sinal para ‘madrasta’, representado na figura a seguir:

Figura 16: Escrita em SEL do sinal para 'febre', em LSB.



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019, p. 118).

A autora verifica também diferentes tipos de composição semântica das unidades MLMov constitutivas do sinal. Segundo essa perspectiva, é possível ter:

- (A) Sinais formados por uma única unidade MLMov, que se subdividem em: (i) Sinal que comporta, em sua totalidade, uma raiz semântica: Ex.: m^{e} m^{a} m^{e} (ESTUDAR). Todos os elementos desse sinal, em conjunto, formam a raiz semântica estudar; (ii) Sinal que comporta uma raiz semântica em parte dos seus segmentos: Ex.:

 (QUATRO TIPOS), cujo restante dos elementos da unidade não representam nada isoladamente, embora correspondam a uma parte do sinal TIPO, que aparece no dicionário Lira e Felipe (2001);

(iii) Sinal que comporta mais de uma raiz semântica: Ex.:  (QUATRO TIPOS DIFERENTES). O sinal correspondente ao algarismo quatro é realizado com a mão de base () , enquanto a mão principal realiza, conjuntamente e associada ao sinal QUATRO, a outra parte deste sinal () , que isoladamente corresponde ao sinal DIFERENTE () realizado com uma única mão, com alteração do eixo e acréscimo de um movimento retilíneo para direita.

(B) Sinais formados por mais de uma unidade MLMov, que se subdividem em: (i) Sinal constituído por unidades que não significam nada sozinhas. Ex.:  (BOLO), cujas unidades  e  não significam nada isoladamente. (ii) Sinal composto por unidades, das quais apenas uma corresponde a outro sinal isoladamente: Ex.:  (ONÇA). A primeira unidade deste sinal () isoladamente corresponde ao sinal LEÃO (ou FELINO) e a segunda unidade () não corresponde a nenhum sinal, isoladamente. (iii) Sinal composto por unidades que correspondem a outros sinais isoladamente:  (ESCOLA), que se compõe pela unidade , que é o sinal CASA, mais a unidade , que é o sinal ESTUDAR, ESTUDO ou ESTUDIOSO. (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2019, p. 120).

Com base em Lessa-de-Oliveira (2012a), a autora identifica a estrutura hierárquica do sinal composta em quatro níveis: (i) o dos traços; (ii) o dos macrossegmentos (Mão, Locação e Movimento); (iii) o da unidade MLMov; e (iv) o dos sinais. A maior parte dos sinais é composta por uma única unidade MLMov, mas também encontram-se sinais complexos, compostos por mais de uma unidade.

A estrutura interna desses sinais também pode variar, apresentando uma estrutura MLMov, ML, MMov ou M. Nesse sentido, o macrossegmento Mão é o único que nunca está ausente na configuração da escrita dos sinais.

Por fim, quanto à estrutura semântica dos sinais, a autora, com base em Almeida (2013) e Almeida e Lessa-de-Oliveira (2015), afirma que os sinais compostos por uma única unidade MLMov se subdividem em: (i) sinal que comporta, em sua totalidade, uma raiz semântica; (ii) sinal que comporta uma raiz semântica em parte dos seus segmentos; e (iii) sinal que comporta mais de uma raiz semântica.³⁴ Por sua vez, os

³⁴ Esse ponto é essencial na análise deste estudo sobre composição das construções relativas restritivas e apositivas em LSB, conforme discutimos no capítulo 5.

sinais formados por mais de uma unidade MLMov se subdividem em: (i) sinal constituído por unidades que não significam nada sozinhas; (ii) sinal constituído por unidades das quais apenas uma corresponde a outro sinal isoladamente; e (iii) sinal constituído por unidades que correspondem a outros sinais isoladamente.

Nesta seção apresentamos o sistema de escrita SEL. Todas as regras de constituição e funcionamento desse sistema encontram-se em anexo nesta tese. Na seção seguinte, discorreremos sobre o processo de gravação e sistematização dos dados desta tese.

2.6 Gravação e sistematização dos dados desta tese

As sentenças produzidas pelas participantes deste estudo foram gravadas em vídeo, por meio do aparelho de celular *Samsung Galaxy J5*, sendo essas gravações copiadas para o computador. De posse dessas gravações, realizamos quatro etapas de depuração dos vídeos, para a apresentação dos dados na tese, com o objetivo de facilitar a compreensão, principalmente para os pesquisadores que não conhecem a LSB.

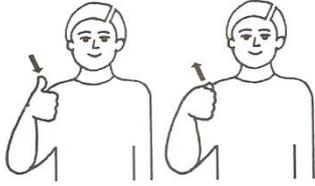
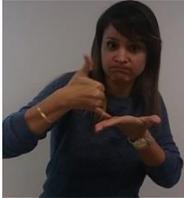
No primeiro momento, realizamos um trabalho de captação da imagem articulada de cada sinal da sentença (em alguns casos, utilizamos mais de um quadro contendo a imagem de movimentos inicial e final dos sinais). Em seguida, copiamos as imagens congeladas e as colamos no programa *Paint*, também do *Windows*, no qual recortamos cada quadro, salvando-os e copiando-os, um a um, lado a lado, no programa de documentos do *Word 2010*, construindo, assim, a representação de cada sentença.

Depois dessa primeira fase, representamos cada sinal das sentenças que compuseram o nosso *corpus* por meio de glosas, para facilitar a interpretação linguística dos dados pelo leitor.³⁵ Assim, para cada sinal, identificamos uma glosa com o seu correlato em português. Em alguns casos, de acordo com a necessidade, optamos por especificar nessas glosas traços como o de plural (pl) ou de pessoas do discurso (1.^a p, 2.^a p, 3.^a p), por exemplo.

Em uma terceira etapa, realizamos a escrita dos dados, utilizando-nos do Sistema de Escrita em Línguas de Sinais (SEL), já explicitado na seção anterior.

³⁵ Segundo Dubois (1973, p. 308), “Glosa é uma anotação muito concisa que alguns manuscritos trazem acima ou à margem de uma palavra ou de uma expressão que ela explica por um termo suscetível de ser conhecido pelo leitor”. Wilcox, S. e Wilcox, P. P. (1997, *apud* PAIVA *et al.*, 2016) definem glosa como sendo uma tradução simplificada de morfemas da língua sinalizada para morfemas de uma língua oral.

Por fim, propusemos possíveis interpretações das sentenças no português, produzindo uma tradução, para facilitar a compreensão pelo leitor, conforme exemplificado no dado a seguir:³⁶

			
\exists - vrr/α ³⁷	ψ \exists \triangleleft \triangleleft m_L vrr/JY	ψ $\text{ } \angle \alpha \text{w} \text{ }$	\vee \vee
LocNA _{CANETA} CANETA	LOC _{CANETA} .ESCREVER.def ³⁸	BOM.intens	DUAS

‘Estas canetas que escrevem duas são boas’.

³⁶ Agradecemos à Profa. Dra. Adriana S. C. Lessa de Oliveira pelas sugestões e questionamentos que nos fizeram refletir sob outros pontos de vista acerca das nossas possíveis traduções para o português das sentenças analisadas neste trabalho.

³⁷ Na gravação dessa sentença, foi cortada a sequência na qual a participante realiza o sinal para ‘caneta’. Esse sinal é representado pela mão dominante articulada em *ípsilon* (👉), no eixo anterior/palma para

\exists -

dentro, com movimento de fechar do dedo polegar (vrr/α). Para facilitar a compreensão dessa sentença, preenchemos essa lacuna pela imagem de articulação desse sinal apresentada por Capovilla e Rafael (2001), por corresponder à articulação produzida pela participante.

³⁸ A notação ‘def’ refere-se ao traço de definitude.

CAPÍTULO 3

A REFERENCIALIDADE NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

3.1 A categoria dos determinantes nas línguas naturais

A capacidade dos seres humanos de criar referência (dêitica e anafórica) é uma propriedade intrínseca às línguas naturais, de modo que os processos de referencialidade podem ser descritos tanto para as línguas orais quanto para as línguas de sinais. Entretanto, a diferença de modalidade linguística implica diferentes mecanismos de referencialidade, os quais têm sido bastante estudados para as línguas de modalidade oro-auditiva, mas ainda carecem de aprofundamento de estudos para as línguas de modalidade gesto-visual.

Na perspectiva da gramática gerativa, os determinantes (elementos funcionais) constituem uma categoria relevante para os processos de referencialidade de um item nominal (categoria lexical), além de lhe conferirem o estatuto de argumento de um predicado. Em uma abordagem inicial dos estudos gerativistas, os determinantes, ou DPs (*Determiner Phrases*), eram concebidos como elementos subcategorizados por NPs (*Nominal Phrases*). Dessa forma, como o D ocupava a posição do especificador do NP, o DP não era projetado na estrutura.

Entretanto, ao passo que os estudos acerca dos constituintes nominais foram se ampliando, surge a *Hipótese do DP*, proposta por Fukui e Speas (1986) e Abney (1987). Segundo essa abordagem, o sintagma nominal possui uma estrutura hierárquica semelhante à de uma sentença, sendo constituído por uma projeção funcional (DP) e outra lexical (NP), o que permite uma análise gramatical e semântica dessa estrutura. Ou seja, tomando como referência a estrutura do VP, em que o item lexical é dominado por projeções funcionais, como AgrP e IP, os autores propõem que as estruturas nominais são como itens lexicais dominados por projeções funcionais DP e AgrP. Assim, o NP é subcategorizado por D, que é responsável pela construção da referência do item nominal, uma vez que esse item não é capaz de construí-la sozinho.

Contudo, observa-se certa variação nesse sistema funcional do nome, que nas línguas modernas se compõe normalmente do artigo, juntamente com o demonstrativo (ocupando, ambos, o núcleo D na estrutura e, portanto, não podendo coocorrer), além do possessivo e do quantificador. Segundo Brito (2003), os determinantes compõem uma

classe limitada de elementos, destinando-se a construir valores referenciais de individualização das expressões nominais, além de restringir a extensão do núcleo nominal. Podem ser distribuídos em dois grupos, segundo suas propriedades sintáticas e semânticas: os artigos (não dêiticos) e os demonstrativos e possessivos (dêiticos). Os dêiticos remetem ao referente extralinguístico, ou seja, são recursos linguísticos que “apontam” referentes no mundo físico (este, esse, aquele), enquanto os anafóricos remetem ao discurso anterior, sempre relacionado a um antecedente.

Quanto à variação desse sistema funcional nominal, Anscombe (1990) aponta para o fato de que o francês é capaz de licenciar um artigo zero – Ø.³⁹ Esse artigo faz parte do quadro dos determinantes disponíveis nessa língua, sendo caracterizado como ausência de D. Segundo o autor:

Il y a en français contemporain un article zero (...). Selon cette hypothèse, il doit être ajouté à liste traditionnelle des déterminants. De plus, cela signifie que le français a toujours en un article zero: cependant, si l'on se réfère aux étapes antérieures du français, la fonction de cet article zero a varié diachroniquement parlant. Cet article zero se manifeste par une absence de déterminant en surface; c'est un tel article qui est en particulier présent dans les locution verbales (comme faire allusion, donner ordre, obtenir réparation, prendre congé...). (ANSCOMBRE, 1990, p. 47-48).⁴⁰

De acordo com essa perspectiva, pode-se dizer que o francês, em alguns contextos, é uma língua que permite a não realização sintática de artigo, diferentemente de línguas em que o seu emprego é obrigatório.

A ausência de determinante é tratada de maneira distinta por Longobardi (1994). Esse autor, ancorado na hipótese do DP, propõe a possibilidade de movimento do núcleo N para o núcleo D, ao discutir as propriedades semânticas e distribucionais dos nomes e dos determinantes. Segundo o autor, esse movimento é universal nas línguas naturais e pode ocorrer ou não, dependendo dos parâmetros fixados na sintaxe da língua. O autor ainda afirma que todo sintagma nominal em posição de argumento é um DP. Sendo assim, a posição do núcleo D deve ser sempre preenchida. O movimento

³⁹ Ver *Grammaire du Français Contemporain* (Chevalier, J. C. et al. 1964, p. 220).

⁴⁰ Tradução: “Há no francês contemporâneo o artigo zero (...). De acordo com essa hipótese ele deve ser adicionado à lista tradicional de determinantes. Além disso, isso significa que o francês ainda tem um artigo zero, no entanto, se se remete para as fases iniciais do francês, a função do artigo zero variou diacronicamente falando. Este artigo zero é manifestado pela falta de determinante realizado sintaticamente; esse é um artigo que está presente em particular nas locuções verbais (como aludido, instruir, obter reparação, tirar licença...)”.

do núcleo N ocorre devido à necessidade de checagem de um traço forte de referencialidade no núcleo D. Floripi (2008) comenta que:

a contribuição trazida pelo estudo de Longobardi (1994), ao revelar uma variação paramétrica entre as línguas, ressalta a importância e necessidade do licenciamento de uma categoria D na estrutura do sintagma nominal quando em posição de argumento. (FLORUPI, 2008, p. 34).

A variação no sistema funcional do nome inclui outros componentes, como o possessivo. Floripi (2008, p. 48-49) cita o estudo realizado por Borges Neto sobre o uso do artigo no português brasileiro, segundo o qual, no contexto em que há descrições definidas sem o uso do pronome possessivo, é possível a omissão do artigo, sem causar alteração no sentido. Mas, no contexto em que ocorrem pronomes possessivos nas descrições definidas, a omissão do artigo implica diferença de significação da sentença, o que corrobora o postulado por Reichenbach (1994), para quem, somente em casos excepcionais, o artigo definido pode ser omitido. Observemos os exemplos abaixo, baseados nos citados por Floripi (2008, p. 49):

- (9) a. A caneca de Julieta é de louça.
- b. Caneca de Julieta é de louça.
- c. A minha caneca é de louça.
- d. Minha caneca é de louça.
- e. Caneca minha é de louça.

Em (9a) temos uma descrição definida com artigo sem a presença de possessivo. Na estrutura apresentada em (9b), com a omissão do artigo, ocorre um sentido de generalização do item nominal (caneca). Nesse caso, pode-se entender que “qualquer caneca de Julieta é de louça”. Já nas sentenças subsequentes, têm-se descrições definidas com a presença do pronome possessivo: em (9c), há a ocorrência de artigo e possessivo, os quais conferem os traços [+definitude] e [+posse], respectivamente, ao nominal (caneca); em (9d), temos a ausência do artigo, sem que haja mudança de sentido da sentença; em (9e), a posição do possessivo posposta ao item nominal configura uma interpretação de generalização da sentença, semelhante a (9b). Isso é possível em português brasileiro, uma vez que o uso do artigo na posição antecedente ao possessivo pré-nominal não é obrigatório, ao contrário do português europeu, por

exemplo, o qual somente permite a ausência do artigo no caso de estruturas com nomes próprios sem o possessivo.

Assim, em línguas como o português brasileiro, segundo Floripi (2008):

a posição do possessivo em relação ao nome seria uma forma de ressaltar a definitude desse elemento. Se este estiver anteposto ao nome, ele teria um valor delimitativo, como os artigos, os quantificadores e os demonstrativos. E quando os possessivos estiverem pospostos ao nome seria o caso de licenciamento de um predicado, não sendo possível atribuir um valor delimitativo ao nome. (FLORUPI, 2008, p. 50).

Essa variação envolvendo a possibilidade ou não de ocorrência de determinante com possessivo foi estudada por Schoorlemmer (1998), que diz que a diferença entre as línguas se deve à possível opção paramétrica de licenciamento do traço de definitude, que estaria: (i) em Poss, para as línguas do tipo 1, como o Italiano; ou (ii) em D, para línguas do tipo 2, como o inglês. Para a autora, os traços de um elemento sintático podem ser variáveis ou fixos. Os traços variáveis precisam receber um valor por associação com um traço fixo do mesmo tipo. Assim, o traço fixo de [concordância] de um verbo é alçado para T para fixar o valor do traço variável [concordância] de I. De acordo com essa ideia, os traços são variáveis, se e somente se há uma estrutura funcional que permita que esses traços fixem seus valores. Dessa forma, o alçamento de N para D, segundo essa proposta, se justifica pela necessidade de checagem de traços variáveis de D.⁴¹

A existência de movimentos internos no DP, devido ao traço de definitude, é também abordada por Lyons (1999), ao tratar de certa mudança no demonstrativo do Latim, processo esse que teria levado ao surgimento do artigo nas línguas românicas. Segundo esse autor, a referida mudança decorre do fato de haver, no Latim, a necessidade de especificação do traço [+definitude], por meio de um alçamento do item lexical para D, onde esse elemento checaria o traço de definitude. Nesse sentido, Lyons (1999) e Giusti (2001) afirmam que os demonstrativos ocorrem em uma posição inferior à dos artigos definidos. Ambos consideram também que os demonstrativos, em

⁴¹ Schoorlemmer (1998, p. 73) propõe a estrutura [_{DP} Pos + D [_{PossP} DP_i t_{Poss} [_{NumP} N + Num [_{NP} t_{DPi} t_N]]]], em que o N⁰ carrega os traços fixos para gênero, massa/contável e a possibilidade de leitura genérica, contendo, dessa forma, os traços variáveis de [~ número] e [~ definitude], assim como os traços do núcleo D, capazes de licenciar argumentos. Além disso, o núcleo da projeção funcional PossP teria um traço fixo de posse [+ posse] e N teria um traço variável [~ posse]. Segundo essa proposta, os possessivos são gerados dentro do NP como argumento de N e podem ser alçados para o especificador de uma projeção funcional PossP, imediatamente dominada por DP, a fim de levá-lo ao licenciamento formal.

Latim, se moviam para SpecDP, havendo, depois, uma mudança que implicou o movimento desse elemento para D, o que o fez ser reanalisado como artigo.

O trabalho de Floripi (2008) também encontra no traço de definitude o licenciamento em nível do DP. Segundo a autora, a referência/definitude do núcleo nominal do DP possessivo é responsável pelo licenciamento do tipo de possessivo, acarretando a realização ou não do artigo. Nos sintagmas nominais possessivos, a marcação de definitude de todo o DP é realizada seja por meio do possessivo com o traço [+definido], capaz de mover-se para D, seja pela inserção de um artigo em D⁰, capaz de checar os traços desse núcleo. Considerando o português europeu clássico, a autora propõe que, no caso de um nome próprio, que possui forte marca de referencialidade/definitude, há um efeito sobre os elementos mais adjacentes a ele, no sintagma, fazendo com que o pronome possessivo que o acompanha seja projetado sem os traços de [+definitude]. Nesse caso, para se obter a marca de definitude de todo o DP, é preciso inserir um artigo em D. Segundo ela, isso explica o fato de que o número de artigos com nomes próprios seja bem maior do que nos demais casos, nos dados analisados em seu trabalho. Já no que se refere aos nomes relacionais, cujo papel semântico é estabelecer relações, a autora explica que o fato de não possuírem traços intrínsecos de referencialidade/definitude faz com que o possessivo licencie os traços de [+definitude]. Uma vez que o possessivo tem esse traço, ele é capaz de mover-se para D para checá-lo, inibindo a inserção de um artigo.

Floripi (2008) constatou, a partir de dados históricos, que a influência que o núcleo do DP tem sobre o licenciamento do artigo deixou de ocorrer no século XIX, devido à mudança no sistema da língua. Conforme a autora, o núcleo do DP possessivo no português europeu atual não mais revela gradação no uso do artigo, uma vez que esse é sempre obrigatório, com exceção dos nomes próprios sem o possessivo, nos quais há uma entidade ou pessoa com fortes marcas de definitude, como no exemplo “Adão foi o precursor da humanidade”, citado por Floripi (2008, p. 217). Assumindo Longobardi (1994), a autora explica que esse fenômeno só é possível porque o próprio nome é capaz de checar os traços de definitude localizados em D, através do movimento de N para D, para os nomes próprios.

3.2 Relações de correferência na Língua de Sinais Brasileira

Como mencionamos ao longo deste estudo, a estrutura gramatical das línguas de sinais e, em especial, da LSB, ainda é pouco conhecida. Apenas a partir do início da década de 1960 é que as LS obtiveram o reconhecimento do seu estatuto como língua, à semelhança das línguas de modalidade oro-auditivas. Nesta seção, são apresentadas algumas propostas de análise dos processos de referencialidade na LSB, as quais versam sobre a natureza dos elementos que, apontando referentes no espaço de sinalização, constroem a referência desse elemento (função dêitica) ou recuperam esse referente no discurso (função anafórica). As propostas são apresentadas de forma resumida, com exceção do trabalho de Prado (2014) e Prado e Lessa-de-Oliveira (2012b; 2016), que foi base para as nossas análises sobre as construções relativas em LSB.

Quando um item possui o mesmo índice (*i*), e, portanto, a mesma referência que outro item na sentença, dizemos que ele é coindexado. Isso significa que a sua interpretação está vinculada, necessariamente, à interpretação do item ao qual ele está vinculado. Contudo, como já antecipamos no Capítulo 1, existem regras para as possibilidades gramaticais de correferência entre esses elementos.

3.2.1 Análises com base na natureza pronominal

Vários autores tratam os elementos responsáveis pela referencialidade em LS como pronomes. Bellugi e Klima (1982) apontam a presença desses elementos na Língua de Sinais Americana (ASL, do inglês *American Sign Language*), indicando-os como formadores da base de referência pronominal. Ferreira-Brito ([1995]2010, p. 94), analisando esses itens em LSB como verdadeiros pronomes, considera “a localização como parte do espaço de enunciação usada como estrutura linguística para os pronomes”.

A construção da referência nominal por meio de dêixis ocorre em línguas de sinais também no caso dos chamados verbos direcionais ou verbos indicadores. Nesse sentido, quando se realiza a apontação de pessoas, personagens, objetos ou lugares no espaço de sinalização, na produção de sentenças em línguas de sinais, essa apontação é considerada dêitica, se ocorrer no início do enunciado, e anafórica se ocorrer nas partes subsequentes.

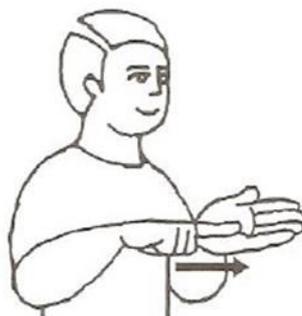
Moreira (2007) investiga a dêixis na análise de pronomes e de verbos indicadores. A autora se ancora nos estudos de Liddell (2003), que propõe que:

tanto os pronomes pessoais quanto os verbos indicadores têm a propriedade de ser realizados e localizados no espaço físico em frente e ao redor do corpo do sinalizador e de apontar, dentro desse espaço, para um local que está associado, no discurso, a uma representação mental do(s) seu(s) referente(s). Para o autor, os sinais dêiticos são formados por duas partes: uma lingüística, que é invariável, e uma outra que é dêitica, ou seja, que varia conforme a situação discursiva. (LIDDEL, 2003, *apud* MOREIRA, 2007, p. 3).

Moreira (2007, p. 4) afirma que há uma correspondência entre os chamados pronomes na ASL e na LSB. Segundo a autora, esses elementos em LS funcionam como pronomes, assim como em línguas de modalidade oro-auditiva, cujas propriedades são a construção do referente da sentença e a indicação das pessoas do discurso.

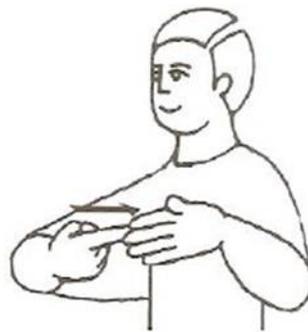
Em verbos indicadores, tais como PERGUNTAR, por exemplo, os complementos argumentais referentes a “quem pergunta” e “a quem se pergunta” são estabelecidos por meio do ponto inicial e do ponto final da articulação do movimento verbal, respectivamente, no espaço de sinalização. Em LSB, a diferença entre ‘perguntar a alguém’ (Figura 29) e ‘perguntar a mim’ (Figura 30) é estabelecida pela mudança de direção do movimento.

Figura 17: Sinal para 1ª pessoa 'perguntar' 2ª pessoa, em LSB.



Fonte: Capovilla e Rafael (2001, p. 1033).

Figura 18: Sinal para 2ª pessoa 'perguntar' 1ª pessoa, em LSB.



Fonte: Capovilla e Rafael (2001, p. 1033).

A direção do movimento desse verbo depende das pessoas do discurso: para que se obtenha a sentença ‘eu pergunto para você’, o movimento da mão parte do corpo do enunciador ‘eu’ para o ponto onde se encontra a 2ª pessoa ‘você’. Ao contrário, para que se obtenha a sentença ‘você pergunta para mim’, o movimento da mão parte do ponto onde se localiza a 2ª pessoa ‘você’ em direção à 1ª pessoa ‘eu’.

Com base nessa análise, Prado (2014) e Prado e Lessa-de-Oliveira (2012b; 2016) afirmam que, em LSB, os elementos que estabelecem a referência de itens nominais representam as pessoas “eu”, “tu/você” e “ele”, que são estabelecidas de forma dêitica pela presença do corpo físico da 1ª pessoa sempre, porque, como enunciatória, ela não se faz ausente no contexto da enunciação, e da presença dos corpos físicos da 2ª e da 3ª pessoas, se essas estiverem presentes na cena da enunciação. Caso não haja pessoas reais presentes no contexto, que representem a 2ª ou a 3ª pessoa do discurso, o movimento desse verbo se direciona para um ponto ou parte de um ponto vazio no espaço físico, no qual se identifica um referente imaginário.

3.2.2 *Análises com base dêitico-anafórica*

Pizzuto *et al* (2006), em estudo realizado sobre as línguas de sinais americana (ASL), francesa (LSF) e italiana (LIS), apresentam um tipo de divisão dos elementos cuja função é a de construir a referência de itens nominais em duas classes: (i) Sinal Manual Padrão e (ii) Estruturas Altamente Icônicas (EAI). A primeira classe se caracteriza por ser a articulação de um sinal contendo os segmentos (ou parâmetros) morfofonológicos Configuração de Mão – Locação – Movimento – Direção – (e/ou) Expressão Facial, estabelecendo, assim, uma posição no espaço para o elemento

referenciado. A segunda classe se caracteriza pela não presença dos segmentos existentes nas articulações dos sinais/gestos em línguas de sinais, sendo representadas pela direção do olhar e por movimentos de corpo, esses últimos caracterizando mudanças de personagens na enunciação. Nessa perspectiva, para os autores, o sinal manual padrão seria um recurso dêitico, introdutor de um referente no discurso, enquanto as EAIs seriam um recurso anafórico, ou seja, de retomada desses referentes no discurso.

Pizzuto *et al* (2006, p. 140) definem essas estruturas dêitico-anafóricas como “recursos de coesão textual que permitem ao falante/sinalizante introduzir referentes no discurso (dêixis) e, subsequentemente, referir-se a eles em momento posterior (anáfora)”.

3.2.3 *Análises com base na natureza determinante*

Conforme apresentado nas seções anteriores, os elementos que constroem a referência de itens nominais nas LS são analisados sob uma perspectiva pronominal e com natureza dêitica ou anafórica. Prado (2014) e Prado e Lessa-de-Oliveira (2012b 2016;) apresentam uma análise desses elementos com base em pressupostos gerativistas e da geometria de traços.⁴²

As autoras denominam esses elementos de Localizadores (Loc ou Locs), uma vez que eles se caracterizam como recurso de localização de referentes no espaço de sinalização das LS. Nesse sentido, em oposição às propostas anteriores, os Locs são analisados não dentro de uma estrutura pronominal, mas sim como pertencentes a uma categoria específica: a categoria dos determinantes (D/DP), ou seja, os Locs, nessa análise, compõem o núcleo D na estrutura X-barra. Ainda, segundo as autoras, em razão da natureza articulatória das LS, para construir a referência de um item nominal no espaço de sinalização, o falante o localiza de forma dêitica, por meio dos Locs.

Nessa perspectiva, os Localizadores se dividem em duas classes: (i) Locs articulados; e (ii) Locs não-articulados (LocNA). Os Locs articulados são os que apresentam, na sua composição, a unidade mínima articulatória (Mão-Localização-Movimento – MLMov), conforme proposto por Lessa-de-Oliveira (2012b). Na Figura

⁴² No âmbito da teoria gerativa, as autoras se basearam nos estudos de Abney (1987) e Longobardi (1994), sobre a categoria dos determinantes; de Torrego (1988), acerca da elipse nominal; e de Lobeck (1995), que concebe a elipse nominal como um N vazio (*pro*). Para a análise dos traços formativos da categoria dos determinantes em LSB, as autoras se basearam na proposta de geometria de traços, de Béjar (2003) e Carvalho (2008).

31, o enunciador, narrando a fábula “A lebre e a tartaruga”, localiza, por meio do Loc articulado (mão configurada em ‘zê’ 🖐️ - h), o personagem lebre no espaço de sinalização à sua direita.⁴³

Figura 19: Loc articulado.⁴⁴



LOC_{LEBRE}

Fonte: Prado e Lessa-de-Oliveira (2012b, p. 41).

Já os LocsNA não apresentam essa configuração, sendo realizados por meio de expressões não manuais, tais como a direção do olhar (Figura 32) e o movimento de corpo (Figura 33), ou pela identificação dos pontos inicial e final do movimento de verbos direcionais (Figura 34).

Figura 20: LocNA do tipo direção do olhar.



[a] LOC_{TARTARUGA}

[b] LOC_{LEBRE}

⁴³ Além dessa configuração, as autoras identificaram o Loc articulado com a mão configurada em ‘cê-encolhido’ (🖐️ - D) e ‘ele-espalmado’ (🖐️ - mm). Segundo as análises das autoras, o Loc articulado em ‘cê-encolhido’ possui a especificidade do traço [+humano]. Logo, somente é utilizado em LSB para a construção de referência de itens nominais com esse traço formativo.

⁴⁴ Optamos por repetir as imagens nas figuras, sempre que possível, para facilitar a leitura e a compreensão deste estudo.

Fonte: Prado e Lessa-de-Oliveira (2012b, p. 42).

Na Figura 32, a tartaruga, representada pelo corpo do enunciador na primeira imagem [a], observa a lebre, localizada à sua esquerda, que dormia no meio da corrida. Na imagem [b], a tartaruga, ainda representada pelo corpo do enunciador, após ter ultrapassado a lebre na corrida, olha para o LOC_{LEBRE} que havia ficado para trás. A direção do olhar é, portanto, responsável pela referencialidade do argumento lebre nessa construção.

Figura 21: LocNA do tipo movimento de corpo.

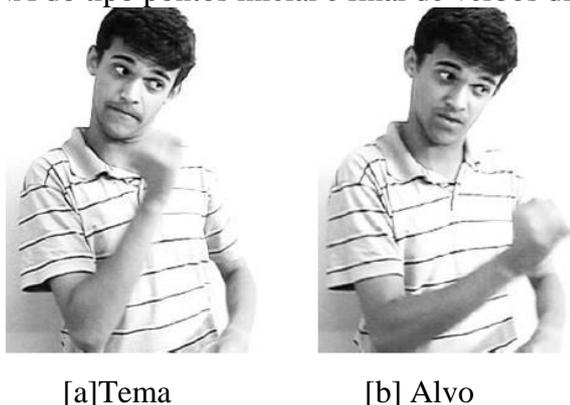


[a]LOC_{TARTARUGA} [b]LOC_{LEBRE}

Fonte: Prado e Lessa-de-Oliveira (2012b, p. 42).

Na Figura 33, a tartaruga, localizada na imagem à esquerda [a], continua a sua caminhada, enquanto a lebre, localizada na imagem à direita [b], percebendo que a tartaruga a havia ultrapassado, corre, tentando alcançá-la. Segundo Prado e Lessa-de-Oliveira (2012b), esse tipo de LocNA funciona como elemento de coesão textual, atuando ora para alternar a representação de personagens, ora para introduzir discurso direto. Nesse sentido, o LocNA do tipo movimento de corpo não integra a categoria dos determinantes (PRADO, 2014).

Figura 22: LocNA do tipo pontos inicial e final de verbos direcionais.



[a]Tema

[b] Alvo

Fonte: Prado (2014 , p. 46).

A Figura 34 representa a articulação do verbo direcional ‘avisar’, cuja grade temática seleciona um argumento externo (agente) e dois argumentos internos (Tema e Alvo).⁴⁵ Com a mão articulada em ‘ípsilon’ (👉 - $\nu\mu\mu$), o verbo parte do ponto localizado no corpo do enunciador, quem fala, movimentando-se em direção ao ponto que localiza o alvo da ação, para quem se fala. Assim, esses argumentos não são foneticamente realizados, sendo, contudo, representados pelos pontos inicial (chamado de LocP1 - Loc de primeira pessoa) e final (chamado de LocP2 - Loc de segunda pessoa) do movimento verbal. Segundo Prado (2014):

Observamos a relação de dupla concordância dos verbos direcionais com seu sujeito/agente – ponto inicial do movimento – e com seu objeto/alvo – ponto final do movimento. Como esse tipo de verbo faz a apontação dos referentes presentes ou marcados no espaço físico, a realização de um Loc articulado é dispensável nesse caso. Talvez possamos comparar esse fenômeno ao sujeito nulo argumental de línguas como o português em que a morfologia flexional rica marca a pessoa, possibilitando a identificação da pessoa do sujeito nulo. (PRADO, 2014 , p. 46).

Nesse sentido, a análise de Pizzuto *et al* (2006) se aproxima da proposta de Prado (2014) e Prado e Lessa-de-Oliveira (2016; 2012a), uma vez que também faz uma distinção entre os chamados Sinal Manual Padrão (articulação do sinal por meio dos segmentos/parâmetros) e Estruturas Altamente Icônicas (que não têm segmentos articulatórios convencionais manifestos), sendo o primeiro elemento responsável pela

⁴⁵ Com relação aos verbos direcionais, Ferreira-Brito ([1995]2010) diz que eles apresentam flexão de número e pessoa, marcando o sujeito (ponto inicial), o objeto direto e o indireto (ponto final do movimento do verbo), ou podem ser “reversíveis”, quando o ponto inicial do movimento verbal marca o objeto direto e o indireto, e o ponto final marcar o sujeito. Para a autora, esses pontos marcam as 1ª e 2ª pessoas do discurso e a não-pessoa.

b.

፲፱፻፳፻፲፱ ስፍራ ፲፱፻፳፻፲፱ ስፍራ ፲፱፻፳፻፲፱ ፡፡

MENINA Loc_{menina} GOSTAR BRINCAR

‘A menina gosta de brincar’.

Ainda conforme a análise de Prado (2014), em (11a), o item nominal

፲፱፻፳፻፲፱

(MULHER) ocorre sem a presença de um Loc, seja na posição anteposta ou posposta, o que torna a sentença agramatical, enquanto que, em (11b), a ocorrência

do nominal ፲፱፻፳፻፲፱ ስፍራ (Cinderela Surda) sem a presença do Loc é possível, uma vez que se trata de um nome próprio, cuja seleção de traços formais, altamente definidos, permite que esse item se movimente para o núcleo D, checando ele mesmo o traço de definitude (PRADO, 2014 , p. 50).

(11) a.

* _____ ፲፱፻፳፻፲፱ _____ ፲፱፻፳፻፲፱ *

MULHER COZINHAR

‘Mulher cozinha.’

‘Mulher cozinha’.

b.

፲፱፻፳፻፲፱ ስፍራ ስፍራ ስፍራ ስፍራ ስፍራ ፡፡

CINDERELA SURDA É BEBÊ INOCENTE

‘Cinderela Surda é um bebê inocente’.

Por sua vez, em (12a), o nominal ፲፱፻፳፻፲፱ (bebê) ocorre sem a presença de um Loc, uma vez que, apesar de ser um nome comum, no momento da enunciação sabe-se exatamente de qual bebê se está falando. Por fim, em (12b), o Loc

፲፱፻፳፻፲፱

(LOC_{EL@}), como proforma, ocupa a posição de sujeito da sentença,

indefinitude (bebê (18a)). Segundo Correia (2002, *apud* FLORUPI, 2008, p. 53-54), “no Português Europeu o determinante vazio pode ocorrer em sintagmas nominais pré e pós-verbais com nomes próprios e comuns, nos casos de leitura genérica ou com a especificação do objeto descrito”. A ausência de Loc (18a) é mais facilmente explicável porque *bebê* ocupa aí a posição de predicativo. Já *bebê* (18c) funciona, na verdade, como tratamento. Essas sentenças foram produzidas numa sequência narrativa, que deixa bastante claro de que *bebê* se está falando. Em línguas como o português brasileiro, por exemplo, no dialeto nordestino, até é possível a ocorrência do item lexical “mãe”, ou uma de suas variações (mamãe, mainha) sem o artigo, mas com certa restrição, somente quando se trata da mãe do enunciador. Nesse contexto discursivo, esse nome comum tem as características de definitude de um nome próprio, pois corresponde a um nome de tratamento. Em Libras, isso parece ocorrer também quando se trata da mãe de uma 3ª pessoa. (PRADO e LESSA-DE-OLIVEIRA, 2016, p. 51-52).

Há, também, a possibilidade de ocorrer um *bare noun* com leitura genérica, como apresentado por Prado (2014 , p. 52), replicado aqui nos exemplos em (13).

(13) a.

∅_{Loc} hΛσ^Γ hV[±].

HOMEM CHORAR NÃO

‘(Um/O) Homem não chora.’

b.

*∅_{Loc} hΛσ^Γ hV[±].

HOMEM Loc_{homem} CHORAR NÃO

Homem não chora.

c.

h₃ ∅_{Loc} hΛσ^Γ hV[±].

Loc_{homem} HOMEM CHORAR NÃO

‘Este homem não chora.’

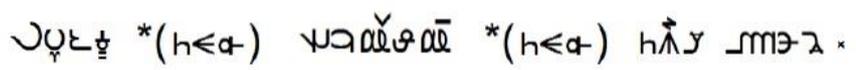
Segundo a proposta da autora, em (13a), a leitura genérica é feita a partir da ausência do Loc, como ocorre em línguas como o inglês. Já a comparação entre a agramaticalidade em (13b), por um lado, e a gramaticalidade em (13a) e (13c), por

outro, reforça a proposta anterior, na qual o Loc posposto é menos específico do que o anteposto, uma vez que:⁴⁸

num contexto de leitura genérica, um Loc que marca apenas definição, sem maiores especificações, não tem o que fazer aí (19a), já que esta é uma língua que não permite a ocorrência de determinante em contextos genéricos. Mas um Loc definido e específico pode modificar propriedades nessa leitura, tornando-a uma leitura específica como fazem os demonstrativos em línguas orais. Então, este o ocaso do Loc anteposto. (PRADO, 2014 , p. 53).

Por fim, a autora observa a presença/ausência do Loc em posição argumental, no contexto de leitura existencial, conforme o exemplo de Prado (2014 , p. 54), replicado aqui em (14).

(14)



 HOMEM Loc_{homem} LUA Loc_{lua} IR JÁ

‘ *(O) homem já foi a*(a) lua.’

‘ *(The) man went to *(the) moon.’

Nesse contexto, o item nominal  (HOMEM), refere-se à espécie humana, de forma genérica.⁴⁹ Assim, a autora afirma que “tanto em português brasileiro, como em inglês o determinante é obrigatório. Em libras, da mesma forma que nessas línguas orais, a ausência do determinante é agramatical” (PRADO, 2014 , p. 54).

Conforme mencionamos no início desta seção, Prado (2014 , p. 66) e Prado e Lessa-de-Oliveira (2016, p. 162) apresentam estruturas nas quais os Locs, que ocupam a posição D/DP, coocorrem com sintagmas possessivos e quantificadores, conforme o exemplo de Prado (2014 , p. 66), replicado em (15):

⁴⁸ O exemplo de numeração (19a) no texto original corresponde a (13b) nesta tese.

⁴⁹ Para a apresentação de contextos definidos e indefinidos, são necessárias aplicações de testes mais eficazes, que forcem uma ou outra interpretação, porque os exemplos apresentados tanto por Prado (2014) quanto neste estudo são descontextualizados. Assim, em publicações posteriores a esta tese, desenvolveremos a análise desses traços semânticos em consonância com o que apresentamos aqui sobre o aspecto sintático das construções relativas restritivas e apositivas na LSB. Sobre esse ponto, agradecemos a contribuição da profa. Dra. Helena Guerra Vicente, por ocasião da nossa defesa.

(15)

፡፡፡፡-ገገገ ከ፡፡ ሃሳሃ ፡፡፡፡፡፡ ፡፡ ፡፡፡፡፡፡ *

TODOS Loc_{amigos} SEUS AMIGOS EU GOSTAR

‘De todos estes seus amigos eu gosto.’

Segundo afirmam Prado e Lessa-de-Oliveira (2016):⁵⁰

Os possessivos e quantificadores universais e discretos são categorias da estrutura funcional do nome, que, em português, por exemplo, podem coocorrer com o nome, diferentemente com o que ocorre com os demonstrativos e quantificadores existenciais. Assim, em (32a), a adjacência entre o LocP3 articulado, o possessivo SEU e o quantificador TODOS foi avaliada como gramatical. (PRADO e LESSA-DE-OLIVEIRA, 2016, p. 162).

Considerando a descrição acima, as autoras apresentam uma análise para a estrutura do DP em LSB, com base nas propostas de Longobardi (1994) e Schoorlemmer (1998), no que diz respeito à checagem dos traços funcionais do DP pelo determinante e pelo próprio nome, e na proposta de Carvalho (2008), no que diz respeito à geometria desses traços funcionais. Nessa perspectiva, a referencialidade na LSB tem a sua base construída por meio do traço dêitico, presente nos núcleos dos sintagmas funcionais do nome (D, Pos, Q), o qual deve ser obrigatoriamente checado para produzir a leitura referencial da estrutura. Dessa, forma:

a checagem desse traço é feita ou por Loc ou pelo nome (N), se o item que o checa apresenta a propriedade da dêixis ou se autorreferencia, como os nomes próprios e alguns nomes comuns em certos contextos. Esse traço de dêixis é característico das categorias funcionais do nome devido ao aspecto tridimensional dessa língua que tem uma natureza gestovisual. (PRADO e LESSA-DE-OLIVEIRA, 2016, p. 162).

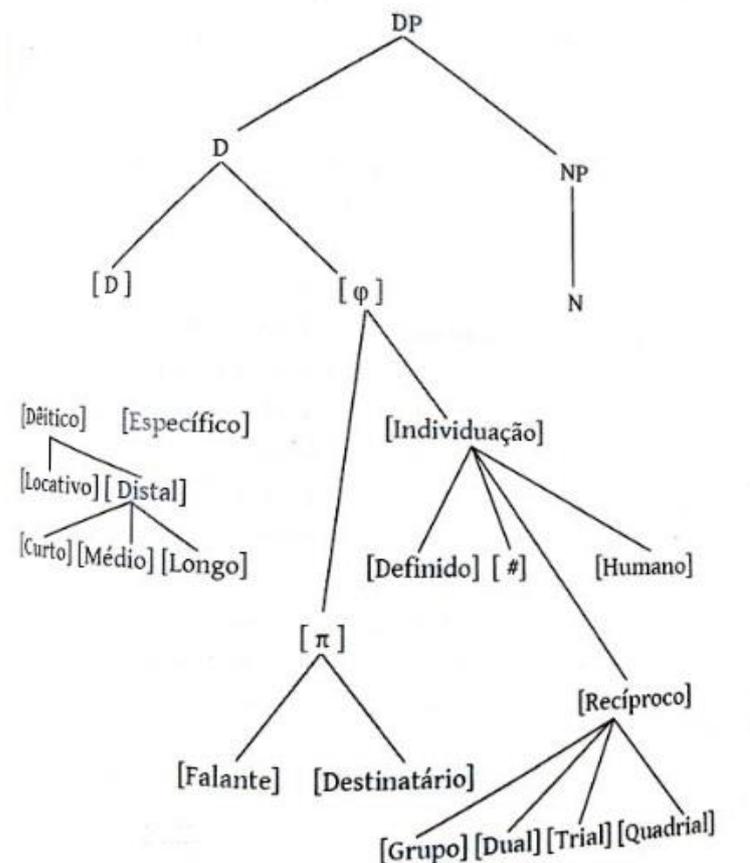
Seguindo Chomsky (1998), para quem, na valoração de traços não-interpretáveis, a operação de *Agree* incorpora mecanismos de valoração sob a condição de haver correspondência (*match*) entre os traços da sonda (*probe*) e do alvo (*goal*), as autoras propõem que, em LSB, “o mecanismo de valoração de traços na parte funcional do nome em libras se baseia na obrigatoriedade de checagem do traço de dêixis

⁵⁰ O exemplo de numeração (32a) no texto original corresponde a (15) nesta tese.

conjuntamente com a checagem dos outros traços, dependendo disso a constituição da referenciação” (PRADO e LESSA-DE-OLIVEIRA, 2016, p. 162).

A estrutura arbórea dos traços formativos da categoria dos determinantes, de acordo com as autoras, é representada pela figura a seguir.

Figura 23: Estrutura arbórea da categoria dos determinantes em LSB.



Fonte: Prado e Lessa-de-Oliveira (2016, p. 99).

Nessa análise:

a principal observação a ser feita aqui é quanto ao traço [D]. Segundo Carvalho (2008), o traço [D] codifica as informações nominais; a presença dele codifica o nominal como sendo um argumento; e este traço também dominaria as projeções contendo os traços [DEFINIDO] e [ESPECÍFICO]. Como a libras é uma língua que se articula no espaço físico, por sua natureza gestovisual, verificamos importância capital da dêixis na construção da referenciação nominal. Assim, a codificação do referente nessa língua se dá, como vimos, com a anteposição ou pós-posição do Loc ao nome, mas também com nominais nus. Parece-nos, portanto, adequado separar o traço [D] do nó [φ], conforme se verifica (na figura 51)⁵¹. Dessa forma é que, em D

⁵¹ Replicada em (37).

encontra-se o traço [DÊITICO], que torna a checagem da raiz [D] obrigatória. Essa checagem é feita ou por Loc ou pelo nome (N). Se [D] é checado por Loc, temos a ordem Loc N; se é checado pelo nome temos ou a ordem N-Loc ou um nominal nu. Não vimos necessidade de trabalhar com os nós [PARTICIPANT] e [π], como propõe Carvalho (2008), uma vez que, ao retirarmos o nó [D] do domínio de [π], o contraste presença/ausência de [FALANTE] e [DESTINATÁRIO] codifica claramente o contraste entre as 1ª e 2ª pessoas, de um lado (especificadas como participantes do discurso), e a 3ª pessoa do outro (não especificada por não participar do discurso), ou seja, a não-pessoa nos termos de Benveniste. Acrescentamos os números [DUAL], [TRIAL] e [QUADRIAL] e os traços [HUMANO] e [RECÍPROCO] por esses serem traços observados em libras e deixamos os traços [ESPECÍFICO] e [DEFINIDO] como nós a parte de [π] por entendermos que há Locs que codificam esses traços e que não codificam o traço de *pessoa* [π]. Colocamos o traço [ESPECÍFICO] como subespecificação do [D], considerando a propriedade de referenciação desse traço, e o traço [DEFINIDO] como subespecificação de [INDIVIDUAÇÃO], considerando as propriedades discursivas desse traço. Devemos ressaltar que essas diferenças na proposta que estamos adotando decorrem do fato de estarmos analisando outra língua diferente do PB, analisada por Carvalho (2008), e também do fato de estarmos estendendo esta análise às categorias funcionais do nome como um todo e não apenas aos pronomes pessoais. (PRADO e LESSA-DE-OLIVEIRA, 2016, p. 163-164).

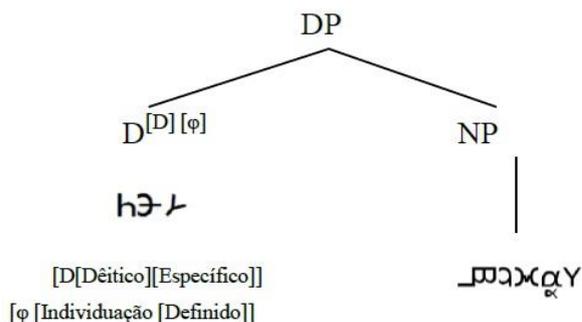
Considerando a estrutura proposta, as ordens sintáticas entre N e D podem sofrer variações, como apresentado a seguir, retirado de Prado (2014 , p. 92-100), replicado aqui em (16):

(16) a. Ordem Loc-N

həʔ ʃəʔəʔəʔ ʃe-ʔəʔəʔ (...)*

Loc_{mulher} MULHER COZINHAR

‘Esta mulher cozinha (...)’.

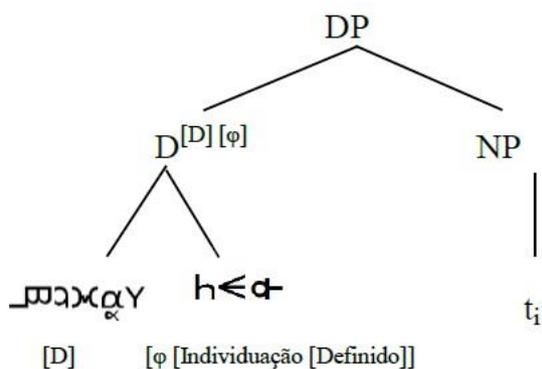


b. Ordem N-Loc

ገጠናዎች ከቤት ርብ-ጭጭጭጭ

MULHER Loc COZINHAR

‘A mulher cozinha.’

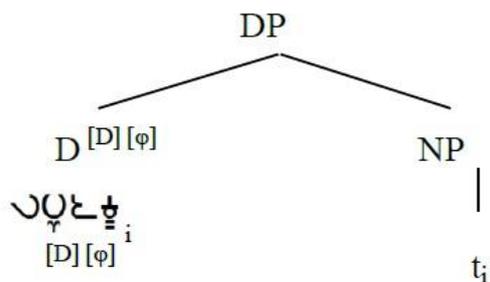


c. Bare noun

(*ከገጠና) ገጠና ለብሔር አይታይም.

(*Loc_{homem}) HOMEM CHORA NÃO. (leitura genérica)

‘Homem não chora.’



Em (16a), (16b) e (16c), a sonda D possui os traços formais [D] e [φ], os quais podem ser checados por alvos que possuam as raízes [D] e [φ], independentemente de seus traços serem subespecificados. Dessa forma, analisa Prado (2014) que:

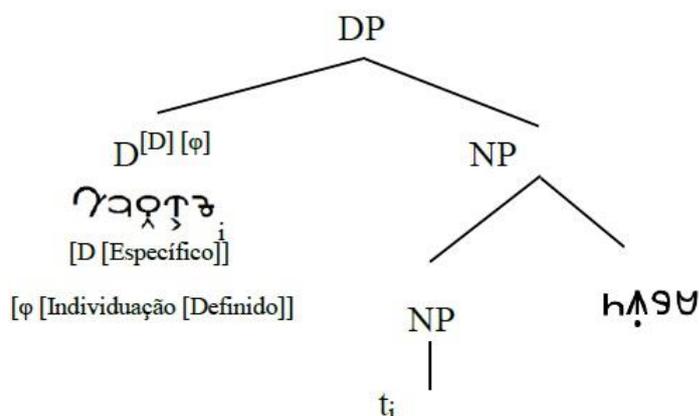
em (45a), o Loc ከገጠና, que possui os traços [D[DÊÍTICO][ESPECÍFICO]] e [φ [INDIVIDUAÇÃO [DEFINIDO]]], checa o núcleo D. Em (42b), o Loc ከቤት, que possui apenas o traço [φ [INDIVIDUAÇÃO [DEFINIDO]]], checa somente o

traço $[\varphi]$, ficando o traço $[D]$ para ser checado pelo N (MULHER), que se adjunge a D para realizar essa checagem. E, em (43a), a ausência do Loc faz com que recaia no nominal (HOMEM) a checagem dos traços $[D]$ e $[\varphi]$. Dessa forma, na linha das análises de Longobardi (1994) e Schoorlemmer (1998), assumimos que o alçamento de N para a categoria funcional D se justifica pela necessidade de checagem de traços deste núcleo. (PRADO, 2014 , p. 91).⁵²

No caso dos nomes próprios, a autora assume que eles carregam os traços subespecificados $[\varphi]$ [INDIVIDUAÇÃO [DEFINIDO]], além de $[D]$ [ESPECÍFICO]], o que garante a leitura referencial na ausência do Loc, como na estrutura em (17), retirada de Prado (2014 , p. 93). De acordo com essa análise, essa estrutura se aplica também no caso de nomes comuns, em contextos nos quais os referentes são claramente identificados no contexto, como no exemplo em (11b).

(17) Estrutura dos nomes próprios

ገገገገገገ ስላግህ ከህገ ገሃ-ገሃፉ...ፉፉፉ ዐገገ።
 CINDERELA SURDA É BEBÊ INOCENTE
 ‘Cinderela surda é (um) bebê inocente’



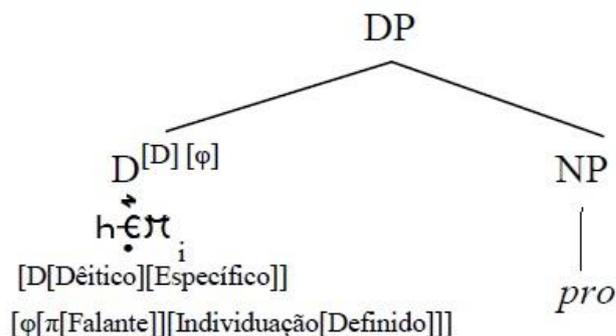
Por fim, para a estrutura do Loc proforma, como em (11b), cuja estrutura está representada em (18), retirada de Prado (2014 , p. 94), a autora define que:

dentro da linha de análise aqui adotada, que, no caso da estrutura dos pronomes, a checagem dos traços $[\varphi]$ e $[D]$ por Loc pode licenciar uma elipse nominal, já que o traço $[D]$, que corresponde ao traço $[N]$ e caracteriza nominais, conforme Carvalho (2008, 83), tem sua checagem garantida. Assumimos que a elipse nominal é uma categoria

⁵² O exemplo de numeração (45a) no texto original corresponde a (16a) nesta tese; (42b) no original corresponde a (16b) nesta tese; e (43a) corresponde a (16c).

vazia *pro* (Cf. LOBECK, 1995, SLEEMAN, 1996, KESTER E SLEEMAN, 2002). Essa nossa proposta para a estrutura dos Locs proformas se fundamenta em análises como a de Torrego (1988), que, como vimos, vê nos demonstrativos e quantificadores riqueza de traços suficiente para legitimarem a elipse nominal, em contraste com o artigo definido, que necessita, segundo este autor, de outros elementos com traços de pessoa para poder legitimar a elipse nominal. (PRADO, 2014 , p. 93).

(18) Ordem Loc-pro



Prado (2014) ainda apresenta quadros das estruturas de traços formais dos Locs como pronomes pessoais, demonstrativos, locativos, possessivos e quantificadores, com base na geometria de traços, contudo, não desenvolvemos essas estruturas nesta tese, uma vez que não são o foco deste estudo.

Assim, o estudo de Prado (2014) e Prado e Lessa-de-Oliveira (2012a; 2012b; 2016) sobre a natureza articulatória e formal da categoria dos determinantes, em especial do núcleo D/DP serviram de base para a nossa análise sobre a construção de referência e de correferência nas construções relativas restritivas e apositivas na LSB.

CAPÍTULO 4

CONSTRUÇÕES RELATIVAS RESTRITIVAS E APOSITIVAS NAS LÍNGUAS NATURAIS

As sentenças relativas (orações subordinadas adjetivas, de acordo com a gramática tradicional – GT) são já bastante estudadas pelas gramáticas científicas e, em especial, no âmbito da gramática gerativa (GG). Esses estudos centram-se nas propriedades formais dessas construções subdivididas em dois grupos: (i) relativas com núcleo nominal (RNN) e (ii) relativas sem núcleo nominal realizado – também conhecidas como relativas livres ou sem cabeça (MIOTO, 1994; MEDEIROS JUNIOR, 2005, 2014; MARCHESAN, 2008, 2012).

Para a distinção entre sentenças relativas restritivas e apositivas, contudo, além do critério sintático, o critério semântico se faz necessário, o que se evidencia nas definições dadas por Almeida (1992, p. 527) para as primeiras – “as que exprimem sentido accidental, e não podem ser eliminadas sem prejuízo do sentido da oração principal: ‘O homem/ *que é justo*/ deixa na terra memória abençoada” – e para as últimas, a que a GT chama explicativas – “são as que indicam qualidade *inerente* ao substantivo a que se referem, e podem ser eliminadas sem prejuízo do sentido da oração principal: ‘O homem, */que é mortal,/* passa rápido sobre a terra”.

Apresentamos, neste capítulo, as propostas de análises dessas construções pela GG, bem como os trabalhos sobre as línguas de sinais, encontrados até o momento.

4.1 Construções relativas restritivas e apositivas nas línguas orais

No âmbito das análises da gramática gerativa, as sentenças relativas são compreendidas como estruturas subordinadas que, geralmente iniciadas por um pronome relativo, modificam um antecedente nominal, ou mesmo outra sentença (DUARTE e BRITO, 2003; PERES e MÓIA, 1995). Nesse sentido, a sentença relativa possui uma estrutura na qual uma lacuna estabelece uma relação de correferência com um DP localizado externamente, na oração matriz. Essa relação correferencial permite que a relativa modifique o DP da oração matriz, tal como um adjetivo, agindo diretamente na interpretação semântica do DP que a encabeça (o antecedente), o qual, de acordo com Smith (1964) e De Vries (2006), exerce um papel essencial nessa estrutura, chegando a definir o tipo de relativa selecionada e a entidade à qual as propriedades descritas na oração relativa serão atribuídas.

Para Marchesan (2008), essas estruturas são classificadas como relativas com núcleo nominal (RNN), por apresentarem um constituinte relativizado – chamado núcleo nominal, NP_{relativo} – que é compartilhado pela sentença matriz e pela encaixada; ou seja, uma oração relativa sempre possui um constituinte que é relativizado. As relativas com núcleo nominal são, portanto, definidas pela dependência que duas orações estabelecem com um determinado núcleo, que pode ser identificada na ligação entre o relativizador, a categoria vazia (encontrada na encaixada) e o nome relativizado em SpecCP.

As sentenças relativas são subcategorizadas semanticamente em dois grupos: restritivas (19) e apositivas (20), como os exemplos a seguir:

(19) Julieta gosta de ler os livros de linguística [que a sua orientadora indicou ___] na aula].

(20) O planeta Terra, [que ___ é o terceiro planeta do sistema solar], gira em torno do sol.

Observando a construção relativa restritiva (19), é possível identificar três posições sintáticas que possuem uma relação de correferência entre si, como ilustra a estrutura em (19'), a seguir:

(19') [Julieta gosta de ler [os livros de linguística]_i [[que]_i a sua orientadora indicou [*ec*]_i] na aula].

Nesse caso, o pronome relativo ‘que’ está vinculado ao antecedente ‘os livros de linguística’ e à lacuna mais baixa no interior da relativa, representada pela categoria vazia [*ec*]. Essa categoria vazia, formando uma lacuna, em última instância, representa o alçamento do nome, conforme proposto por Kayne (1994) e, mais tarde, assumido por Kenedy (2002) para o português brasileiro, como ilustrado em (19''), e também por outros autores, como Kato e Nunes (2007; 2009) e Lessa-de-Oliveira (2008), entre outros:⁵³

⁵³ Sobre a natureza do ‘que’, existem propostas diversas na literatura. Para Kenedy (2002), no português brasileiro (PB), o ‘que’ da sentença relativa está em C (assim como para Tarallo (1983)). Por sua vez, Kato e Nunes (1998; 2007) defendem que toda relativa do PB é uma relativa do tipo Wh. Dessa forma, a

(19'') [Julieta gosta de ler [os livros de linguística]_i [[que]_i a sua orientadora indicou [t]_i] na aula].

Nas subseções a seguir, apresentamos as principais propostas de análise para as estruturas relativas restritivas e apositivas no âmbito da Teoria Gerativa.

4.2 Análises das estruturas de relativização nas línguas orais

Os estudos sobre a natureza das orações relativas iniciaram-se na década de 1960, quando Lees (1960, *apud* KENEDY, 2014), um dos primeiros teóricos sobre esse tema, propôs que haveria inicialmente duas orações não relativas que compartilhariam um NP idêntico em seu interior. Essa proposta foi desenvolvida tendo como base esse compartilhamento de um mesmo NP entre duas orações, como eixo fundamental para o encaixamento de uma oração relativa em uma oração matriz.

Contudo, as análises sobre essas construções avançaram bastante na teoria. Nas próximas subseções apresentamos as principais propostas sobre o processo de relativização nas línguas naturais.

4.2.1 *Smith (1964)*

Smith (1964), em seu texto úbere, propõe que existe uma relação clara e forte entre o determinante (D) e a oração relativa (CP), de tal forma que é o D que determina não só se um referente pode ser relativizado, mas qual tipo de relativização é possível, se apositiva e/ou restritiva, ou seja, existe uma restrição seletional entre D e oração relativa.

A autora apresenta a ideia de marcadores relativos, que são produzidos como parte de um determinante, compartilhando propriedades semânticas com esse D. Nessa perspectiva de análise, o traço de indefinitude está relacionado às construções relativas restritivas e o traço de definitude está relacionado às construções relativas apositivas. Um D indefinido, por exemplo, não aceita uma relativa apositiva (21a), pois necessita

diferença entre essas propostas centra-se sobre a natureza da lacuna interna à relativa: para Kenedy (2002), com base em Kayne (1994), a lacuna é gerada pelo movimento do nome – que se tornará o antecedente da relativa – para a posição de Spec-CP; para Kato e Nunes (1998; 2007), a lacuna se forma em PB pelo movimento-Wh.

de uma relativa que contribua para a sua definição (no caso, uma restritiva (21b)), o que se opõe ao que ocorre com um D definido (25c), como observa Smith (1964, p. 68):

- (21) a. **Any book, which is about linguistics, is interesting.*
 b. *Any book which is about linguistics is interesting.*
 c. *The book, which is about linguistics, is interesting.*

Segundo Smith (1964, p. 38), há, ainda, DPs que podem selecionar tanto estruturas de relativas restritivas quanto apositivas.⁵⁴

- (22) a. *They pointed to a dog who was looking at him hopefully.*
 b. *They pointed to a dog, who was looking at him hopefully.*

Dessa forma, observamos que o marcador de relativa restritiva ou de relativa apositiva tem origem no DP, conforme o seu traço de (in)definitude. Nesse caso, como afirma Smith (1964):

determiners are developed by expansion rules at the phrase structure level of the grammar. An additional element, a relative marker, will be produced as part of the determiner. Determiners will have R and/or A relative clauses. The relative transformation will be applicable only to noun phrases that have the appropriate relative markers, and will adjoin to sentences as relative clauses to the markers. Phrase structure rules to produce determiners with the appropriate relative markers follow only those determiners immediately relevant to the embedding rules are included here. (SMITH, 1964, p. 38).⁵⁵

Segundo Smith (1964), que desenvolve o seu trabalho ainda na perspectiva da Teoria Padrão dos estudos gerativistas, em que a gramática operava com regras de estruturação frasal, uma sentença pode ser incorporada em outra, como uma relativa, se

⁵⁴ Nos dados analisados neste estudo, não encontramos casos em que esse tipo de D selecione tanto relativas restritivas quanto apositivas, conforme apresentamos no capítulo 5 deste estudo. Contudo, ainda não podemos afirmar se isso é possível ou não na LSB. Para isso, são necessários mais estudos e análises, que serão realizados posteriormente.

⁵⁵ Tradução nossa: “os determinantes são desenvolvidos por regras de expansão no nível da estrutura da frase da gramática. Um elemento adicional, um marcador relativo, será produzido como parte do determinante. Os determinantes terão cláusulas relativas R e/ou A. A transformação relativa será aplicável apenas a frases substantivas que possuam marcadores relativos apropriados e se juntará a sentenças como cláusulas relativas aos marcadores. As regras de estrutura de frases para produzir determinantes com marcadores relativos apropriados seguem apenas os determinantes imediatamente relevantes para as regras de incorporação”.

as duas compartilham um mesmo NP. O NP, por sua vez, será compartilhado entre as duas sentenças se o substantivo do NP e o marcador relativo do NP forem idênticos nas duas sentenças, contudo, nem todos os membros da categoria precisam ser idênticos.

Os marcadores de relativa são produzidos depois dos NPs nas regras de estrutura frasal – relativas ocorrem depois de nomes. Contudo, antes de a sentença ser incorporada ao DP da sentença matriz, Smith (1964) defende ser conveniente mover o marcador para a posição pós-nominal.⁵⁶ Essa mudança ocorre em duas partes: (i) o NP é compartilhado e afeta somente o marcador relativo – muda-se a estrutura do NP, movendo-se as marcas do determinante para o nó do NP –; e (ii) junta-se a sentença relativa ao marcador apropriado. Segundo a autora:

*a morphophonemic rule will provide that in the final representation the sentence the R marker is phonetically zero. The A-relative rule replaces in A marker with a relative clause enclosed by commas or commas intonation. Only on relative clause may be embedded to a noun phrase. (SMITH, 1964, p. 40).*⁵⁷

Para Smith (1964), a intuição dos falantes sobre o traço de (in)definitude do termo antecedente corresponde a uma classificação necessária para as regras de incorporação. A primeira regra une uma sentença a um substantivo como uma cláusula relativa, e as outras duas formam modificadores pós-nominais e pré-nominais pelas operações de exclusão e mudança de ordem, respectivamente. Segundo a autora, essas regras são aplicadas uma vez, em ordem, para uma dada sentença, e essa sentença é incorporada a um NP como modificador. Nessa perspectiva, há uma restrição seletional

⁵⁶ De Vries (2006) chama de pivô o constituinte compartilhado semanticamente pela oração matriz e pela subordinada. Quando o pivô ocorre na matriz, ele é reconhecido como antecedente (como ocorre com o português) e, na oração relativa, haverá uma lacuna que pode (ou não) ser preenchida por um pronome relativo. O autor também aponta que o papel semântico (papel- θ) e a função sintática que o pivô exerce na oração relativa não precisam ser idênticos ao que ele realiza na matriz. Conforme Medeiros-Junior (2014), a sentença relativa restritiva, adjacente ao seu antecedente, coopera para a construção referencial do termo antecedente que a contém e sua natureza semântica é excludente, o que pode ser observado nos exemplos retirados do autor (MEDEIROS-JUNIOR, 2014, p. 33) e replicados a seguir:

- a. O dinheiro [que estava na gaveta] sumiu.
- b. Referimo-nos aos alunos [que se envolveram na confusão].
- c. Este é o aluno [cujos pais nos procuraram].
- d. O médico descreveu os instrumentos [com os quais realizou o procedimento].

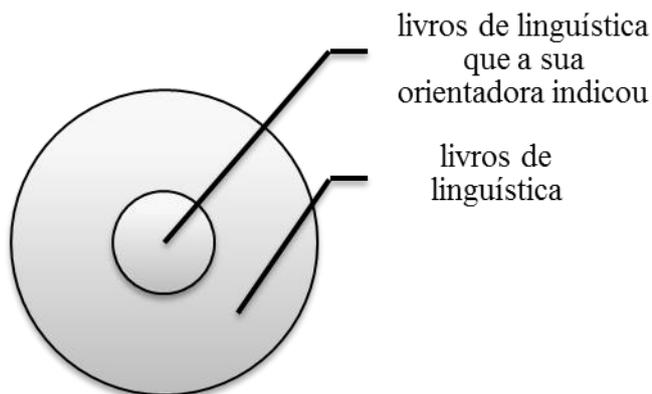
Segundo essa perspectiva, as sentenças restritivas destacadas nos exemplos acima têm a função de restringir o domínio de referência da expressão nominal antecedente, ou seja, “a oração relativa chamada restritiva (em termos semânticos) cria um subconjunto do conjunto denotado pela expressão nominal que lhe serve de antecedente – atuando, portanto, de forma excludente” (MEDEIROS-JUNIOR, 2014, p. 33).

⁵⁷ Tradução: “uma regra morfofonêmica garantirá que, na representação final da sentença, o marcador R seja foneticamente zero. A regra relativa A substitui um marcador A por uma sentença relativa fechada por vírgulas ou entonação de vírgulas. Somente uma sentença relativa pode ser incorporada a uma frase substantiva”.

entre DPs e relativas, que explica a relação entre o traço de (in)definitude do antecedente e o tipo de relativa (restritiva ou apositiva).⁵⁸

A autora identifica três classes de DPs, de acordo com as restrições de seleção, já exemplificados anteriormente: (i) DPs que aceitam somente relativas apositivas; (ii) que aceitam ambas as relativas, apositivas e restritivas; e (iii) os que aceitam somente relativas restritivas. As relativas restritivas são selecionadas por um termo antecedente (D) menos definido ou não especificado, o qual necessita de uma restrição no domínio da sua referência expressa na expressão nominal (antecedente), criando, dessa forma, um subconjunto do conjunto construído pela expressão nominal que lhe serve de antecedente – ou seja, o marcador de relativa parte do DP. Na Figura 36, tem-se um grupo mais amplo ‘livros de linguística’, como termo antecedente, e um subgrupo dentro desse conjunto mais amplo referindo-se aos ‘que a sua orientadora indicou’:

Figura 24: Conjunto semântico da oração relativa restritiva.



Fonte: Construído com base em Medeiros-Júnior (MEDEIROS-JUNIOR, 2014, p. 34).

Nessa perspectiva, referentes nominais constituídos por nomes próprios não aceitam relativas restritivas, uma vez que esse núcleo N já traz consigo um traço forte de definitude, indicando uma pessoa específica no mundo, e não outra, como mostram os dados de Smith (1964, p. 38), replicados aqui em (23):

- (23) a. *John, who knows the way, has offered to guide us.*
 ‘João, que conhece o caminho, se ofereceu para nos guiar.’
 b. **John who knows the way has offered to guide us.*
 ‘*João que conhece o caminho se ofereceu para nos guiar.’

⁵⁸ Segundo Smith (1964), a distinção de definitude e indefinitude se dá no âmbito do DP, e não somente dos determinantes *the* [definido]/*a* [indefinido].

É interessante notar que Smith (1964) diz que as relativas apositivas são estruturas que, selecionadas por um DP com traço mais definido (um nome próprio, por exemplo), apresentam o elemento *wh* separado por vírgula, na escrita, e por uma pausa entoacional, na fala, como demonstra o exemplo (24a) a seguir, retirado de Smith (1964, p. 38), em oposição a (24b) (1964, p. 38), que teria leitura restritiva e, portanto, seria agramatical:

- (24) a. A – *John, who knows the way, has offered to guide us.*
 b. R – k **John who is from the South hates cold weather.*

Em (24a), o antecedente ‘John’, com traço altamente especificado, característica dos nomes próprios, seleciona uma relativa apositiva, com o *wh* separado por vírgula (entoacional), e não uma relativa restritiva, como ocorre em (24b). Segundo a autora, “*the A-relative rule replaces in A marker with a relative clause enclosed by commas or commas intonation. Only one relative clause may be embedded to a noun phrase*” (SMITH, 1964, p. 40).⁵⁹

Também formas como o genitivo pré-nominal, em inglês, ocorrem com relativa apositiva e com nomes que têm modificadores pré-nominais, como nos exemplos a seguir (SMITH, 1964, p. 46):

- (25) a. *...the man’s old car...*
 b. *the man’s car, which he bought last year...*
 c. **... the man’s car that he bought last year...*

Smith (1964) analisa as relações entre as relativas apositivas e as negativas. Segundo a autora, se o objeto do verbo for uma relativa apositiva, a sentença não é negada. Além disso, se o sujeito sofreu uma negação, a relativa apositiva não pode ser incorporada para o objeto, como mostra o exemplo a seguir (SMITH, 1964, p. 48):

- (26) a. **He didn’t eat the mango, which i bought for him yesterday.*
 b. * *He didn’t eat the mango, which was overrip.*

⁵⁹ Tradução: “A regra relativa A substitui um marcador A por uma cláusula relativa fechada por vírgulas ou entonação de vírgulas. Somente na cláusula relativa pode ser incorporado a uma frase substantiva”.

- c. * *He didn't write a novel, which was published by McGraw-Hill.*
- d. * *He didn't use the air mattress which belongs to the Halls.*

Essas sentenças contrastam com as negativas com sujeito cujo complemento é uma relativa afirmativa, como mostra Smith (1964, p. 48):

- (27) a. *The American contestant, who broke training, didn't win the race.*
- b. *The novel, which was published by McGraw-Hill, was not successful.*

Smith (1964) defende que a negação das sentenças é feita no predicado. Nessa perspectiva, a única maneira de negar uma sentença inteira é usar uma construção impessoal (*It is not the case that* + sentença). Assim, o escopo da negativa inclui o predicado inteiro da sentença, contudo, as relativas afirmativas estão além do escopo do verbo principal, que é a chave do predicado.

No predicado de uma sentença, as transformações relacionadas às relativas afirmativas e negativas são mutuamente excludentes. Dessa forma, o bloqueio da relativa afirmativa inclui outras negativas, como 'raramente' e 'nunca', como demonstra Smith (1964, p. 48);

- (28) a. **No antique dealer, who had any sense, wanted to buy...*
- b. **John rarely spades his plot, which he planted last spring.*
- c. **We never go to the opera house, which is in Boston.*

A autora defende ainda que certas interrogativas e relativas afirmativas são mutuamente excludentes, uma vez que a interrogativa faz parte do escopo do predicado inteiro da sentença (SMITH, 1964, p. 48):

- (29) a. **Did he paint a mural, which hangs in the Hotel Prado?*
- b. **Did John, who is a journalist, write a novel?*
- c. **Who ate the mango, which Eleanor bought yesterday?*
- d. **Who wrote a novel, which was published by McGraw-Hill?*

Conforme a análise da autora, em (29a) e (29c), o verbo é questionado e o objeto teve uma relativa apositiva. Já em (29b) e (29d), o sujeito é questionado e o objeto teve uma relativa apositiva como complemento.

Segundo a autora, se o sujeito é questionado, o escopo da interrogativa se entende pela sentença inteira; já se o objeto é questionado, o sujeito pode ter uma relativa apositiva como complemento, como em (SMITH, 1964, p. 48):

(30) *Did the accident, which was quite serious, upset them?*

Assim, a transformação relativa precede a interrogativa e a negação, uma vez que a transformação A (apositiva) remove a marca de relativa apositiva. Segundo a autora, as transformações de negação e interrogação não são aplicadas a menos que uma marca A ocorra no NP apropriado. Logo, as relativas estão fora do escopo que afeta a sentença inteira e, portanto, são independentes dos NPs nos quais estão inseridos. Nesse caso, a intuição semântica sobre as relativas apositivas é que elas são maximamente definidas.

A essência dessa proposta concentra-se na existência de uma relação necessária entre o D e o CP relativo. Ainda, conforme Smith (1964), para as relativas restritivas, a presença de D é necessária, e, por consequência, a ausência desse elemento torna impossível a sua seleção, em alguns contextos. Já para as relativas apositivas, a autora as compreende como estruturas quase independentes, uma vez que estão fora do escopo que afeta a sentença inteira. Essas são as bases para a nossa análise neste estudo.

Nas próximas seções, passamos a analisar as teorias de relativização de Chomsky (1977) e de Kayne (1994). A intenção é encontrar a proposta com maior poder explicativo em face das evidências encontradas nos dados da LSB.

4.2.2 Chomsky (1977)

A partir da proposta de Lees (1960, *apud* KENEDY, 2014) sobre o compartilhamento de um mesmo NP entre duas orações como condição fundamental para a construção relativa, compreende-se que esse NP viria a ser relativizado, por meio de um processo de adjunção entre as duas orações. Dessa forma, o NP da oração que viria a funcionar como a relativa seria apagado, por meio da aplicação de várias regras e, em seguida, a oração relativa seria adjungida à outra oração, que conteria ainda o NP

relativizado. Ainda na década de 1960, Rosembaum (1969 *apud* KENEDY, 2014), formaliza a análise de Lees, propondo a teoria da transformação relativa e Ross (1967) propõe que as sentenças relativas são estruturas adjuntas a um sintagma nominal, funcionando como modificadores. Nessa esteira, Chomsky (1977), seguindo Ross (1967), e ainda no âmbito da Teoria Padrão Estendida dos estudos gerativistas, propõe que relativas seriam adjunções a um NP.

Segundo o autor, quando se consideram as regras interpretativas, essa proposição se torna mais clara.⁶⁰ Por exemplo, em línguas nas quais a relativização não envolve regras de movimento, mas simplesmente uma interpretação de um pronome gerado no interior da sentença relativa, a relativização pode violar as restrições livremente, assim como apontam Ross (1967 *apud* CHOMSKY, 1977, p. 80) e outros autores. Nessa perspectiva, Chomsky (1977, p. 80) afirma que em hebraico, por exemplo, existem dois processos de relativização, um envolvendo uma regra de movimento (com deleção/apagamento opcional do pronome movido, se esse está no objeto direto – nesse caso, o autor assume a deleção obrigatória desse elemento) e outra envolvendo uma interpretação do pronome gerado dentro da relativa. A regra de movimento observa as restrições usuais; já as regras interpretativas violam essas regras – as de construção e as de ilha-*wh* – facilmente, conforme o exemplo apresentado por Chomsky (1977, p. 80), replicado aqui em (31):

(31)

- i. *ze haiš še (oto) ra 'iti etmol]*
 (this-is the-man [that (him) I-saw yesterday])
- ii. *ra 'iti et ha-iš [še natata li et ha-sefer [še hu katav oto]]*
 (I saw the-man [that you gave me the-book [that he wrote it]])

⁶⁰ Chomsky (1977, p. 72) propõe um tipo de “gramática nuclear” para o inglês, composta por um conjunto limitado regras e condições gerais as quais governam essas regras, a saber, duas regras transformacionais (a e b) e três regras interpretativas (c, d e f):

- a. Mover NP;
- b. Mover sentença-*wh*;
- c. Regra recíproca – atribuir para *each other* o traço [+anafórico para i] em estrutura contendo NP_i;
- d. Ligar anáfora – atribuir para o pronome o traço [+anafórico para i] em estrutura contendo NP_i, em contexto [NP – Possessivo - N_x];
- e. Referência disjunta – atribuir para o pronome o traço [-anafórico para i] em estrutura contendo NP_i.

Segundo o autor, o mesmo vale para as construções *that* do inglês, em uma modalidade não formal da língua falada, o que sugere que esse é um recurso da GU.

Da mesma forma, os movimentos à esquerda em inglês seguem estruturas como “*as far as John is concerned, I will never believe the claims that have been made about him*” (CHOMSKY, 1977, p. 80). Nesse exemplo, *him* é compreendido como referente a John, violando a ‘restrição de sintagma nominal complexo’ (CNPC, do inglês *Complex Noun Phrase Constraint*), o limite da ilha-*wh* e a subjacência. Assim, para o autor, nenhuma regra de movimento é aplicada nesse caso e nem poderia, no contexto em que essas regras estão sujeitas aos princípios de ‘Condição de Ilha Proposicional’ (PIC, do inglês *Propositional-island condition*) e ‘Condição de Sujeito Especificado’ (SSC, do inglês *Specified subject condition*).

Nesse sentido, propõe-se que pronomes sejam gerados dentro das construções relativas e que possam referir livremente. Portanto, as regras de base poderiam ter introduzido NPs arbitrariamente na posição destacada em (31ii). Em alguns casos, regras de ligação anafórica limitam as chances de um NP ser ligado a pronomes, contudo, afirma Chomsky (1977, p. 81) que não é a regra de construção que é envolvida, mas sim uma regra de categoria distinta, que pode ser chamada de “regra de predicação”.

Assim, segundo Chomsky (1977, p. 81), a regra de interpretação para relativas requer que a relativa seja tomada como uma sentença aberta, satisfeita por um elemento referenciado por um NP no qual surge. Consequentemente, deve ser um NP da relativa que é interpretado como não tendo referência independente, isto é, um pronome com as flexões apropriadas que pode ter dado a interpretação “anafórica”.

Ainda nesse texto, Chomsky (1977, p. 84) propõe que o alçamento de NP e o movimento de clítico não podem ter efeitos fonéticos, mas o movimento-*wh* pode, dependendo da ordenação das regras (abaixo) e das regras de ligação:

(32)

Given an \bar{S} of the form:
 $[COMP \text{ --}[wh\text{-}\bar{N}] \text{ --}[+WH]] [S \dots t \dots]$
 where t is the trace of $[wh\text{-}\bar{N}]$, rewrite it as:
 $[COMP \text{ for which } x, x \text{ an } \bar{N}], [S \dots [-x\text{-}] \dots]$

Segundo o autor:⁶¹

when a phrase moves by a transformation, its category remains as an 'unfilled node' and [that] the moved phrase and the original position have the same index. The unfilled node labelled i is $t(i)$, the trace of P_i , the phrase moved from position i . the trace will invoke SSC and is available for assignment of thematic relations. PRO and trace are identified, they differ only with respect to the origin of the index. The position s trace may be filled by a phrase containing a variable, by expansion in a quantifier. There may be phonetic effects of trace in the later case. (CHOMSKY, 1977, p. 84).⁶²

As regras e condições dadas permitem o movimento-*wh* dentro de uma sentença, como em (i) “*who did Mary meet t*”, e (ii) “*who did you tell Mary that she should meet t*” (CHOMSKY, 1977, p. 84). Assim, a regra básica para o movimento-*wh* é ‘mova a sentença-*wh* para dentro do complementador (C)’. Chomsky (1977, p. 87) afirma, então, que o movimento-*wh* é subjacente às relativas restritivas e não-restritivas.

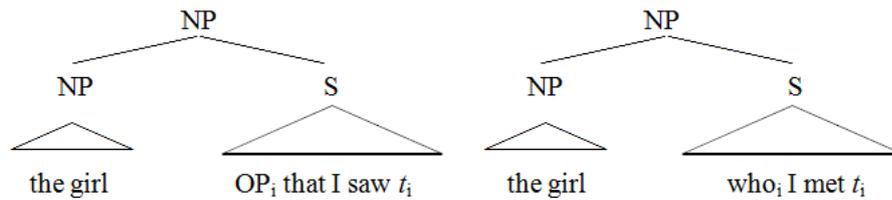
Essa generalização para a compreensão da estrutura sintática das relativas seria a mesma que a de uma série de outras construções, entre elas, as interrogativas-*wh*. Nesse sentido, construções sintáticas como relativas, interrogativas, exclamativas, comparativas, topicalização e outras seriam derivadas do mesmo processo básico: movimento-*wh*.

Entende-se, dessa proposta, que a lacuna e a posição do CP, ambos no interior da oração relativa, estão conectados por meio do movimento-*wh* de um pronome relativo ou de um operador vazio. As figuras a seguir demonstram a estrutura arbórea desse modelo de relativização.

⁶¹ PRO (leia-se prozão) é um tipo de categoria vazia que estabelece relação anafórica de controle com o seu antecedente, ou seja, PRO é obrigatoriamente controlado, diferenciando-se da categoria vazia t pelos seguintes aspectos: “(i) t ocorre em uma estrutura em que o verbo matriz é inacusativo e PRO em uma em que o verbo matriz é transitivo (...); (ii) (...) o antecedente de t não tem papel θ independente, enquanto o antecedente de PRO tem; (iii) (...) PRO não pode ser resultado de movimento” (MIOTO, SILVA e LOPES, 2013, p. 230).

⁶² Tradução nossa: “quando uma frase é movida por uma transformação, sua categoria permanece como um 'nó não preenchido' e a frase movida e a posição original têm o mesmo índice. O nó não preenchido rotulado i é $t(i)$, o traço de P_i , a frase movida da posição i . O vestígio invocará o SSC e está disponível para atribuição de relações temáticas. PRO e vestígio são identificados, eles diferem apenas em relação à origem do índice. O traço da posição pode ser preenchido por uma frase contendo uma variável, por expansão de um quantificador. Pode haver efeitos de rastreamento fonético no caso posterior”.

Figura 25: Modelo de relativização em Chomsky (1977)).



Fonte: Medeiros-Junior (2014, p. 45).

Segundo esse modelo, o CP relativo conteria um elemento-*wh*, um pronome relativo, que estabelecería uma relação de correferência com o elemento relativizado, o DP/NP da estrutura encontrada. Esse elemento-*wh* seria gerado em posição de complemento (interno ao VP relativo) do IP contido no CP e, de lá, seria movido por adjunção para a posição de SpecCP, como nas estruturas a seguir:

- (33) a. [DP/NP [DP/NP alvo]_i [CP *wh*_i [IP... t_i ...]]]
 b. [DP/NP [DP/NP a mulher]_i [CP *que*_i [IP t_i ama Romeu]]]

A proposta de Chomsky (1977), segundo Kenedy (2014), trazia à tona dois problemas: (i) a conferência e o compartilhamento de traços entre o elemento-*wh* e o nome relativizado; e (ii) a possibilidade (não aplicada ao português) de essas sentenças serem construídas sem o elemento-*wh* expresso. Para solucioná-los, Chomsky (1977) propôs uma regra de predicação aplicada em LF. Segundo Kenedy (2014), essa solução apresentava outro problema: não explicava como determinados traços morfossintáticos, como os de gênero, podiam ser compartilhados entre os dois elementos envolvidos na relativização. Além disso, para Kenedy (2014), essa solução, além de gerar outros problemas, tais como a criação de uma regra especial de interpretação que seria aplicada somente em LF e a incapacidade de explicar de que maneira NP e *wh* chegam a compartilhar certos traços morfossintáticos, como gênero, número e Caso, não explica a possibilidade de línguas como o inglês gerarem relativas sem o elemento-*wh*, e, por consequência, com o núcleo C⁰ nulo.

Em Chomsky (1995), o autor postula a existência um ‘operador nulo’ (OP), que desempenha o papel de pronome relativo, saturando o verbo da oração relativa, o que segundo Kenedy (2002), é incompatível com os postulados do Programa Minimalista

(PM), que busca preservar na derivação somente aquilo que é natural, e não um mero construto teórico.

Em suma, a proposta de Chomsky (1977) diz que relativas são resultado de adjunção à direita. Contudo, posteriormente, Kayne (1994), com base em Smith (1964) e Vergnaud (1974), e com base também na sua proposta do Axioma da Correspondência Linear, argumenta sobre a impossibilidade desse movimento, como veremos na próxima seção.

4.2.3 Kayne (1994)

A proposta de Kayne (1994) parte, em essência, dos postulados de Smith (1964) – apresentados anteriormente – e Vergnaud (1974), que desenvolve uma análise, também com base em Smith (1964), sobre a natureza das construções relativas, propondo que, nesses casos, as relativas são CPs que complementam um DP. Além disso, em oposição ao que ficou conhecido como análise de *Matching* – hipótese delineada em Lees (1960) e Chomsky (1965), que se estruturava basicamente em regras de apagamento por identidade –, Vergnaud (1974) propõe a hipótese da *Promotion Analysis*, segundo a qual, em construções relativas, o nome relativizado (uma projeção N, não NP) é alçado do interior da oração relativa para fora da subordinada. Segundo o autor:

It appears then that there is considerable evidence for analyzing restrictive relativization as involving the promotion of an element from an embedded sentence into a matrix sentence in which it fills an originally empty slot. (VERGNAUD, 1974, p. 68).⁶³

É com base nesses pressupostos que Kayne (1994) propõe que não há adjunção da oração relativa ao DP, conforme postulado por Chomsky (1977), mas antes que tais orações seriam estruturas CPs complementos do núcleo funcional D, em um DP (VERGNAUD, 1974), tendo como foco o Axioma da Correspondência Linear, delineado em seu estudo.

O autor considera as três generalizações propostas por Chomsky (1977) para as estruturas de relativização: (i) há uma lacuna nas relativas; (ii) nessas estruturas ocorrem relações de longa distância, essenciais à ligação referencial entre o nome relativizado e

⁶³ Tradução: “Parece, então, que existem evidências consideráveis para analisar a relativização restritiva como envolvendo o alçamento de um elemento de uma sentença incorporada em uma sentença matricial na qual ela preenche um espaço originalmente vazio”.

o pronome relativo; e (iii) há sensibilidade às restrições de ilha (IP, DP, Wh). Assim, retomando as hipóteses de Smith (1964) e Vergnaud (1974) para as sentenças relativas, Kayne (1994) propõe uma análise baseada no Axioma da Correspondência Linear (do inglês, *Linear Correspondence Axiom*, LCA), que supõe que a ordem linear resulta diretamente de relações hierárquicas na sintaxe. Para tanto, Kayne (1994) propõe o c-comando assimétrico, o qual atende à necessidade de organização linear dos enunciados – resultado direto das relações hierárquicas sintáticas, segundo o qual, adjunções ocorrem apenas à esquerda do núcleo e sempre de núcleo para núcleo, e não de não-núcleo para não-núcleo.⁶⁴

Nessa perspectiva, a posição à direita dos núcleos é reservada somente aos complementos, inviabilizando-se a adjunção nessa posição, de forma que orações relativas devem ser, necessariamente, argumentos de um núcleo funcional D, ocorrendo sempre à direita desses núcleos, o que seria sua posição de base. Segundo essa proposta, não há adjunção da oração relativa ao DP, mas, antes, essas orações funcionam como complementos do núcleo D, em um DP, de forma que a proposta de adjunção à direita (ROSS, 1967; CHOMSKY, 1977) é posta de lado, conduzindo, assim, a uma visão da complementação de D, sendo a estrutura da oração relativa representada como em (34):

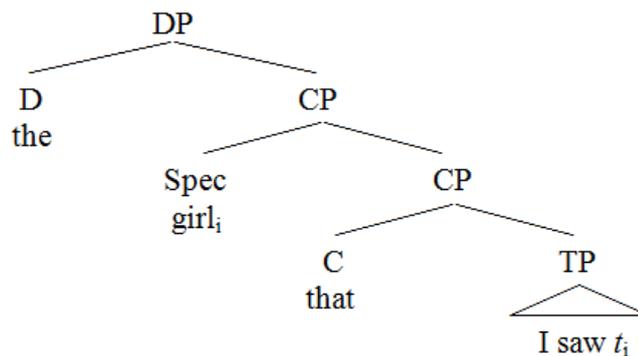
(34) $[_{DP} D^0 CP]$

Em inglês, as relativas apresentam três tipos de derivação, dependendo do tipo de construção que apresentem: (i) relativas-*that*, (ii) relativas-*that* com núcleo C^0 nulo e (iii) relativas-*wh*.

As relativas-*that* apresentam a seguinte configuração:

(35) Relativas-*that* – $[_{DP} the [_{CP} girl_i [_{C'} that [_{IP} I saw t_i]]]]$;

⁶⁴ O c-comando assimétrico configura-se como uma das principais contribuições de Kayne (1994), que impõe severas restrições sobre as representações sintáticas. Segundo o autor, “o c-comando assimétrico, invariavelmente, mapeia com precedência linear” (KAYNE, 1994, p. 3). Para o autor, no LCA, a relação de c-comando está ligada aos nós não-terminais, não envolvendo os nós terminais. Há quatro implicações referentes ao LCA: (i) a ordem Spec-núcleo-compl é a única licenciada pela faculdade da linguagem; (ii) os movimentos para a direita são proibidos; (iii) as adjunções só são licenciadas para ocorrer à esquerda do núcleo; e (iv) tais adjunções só são permitidas de núcleo a núcleo e de não-núcleo a não-núcleo.



Fonte: Kayne (1994, *apud* MEDEIROS-JUNIOR, 2014, p. 46)

A estrutura para as sentenças relativas em (35) apresenta uma configuração na qual um núcleo determinante externo (D) seleciona como complemento um CP, o qual tem como núcleo (C) o morfema relativo, em se tratando de relativas do tipo *that*, do inglês. O nome relativizado N, presente no DP, é gerado em posição argumental, ainda no domínio do CP, e, ao ser movido para a posição de Spec-CP, gera uma lacuna, que consegue estabelecer relações de longa distância com o N movido, na própria oração relativa. Segundo Kayne (1994), em inglês padrão, o complementador *that* não pode aparecer na segunda posição da relativa (**the book which that I read*).

Nessa mesma estrutura, segundo o autor, encontram-se as relativas sem um pronome relativo realizado foneticamente, chamadas de relativas- \emptyset (ilustrada na figura 35 – com a diferença que o núcleo C não apresenta um elemento foneticamente realizado), como em:

- (36) a. *The book \emptyset John read.*
 b. *The book that John read.*

Kayne (1994, p. 92) apresenta ainda a análise de estruturas relativas com N-final e N-inicial. As relativas de N-final, em inglês, ocorrem se o foco for no CP, que é irmão de D^0 . Nesse caso, a estrutura N-inicial é o resultado do movimento à esquerda.

- (37) a. *[pictures of John] that I showed you.*
 b. *[[Picture of John]_i wich e_i] I showed you.*

Segundo o autor, muitas línguas têm estruturas de sentenças relativas em que o nome segue a relativa. Nesses casos, a teoria LCA prevê diferentes propriedades de relativas do tipo N-final.

The basic reason is that the N cannot come to be final in a way that mimics the way in which N comes to be initial in English relatives. In English N reaches initial position within CP as a result of movement of the NP containing it to Spec-CP in that-relatives, and as a result of movement of NP to Spec WhP (in addition to movement to SpecCP) in which-relatives. But specifier positions are always on the left (since specifiers are an instance of adjunction and since adjunction is always left-adjunction), no matter what the language. Therefore, the final position of N in relative structures in languages like Japanese cannot be attributed to movement of NP to Spec CP (or any other specifiers). (KAYNE, 1994, p. 93).⁶⁵

Nessa perspectiva, a razão básica para que o N não possa ocupar a posição final em inglês é que o N alcança a posição inicial dentro do CP como resultado do movimento do NP para SpecCP, em relativas-*that*, e como resultado do movimento do NP para Spec-WhP, em adição do movimento para SpecCP, em relativas-Wh.

O autor chama ainda a atenção para o fato de que a posição de Spec é sempre à esquerda, sendo assim, o Spec é uma instância de adjunção e a adjunção é sempre à esquerda, não importa a língua. Nesse sentido, a posição final de N em relativas, em línguas como o japonês, não pode ser atribuída para o movimento de NP para Spec-CP, ou qualquer outro Spec.

Assim, Kayne (1994) analisa sobre o quão similar são as sentenças relativas de N inicial e final. Para o autor, apesar da diferença da ordem das palavras, esses dois tipos de construção de estruturas relativas são essencialmente idênticos. Segundo o autor, “...*the word order difference alone amounts to taking the position that apart from that difference, the two types of relative clause construction are essentially identical*” (KAYNE, 1994, p. 96).⁶⁶

⁶⁵ Tradução nossa: “A razão básica é que o N não pode ser final de uma maneira que imite a forma como N se torna inicial em relativas em inglês. Em inglês, N alcança a posição inicial dentro do CP como resultado do movimento do NP que o contém para SpecCP em relativas-*that*, e como resultado do movimento de NP para Spec WhP (além do movimento para SpecCP) em relativas-*wh*. Mas as posições dos especificadores estão sempre à esquerda (uma vez que os especificadores são uma instância de adjunção e uma vez que a adjunção é sempre adjunção à esquerda), independentemente do idioma. Portanto, a posição final de N em estruturas relativas em idiomas como o japonês não pode ser atribuída ao movimento de NP para SpecCP (ou qualquer outro especificador)”.

⁶⁶ Tradução: “a diferença da ordem das palavras significa assumir que, além dessa diferença, os dois tipos de construção de oração relativa são essencialmente idênticos”.

Dessa forma, relativas de N final devem envolver a mesma estrutura D^0 CP que a relativa de N inicial. Segundo o autor, muitas línguas de N final não apresentam qualquer elemento equivalente para o artigo *the*, em inglês, então, o D^0 não é visível. Das línguas que apresentam um D^0 visível, como o aramaico (língua semítica descrita por Gragg (1972)), a relativa de N final precede o artigo definido, o qual ele mesmo precede o N, ou seja, a relativa foi movida para dentro do SpecDP. Contudo, se iniciar do C^0 CP, o CP completo é movido para SpecDP, então, não se espera que N siga D. Nesse caso, Kayne (1994) propõe que a relativa que precede o artigo definido em aramaico não é um CP, mas sim essa relativa pré-D deve ser uma projeção menor que CP (IP). Com relação ao movimento do IP, o autor argumenta que o SpecCP fornece uma maneira de se obter um nome pós-D, assim, pode haver movimento de IP no SpecCP. Nesse caso, o mesmo NP é movido para SpecCP, em línguas de N inicial, conforme apresentado no exemplo (38), retirado de Kayne (1994, p. 94):

- (38) a. *The* [[_{NP} *picture*] [*that* IP]]
 b. IP_j [*the* [[_{NP} *picture*] [*that* [e]_i]]]

Essa estrutura se assemelha ao inglês e ao aramaico, com a diferença de que o C^0 é foneticamente realizado no inglês e nulo no aramaico.

Segundo Kayne (1994), o que é usualmente chamado de relativa é o IP que foi alçado para a posição de SpecDP, com complementizador nulo, ou seja, com o C^0 vazio contendo o traço *that*. O fato de que o C^0 pode ser vazio lembra o efeito do traço *that*, em inglês, em estruturas de relativas com N final e D^0 nulo, conforme o exemplo (39), retirado de Kayne (1994, p. 94):

- (39) IP_j [D^0 [[_{NP} *picture*] [C^0 [e]_j]]]

Portanto, o autor conclui que a GU disponibiliza para a relativização uma estrutura D^0 CP, na qual o CP é complemento de D^0 . Além disso, a GU proíbe a existência de uma imagem-espelho *CP D^0 e nos direciona para a estrutura em (39) como uma representação correta para a relativa (IP), na qual a relativa precede o N.

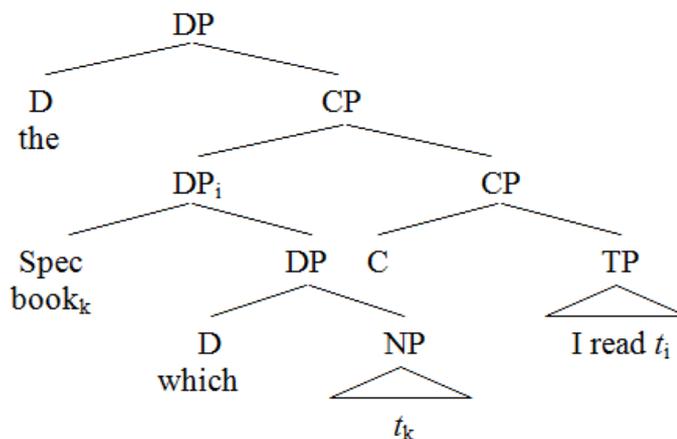
Kayne (1994) afirma também que as relativas pré-nominais não pode apresentar um C^0 normal de complementização sentencial, uma vez que essas estruturas são necessariamente IPs, e não CPs, originadas dentro de um CP que deve ter um C^0 nulo,

que, em qualquer caso, segue o N. O autor explica que, em inglês, o IP relativo permanece *in situ*, então, o C^0 pode ser evidente e pode ser idêntico ao complementizador sentencial normal (como também ocorre com o francês, o italiano e o espanhol, por exemplo), ou não ser idêntico, como nas línguas escandinavas.

Para a interpretação do IP relativo, Kayne (1994) segue a generalização linguística de Keenan (1985, p. 160 *apud* KAYNE, 1994), segundo a qual os verbos (V) de relativas pré-nominais são não-finitos/participiais, tendo possibilidades de tempo reduzido, se comparados aos V finitos. Assim, compreende-se que relativas com V finitos completos são comuns em relativas de posição pós-nominal. A finitude é, portanto, normalmente incompatível com o IP dividido/separado de C^0 ; ou seja, a finitude requer incorporação de I^0 para C^0 em sintaxe aberta (antes de LF/PF) e que essa relação não pode ser construída após o movimento aberto do IP para C^0 .

Kayne (1994) apresenta outro tipo de relativas, além das relativas-*that*, as relativas do tipo *wh*, conforme a representação a seguir:⁶⁷

(40) Relativas-*wh* – [_{DP} *the* [_{CP} [_{DP} *book*_k] [_{D'} *whitch* *t*_k]]]_i [_{C°} [_{IP} *I read* *t*_i]]



Fonte: Kayne (1994, *apud* MEDEIROS-JUNIOR, 2014, p. 46).

Nessa estrutura, o DP [*whith book*] nasce como complemento do verbo da oração encaixada *read* e é alçado, em adjunção, para posição do DP Spec-CP. Em seguida, o NP [*book*] da estrutura movida sofre outro movimento, sendo alçado da posição de complemento do D [*which*] para a posição de Spec-DP mais alto.

Segundo Kayne (1994), para obter uma estrutura de N final e fazê-lo de maneira paralela à derivação de (40), seria necessário mover tudo seguindo *book* para Spec *the*.

⁶⁷ Nessa representação, Medeiros-Junior (2005) adota os postulados de Chomsky (1995), no Programa Minimalista, em que os níveis intermediários X' são eliminados. Assumimos, portanto, essa estrutura.

Contudo, segundo o autor, o material que segue *book* em (40) não é um constituinte, e assim uma derivação é excluída, ou seja, movimento do IP para SpecDP poderia ser possível, mas não produziria uma estrutura de N final. Dessa forma, a presença de uma palavra-*wh* adicionada ao NP *book* torna-se incompatível com estruturas de N final.

Outra diferença entre relativas de N inicial e final, segundo Kayne (1994), é discutido por Cole (1987 *apud* KAYNE, 1994). Segundo essa análise, relativas comandadas internamente são encontradas em línguas que são ao menos parcialmente de núcleo final. Assim, Cole propõe que relativas comandadas internamente têm um “núcleo” anafórico nulo e que a limitação para estruturas de núcleo final é devido à condição geral de que uma anáfora não deve receber ambos e c-comandar seu antecedente (como uma anáfora núcleo faria em uma língua de estrutura N inicial).

Kayne (1994) assume essa proposta de Cole (1987) de que existe um núcleo nulo e que a limitação de estruturas de N final é devido à violação de c-comando. Segundo essa perspectiva, se as relativas são alçadas para a posição à esquerda do núcleo para serem deixadas em adjunção à esquerda (posição mais alta do que N, como forçado por LCA), não há a necessidade de mencionar precedência, já que a relativa à esquerda do núcleo não é c-comandada pelo núcleo (nulo), considerando que relativas de núcleo à direita como o inglês teriam. Essa proposta de relativas c-comandadas internamente difere levemente da proposta de Cole para a relativização de N final, conforme apresentado no exemplo (41), retirado de Kayne (1994, p. 96):

$$(41) \quad \text{IP}_j [\text{D}^0 [\text{CP} [\text{NP } \textit{picture}] [\text{C}^0 [\text{e}]_j]]]$$

A estrutura acima inicia com ‘D⁰ CP’, em seguida, o NP *picture* se move para a posição de SpecCP, por sua vez o IP complemento do C⁰ vazio é movido para a posição de SpecDP e, por fim, o IP contém o vestígio de *picture*, conforme a estrutura de relativa comandada internamente abaixo (42), retirada de Kayne (1994, p. 96):

$$(42) \quad \begin{array}{l} \text{a. } [_{\text{IP}} \dots [\text{e}]_i \dots] [\text{D}^0 [\text{CP} [\text{NP } \textit{picture}]_i [\text{C}^0 \dots \\ \text{b. } [_{\text{IP}} \dots [\textit{picture}]_i \dots] [\text{D}^0 [\text{CP} [\text{NP } \textit{picture}]_i [\text{C}^0 \dots \end{array}$$

Em (42b), [*picture*]_i interno ao IP mais alto é excluído em estruturas relativas de N final, enquanto [*NP picture*]_i complemento do CP é excluído em estruturas relativas de N inicial e nem a primeira nem a segunda instância de *picture* c-comanda a outra.

Assim, conforme argumenta Kayne (1994), não há a possibilidade de adjunção à direita, uma vez que, devido à LCA, a ordem sintática resulta de c-comando assimétrico. Portanto, o que ocorre com as relativas é a crucial relação entre um DP externo que seleciona como complemento um CP relativo.

Kayne (1994) apresenta também, para o inglês, três possibilidades de estruturas relativas: (i) as relativas-*that* com núcleo C° manifesto; (ii) as relativas-*that* com núcleo C° nulo; e (iii) as relativas-*wh*.

Nesta tese, considerando as evidências morfossintáticas identificadas nos nossos dados, adotamos a proposta de Kayne (1994) em dois aspectos: (i) não há adjunção à direita em relativas; e (ii) as relativas em LSB apresentam uma estrutura do tipo *that*.

4.3 Análises das construções relativas nas línguas de sinais

Nesta seção, apresentamos os estudos mais recentes sobre a relação de correferência nas sentenças relativas em LS, os quais são essenciais à compreensão do processo de relativização.

4.3.1 Prado (2014)

Prado (2014) apresenta uma breve descrição das estruturas analisadas como relativas em LSB, focalizando os contextos gramaticais em que os Locs podem ser selecionados. Segundo a autora:

o Loc pode ocorrer anteposto ao nome em posição de antecedente relativo [36a], mas não pode ocorrer posposto a esse nome antecedente, o que é atestado pela agramaticalidade de [36b]. Também não é possível a ausência de um Loc acompanhando o nome antecedente em contexto referencial [36c] (PRADO, 2014 , p. 62).

Prado (2014 , p. 62) apresenta os seguintes exemplos de sentenças relativas:

(43) a.

Lo_{homem} HOMEM MARIA GOSTA EU CONHECER

‘Este homem que Maria gosta eu conheço.’

b.

* ገሰጽ ስለተ ለሰውነት ለማለት ማለት *
 * ገሰጽ ስለተ ለሰውነት ለማለት ማለት *

HOMEM Loc_{homem} MARIA GOSTA EU CONHECER

‘O homem que Maria gosta eu conheço.’

c.

* ገሰጽ ለሰውነት ለማለት ማለት *
 * ገሰጽ ለሰውነት ለማለት ማለት *

HOMEM MARIA GOSTA EU CONHECER

‘Homem que Maria gosta eu conheço.’

Ao analisar as sentenças apresentadas em (43), a autora observa que o Loc tem papel importante na constituição do termo antecedente (DP), o qual, segundo a análise de Smith (1964), é o responsável pela seleção da estratégia relativa, restritiva ou apositiva. Nesse caso, a ausência do Loc nessa posição (43c) torna a sentença agramatical, e mesmo a sua posposição ao nominal (43b) também torna a sentença agramatical. Assim, pela análise de Prado (2014), o Loc estabelece uma relação direta com o N antecedente da relativa, sendo mesmo elemento indispensável à gramaticalidade dessa estrutura, devendo a sua posição sempre ser anteposta ao nominal antecedente (43a).

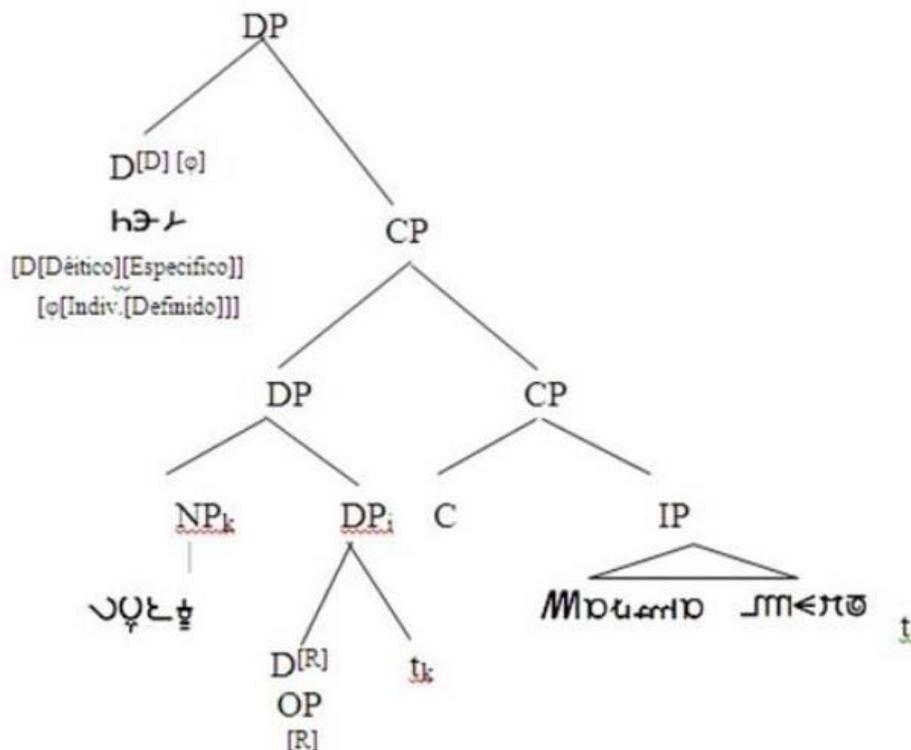
Em sua análise, a autora propõe estruturas arbóreas para esses contextos. Acerca disso, Prado (2014) explica que:

assumindo a estrutura de Kayne (1994), adaptada por Kato e Nunes (2008), para as relativas, de acordo com o qual, em relativas, temos um [D⁰ CP], a estrutura da relativa (36a) é (figura [40]), em que o constituinte relativizado sai da sua posição argumental e se adjunge ao CP; e o NP desse constituinte sai do escopo de D e se adjunge ao DP, passando ao escopo de novo determinante, o qual seleciona o CP relativo. Como em libras não há constituintes relativos foneticamente realizados, supomos que estes sejam operadores vazios (OP), que checam o traço relativo [R] no D do constituinte relativizado, que se adjunge a CP.⁶⁸ (PRADO, 2014, p. 106).

⁶⁸ A ideia de um traço relativo [R] presente no CP foi originalmente proposta por Medeiros-Junior (2005).

Dessa forma, a estrutura apresentada para a sentença em (43a) é a seguinte:

Figura 26: Estrutura formal da sentença relativa restritiva em LSB.



Fonte: Prado (2014 , p. 106).

A autora afirma, ainda, que a agramaticalidade em (43b) pode ser explicada pela

impossibilidade do núcleo N (HOMEM) ser alçado para checar o traço [D] no núcleo D mais elevado. Embora esse movimento não seja exatamente impedido pela Condição de Movimento de Núcleo (HMC), nem seja exatamente um caso para aplicação da Condição de Subjacência, de algum modo o alçamento desse nominal sobre os nós DP e CP ao mesmo tempo parece impedido. Esse exemplo reforça a nossa hipótese de que o que ocorre na posposição do determinante (Loc) do nome, em libras, é um movimento do núcleo N que se adjuge a D (PRADO, 2014 , p. 106-107).⁶⁹

De acordo com a autora, o exemplo em (43b) mostra a impossibilidade de o núcleo N (HOMEM) ser alçado para checar o traço [D] no núcleo D mais elevado, talvez pelo fato de que, nessas condições, o nome passa a c-comandar o D, que precisa c-comandar o CP em uma construção relativa. Segundo a hipótese de Kayne (KAYNE, 1994), mesmo que o nome seja alçado da posição de argumento para o Spec do C, o D

⁶⁹ “O movimento wh não pode atravessar mais de uma barreira por ciclo, onde barreiras são DPs e CPs.” (MIOTO *et all.*, 2004, 262).

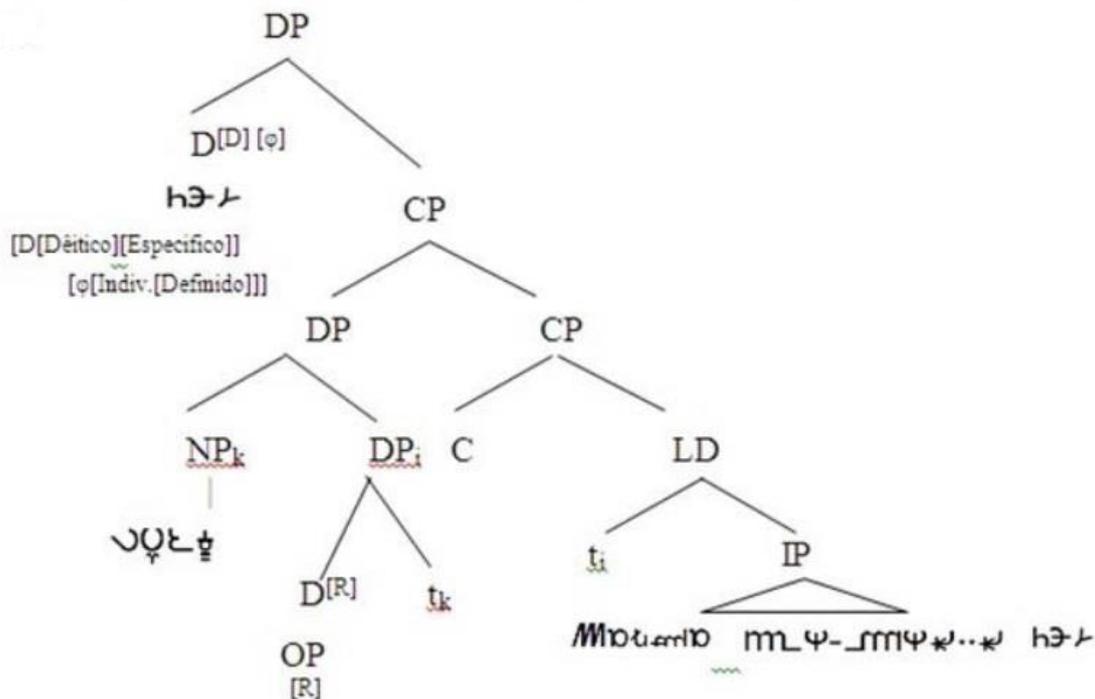
externo ao CP ainda o c-comanda e, portanto, tem escopo sobre o nome e o CP. Já em (43c) a autora defende que um DP antecedente de relativas deve, necessariamente, ter um Loc foneticamente realizado para que seja gramatical, segundo os quais há uma relação essencial entre um D e o CP em construções relativas.

Ainda segundo a autora, existe a possibilidade de uma estrutura relativa resumptiva, com o Loc ocorrendo na posição de pronome resumptivo em LSB. Assim, temos para a sentença em (44) a representação na Figura 39:

(44)

ከፅኑ ህፃናት ለሥነ-ምግባር ለሥነ-ምግባር ከፅኑ ፀ ለሥነ-ምግባር ጋር
 Loc_{homem} HOMEM MARIA CONVIDAR Loc_{homem} EU CONHEÇO
 ‘O homem que Maria convidou ele eu conheço.’

Figura 27: Estrutura formal da sentença relativa resumptiva em LSB.



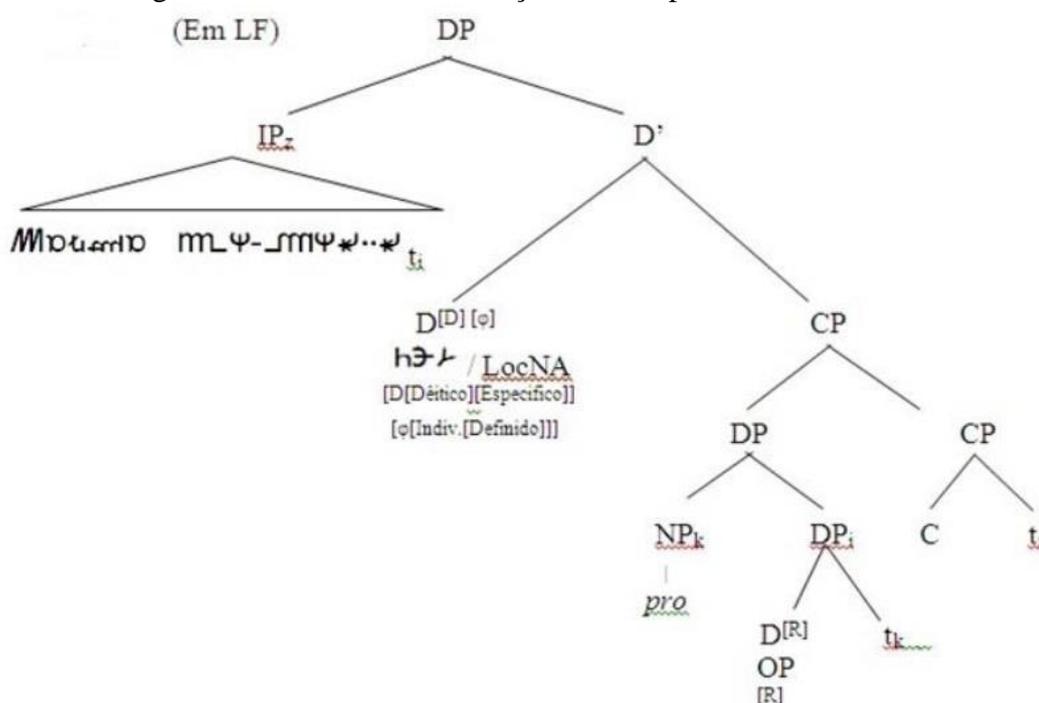
Fonte: Prado (2014 , p. 107).

Nos casos de relativas apositivas em LSB, a autora afirma que o Loc pode ocorrer na posição de termo antecedente. Nesse sentido, temos a estrutura em (45), cuja representação está na Figura 40:

(45)

ከጅታ /LocNA, ማሪያ ጠያቂ ጠያቂ...ታ, (ከላገ) ገጅ ገጅ ላይ ካል።
 Loc_{homem} MARIA CONVIDAR (É) EDUCADO NÃO
 ‘Ele/este, que Maria convidou, não é educado.’

Figura 28: Estrutura da sentença relativa apositiva em LSB.



Fonte: Prado (2014 , p. 108).

A autora explica que o termo antecedente é composto apenas por Loc + pro, uma vez que esse elemento, nessa análise, seleciona os traços formais necessários para licenciar uma elipse nominal, pelo fato de checar o traço [D], em termos da geometria de traços.⁷⁰

4.3.2 Prado, Naves e Lima-Salles (2018)

Prado, Naves e Lima-Salles (2018) avançaram no estudo acerca das estruturas relativas com relação ao que tinha sido proposto por Prado (2014), utilizando, ainda,

⁷⁰ Cf. Capítulo 3.

seleciona um conjunto completo de traços- ϕ ([D [Específico]] [ϕ [Individuação [Definido]]]), o que faz com que o N seja elevado para a posição D para checar o traço dêitico [D], de forma que o Loc é gerado dentro do CP relativo e alçado para a posição de antecedente, o que corrobora a proposta de Kayne (1994); em (40d), o antecedente é composto por uma expressão referencial (N) seguida por um Loc, o que aponta para uma divergência com a proposta de Prado (2014), que afirma que em relativas em LSB o Loc apenas é gramatical na posição anteposta e não na posição posposta ao nominal. Prado, Naves e Lima-Salles (2018) explicam que:

o Loc posposto ao nominal composto, ou expressão definida ‘Cinderela’ seleciona o conjunto menor de traços ([ϕ [Individuação [Definido]]]), sendo que o traço dêitico ([D]), nessa perspectiva, deve ser checado via movimento pelo nominal N°. Logo, a diferença entre esses localizadores está na sua seleção distinta de traços formais, o que vai possibilitar ou não o apagamento do NP (PRADO, NAVES e LIMA-SALLES, 2018, p. 22).

Ainda com relação a (46d), as autoras identificam um Loc exercendo a função de um pronome resumptivo. Esse Loc, por selecionar um conjunto completo de traços formais ([D[Dêitico][Específico]] [ϕ [π][Indiv.[Definido][Humano]]]), é capaz de criar a referência, licenciando uma elipse nominal.⁷¹

A respeito desses trabalhos cabe a observação de que Prado (2014) não teve as construções relativas como objeto do seu estudo, de maneira que a coleta desses dados que compuseram ambos os trabalhos explicitados nesta subseção obedeceu a uma metodologia distinta da aplicada para a constituição do seu *corpus* desta pesquisa. O problema é que os dados selecionados a partir de narrativas em LSB, que são textos contínuos, tornam difícil a identificação das fronteiras de sentenças, visto que a estrutura gramatical da LSB ainda é pouco conhecida. Para coletar as sentenças compreendidas como relativas, nessa língua, Prado (2014) apresentou frases em português escrito, a partir das quais o participante produziu as sentenças correlatas em LSB, o que acaba por enviesar os dados, induzindo, de alguma forma, à produção das sentenças sinalizadas na estrutura do português. Essa é a razão pela qual retomamos esse tema para o desenvolvimento desta tese.

Contudo, chamamos a atenção para a análise apresentada pela autora e ampliada por Prado, Naves e Salles (2018), a qual foi construída com base na hipótese de

⁷¹ De acordo com Lyons (1999), o que é tratado aqui por uma leitura de especificidade, na verdade, trata-se de uma noção de unicidade (*uniqueness*). Em trabalhos posteriores, aprofundaremos essa análise.

complementação a D (KAYNE, 1994), especificamente a estrutura de relativas-*wh*, considerada, na ocasião, como a que melhor explicaria as relativas em LSB. Entretanto, como se verá no Capítulo 5, com base na descrição e análise dos dados coletados para esta pesquisa, a estrutura de relativas-*that* é a que se mostra mais adequada para explicar esse fenômeno na LSB.

4.3.3 Pfau (2016)

Pfau (2016) apresenta uma análise comparativa bastante interessante entre as construções relativas restritivas e apositivas da Língua Alemã de Sinais (DGS – *Deutsche Gebärdensprache*, em inglês *German Sign Language*) e a Língua Italiana de Sinais (LIS).⁷² Segundo o autor, a estrutura de sentenças relativas nas LS possui variações tipológicas, mesmo em línguas que apresentam a mesma propriedade sintática, como a DGS e a LIS; ambas com estruturas SOV (Sujeito- Objeto-Verbo), mas que apresentam diferentes estruturas de realização das sentenças relativas.

Assim como nas línguas orais, o núcleo nominal pode ter diferentes funções gramaticais na sentença principal e na sentença relativa, como apresentado por Pfau (2016, p. 161) nos exemplos em LIS, em (48), com grifos do autor:

re

(47) a. [TODAY MAN_{3A} PIE BRING PE_{3A}] YESTERDAY (IX_{3A}) DANCE.

‘The man who brought the pie today danced yesterday.’

‘O homem [que trouxe a torta hoje] dançou ontem’

re

b. [YESTERDAY DOG_{3A} FIND ME PE_{3A}] WOMAN IX_{3B} (IX_{3A}) WASH.

‘The woman washes the dog that I found yesterday.’

‘A mulher lava o cachorro [que eu encontrei ontem]’

⁷² O autor inicia o texto explicando que sentenças relativas são estruturas que especificam nomes. Nesse sentido, o nome modificado pela relativa é chamado de núcleo nominal. Ele distingue relativas restritivas de apositivas afirmando que, em sentenças como (i) “*The movie [that we saw yesterday] was very disappointing*”, a sentença relativa (entre colchetes) especifica um membro do grupo, ou seja, um filme específico de um tipo de filmes; já em sentenças como (ii) “*The Eiffel Tower, [which is located in Paris], was built in 1889*” a sentença relativa adiciona uma informação, que não é resultado de uma especificação de um membro de um grupo de objetos, uma vez que existe apenas uma única Torre Eiffel (em detrimento das suas imitações, localizadas em Las Vegas e Tóquio) (PFAU, 2016, p. 160).

Em (47a), o núcleo nominal *man* desempenha o papel de sujeito tanto na oração principal (como sujeito de *dance*), quanto da sentença relativa (como sujeito de *bring*). Já em (47b), o núcleo nominal *dog* exerce a função de objeto tanto na oração principal (em relação ao verbo *washes*) quanto na sentença relativa (como objeto de *find*).⁷³

O autor chama a atenção para o fato de que, em ambos os exemplos acima, os núcleos nominais aparecem dentro das estruturas relativas (restritiva, em (47a), em apositiva, em (47b)), devendo ser analisados como ‘núcleo interno à sentença relativa’, com base em duas características: em primeiro lugar, os advérbios temporais são informativos (*today*, em (48a), e *yesterday*, em (47b)), modificando o predicado dentro das sentenças relativas a que pertencem (*bring* e *find*, respectivamente) sendo, portanto, analisados como parte da estrutura relativa, além de precederem os núcleos nominais (*man* e *dog*), que também fazem parte das sentenças relativas; em segundo lugar, as marcações não manuais (no caso, elevação de sobrancelhas) são importantes evidências para essas estruturas, expandindo-se em LIS sobre o núcleo nominal e o advérbio, ou seja, ambos estão sob o escopo dessa marcação não-manual. Além disso, as sentenças relativas, em LIS, também incluem uma marcação manual (PE_{3a}) na posição final dessa estrutura, referindo-se ao núcleo nominal. Segundo Pfau (2016):

this sign, which can be localized in space, is glossed as PE because it involves the oral componente /pə/; it is signed with a 🖐️ - hand which performs one quick downward movement, such that the orientation of the fingertip changes from left to downward. (PFAU, 2016, p. 161)⁷⁴

Outro ponto que interessa observar nessas estruturas marcadas entre colchetes é que elas não podem ocorrer isoladas, e, apesar de haver a possibilidade para a articulação de uma estrutura como ‘*TODAY MAN PIE BRING*’, ela não envolve nem uma marcação manual (PE), nem uma marcação não-manual. Por essa razão, os exemplos em (48) não podem ser analisados, segundo o autor, como uma combinação de duas orações principais (por exemplo, ‘*TODAY THE MAN BROUGHT A PIE*’; ‘*YESTERDAY HE DANCED*’).

Com relação à DGS, Pfau (2016, p. 162) apresenta os seguintes exemplos:

⁷³ Segundo o autor, existe a possibilidade de o nominal ser sujeito da oração matriz e objeto na oração encaixada, mas Pfau não trata desse tipo de construção.

⁷⁴ Tradução: “esse sinal, que pode ser localizado no espaço, é glosado como PE, porque envolve o componente oral /pə/; é articulado com a 🖐️ -mão que executa um movimento rápido para baixo, de modo que a orientação da ponta do dedo mude para a direita”.

re & bl-3a

(48) a. *YESTERDAY MAN* (IX_{3A}) [*RPRO-H* $_{3A}$ *TODAT PIE BRING*] *DANCE*.*'The man who brought the pie today danced yesterday'.*

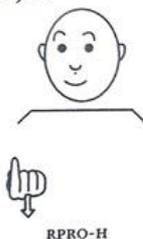
re & bl-3a

b. *WOMAN DOG* [*RPRO-NH* $_{3A}$ IX_1 *YESTERDAY FIND*] *WASH* $_{3A}$.*'The woman washes the dog that I found yesterday'.*

Conforme se observa nas estruturas em (48), a DGS diverge da LIS, no que tange às estruturas das relativas. Segundo o autor, em primeiro lugar, o advérbio temporal, localizado na oração inicial, em (48a), modifica o predicado da oração principal (*dance*), e não o predicado da oração relativa (*bring*), caso em que o advérbio precisa estar localizado depois do núcleo nominal (como *today*, localizado no interior da estrutura relativa, em (48a)), o que seria a primeira indicação de que se trata de uma estrutura relativa com núcleo nominal externo (nesse sentido, os núcleos nominais *man* (em 48a) e *dog* (em 48b) estariam fora da estrutura das relativas). Em segundo lugar, o núcleo nominal, em ambos os exemplos, não estão no escopo da marcação não-manual, ou seja, na DGS, diferentemente da estrutura em LIS, ocorre elevação de sobrancelhas, mas com uma inclinação cuja localização está associada com o núcleo nominal (indicado por '*bl-3a*', na glosa). Em terceiro lugar, as sentenças relativas em DGS são introduzidas por pronomes relativos (glosados como *RPRO* nos exemplos).⁷⁵

⁷⁵ De acordo com Pfau (2016, p. 162), no caso da DGS, há a ocorrência de dois tipos de pronomes relativos, conforme o referente a ele associado. Quando o pronome se refere a uma entidade humana (RPRO-H), este é articulado com uma configuração de mão classificada para seres humanos, como na imagem (15a) a seguir; quando se refere a entidades não-humanas ou objetos (RPRO-NH), eles são articulados como uma apontação, como na imagem (15b).

(15) a.



b.



Segundo Pfau (2016, p. 162), enquanto o núcleo nominal *man*, em (48a), pode opcionalmente ser localizado no espaço de sinalização por um índice, o índice quase nunca é utilizado com entidades não-humanas. Assim, se *dog* (48b) for localizado, então dois sinais seriam articulados um após o outro, e isso seria considerado redundante. Isso é comum para associar um núcleo nominal não-humano com uma localização por meio do pronome relativo. Desse modo, *dog*, em (48b), fica associado com a localização de (48a), e o predicado da oração principal *wash* é articulado no mesmo local.

Pfau (2016, p. 163) aponta ainda para o fato de que as diferenças entre a LIS e a DGS refletem padrões tipológicos comuns a estruturas relativas de línguas orais, com relação relativas de núcleo interno e de núcleo externo, assim como ilustram os exemplos do Navajo, língua norte-americana, em (49a)), e do alemão, em (49b), apresentados pelo autor (PFAU, 2016, p. 163):

- (49) a. [Tl'eedaa' **hastiin** yałti'-ee] ałhosh.
Last.night man spoke-rel sleep
'The man who spoke last night is sleeping'.
- b. **Die Frau** [die lächelt] ist meine Kolleg-in.
The.FEM whoman RPRO.FEM smiles is my colleague-FEM
'The woman who is smiling is my colleague'.

Comparando o exemplo do Navajo, em (49a), com os exemplos em LIS, em (47), o autor aponta que, em ambas, o advérbio temporal, em posição inicial, se refere ao predicado da sentença relativa (Tl'eedaa', em Navajo, e *today* e *yesterday*, em LIS); o nominal *hastiin* (*man*), em Navajo, também pertence à estrutura da relativa, assim, como na LIS. Nessa análise, o Navajo também incorporou um elemento que marca uma sentença como relativa e, assim como PE em LIS, esse elemento (o sufixo *-ee*) aparece na posição final dentro da relativa.

Nas estruturas das línguas orais (o inglês, em (50), e o alemão, em (49b)), que são comparadas com os exemplos em DGS, em (48), é possível perceber que a característica que marca as estruturas relativas de núcleo externo é que elas são introduzidas por um pronome relativo. Em alemão (49b), esse pronome concorda em gênero com o núcleo nominal, ou seja, concorda com o gênero feminino de *Frau* '*woman*'.

- (50) a. *The movie [that we saw yesterday] was very disappointing.*
 b. *The Eiffel Tower, [which is located in Paris], was built in 1889.*

Por fim, quanto às estruturas de relativas apositivas, Pfau (2016, p. 163) argumenta que esse tipo de relativa tem recebido muita atenção nos estudos sobre as LS, por parecer apresentar uma estrutura diferente, pelo menos em DGS, como mostra o exemplo a seguir, retirado de Pfau (2016, p. 163):

pl & hn

- (51) *1889, EIFFEL TOWER [INDEX₂ KNOW PARIS INDEX_{3A}] BUILD.*
'In 1889, the Eiffel Tower – you know, the one in Paris – was built'.

Nessa perspectiva, uma sentença como *"In 1889, the Eiffel Tower, which is located in Paris, was built"* poderia ser articulada em DGS, como em (51), que difere dos exemplos em (48) porque: (i) a sentença entre colchetes não pode ser introduzida por um pronome relativo; e (ii) a marcação não-manual pode ser diferente – em (51) o autor observa uma combinação de lábios franzidos (*'pl'*) e um repetido aceno de cabeça (*'hn'*).

Contudo, conforme o autor, ainda não se sabe se as sentenças relativas apositivas em DGS são sempre realizadas dessa maneira. A respeito da sentença (51), que tem numeração (18) no texto original, ele diz: *"in fact, it is quite likely that we are not dealing with an embedded clause in [18], but rather with a so-called parenthetical structure"* (PFAU, 2016, p. 163).⁷⁶

Assim, alguns pontos dessa análise são importantes para este estudo sobre relativas em LBS. É importante notar que, em DGS, a estrutura indica para uma análise de núcleo nominal externo. Outro ponto importante é a hipótese de, na LIS, ser atestada a presença de marcações não-manuais, em especial, a elevação de sobrelhas nessas estruturas. Segundo Pfau (2016), esse traço não-manual se expande ao longo da estrutura relativa, abarcando o núcleo nominal (interno à relativa), em oposição ao que ocorre com a DGS, na qual o núcleo nominal, externo à relativa, não pertence ao escopo dessa marcação. Essa marcação não-manual estabelece a relação anafórica, intrínseca às estruturas relativas.

⁷⁶ Tradução nossa: "de fato, é bem provável que não estejamos lidando com uma sentença encaixada em [18], mas com uma chamada estrutura parentética".

Além disso, é importante notar que, segundo Pfau (2016), em DGS, que apresenta uma estrutura relativa de núcleo externo, as relativas restritivas são introduzidas por elementos interpretados como pronomes relativos, enquanto que relativas apositivas não o são. Por sua vez, em LIS, que apresenta uma estrutura de núcleo interno, não há a ocorrência de um pronome relativo introduzindo a estrutura. Nesse sentido, essas línguas apresentam marcação não-manual distinta para restritivas e apositivas.

Por fim, evidenciamos o fato de que as relativas em LIS e em DGS não podem ocorrer isoladamente, conforme demonstra Pfau (2016). Isso se justificaria pela presença da marcação não-manual (ou manual) estendida ao longo dessas estruturas, o que não ocorre com estruturas que apenas coordenam duas orações principais.

CAPÍTULO 5

PROPOSTA DE ANÁLISE PARA AS ESTRUTURAS RELATIVAS RESTRITIVAS E APOSITIVAS NA LSB

Neste capítulo, apresentamos os dados que constituem o nosso *corpus* e, posteriormente, a nossa proposta de análise para a correferencialidade das construções relativas restritivas e apositivas na LSB, com base nas propostas defendidas pelos autores citados no Capítulo 4, das quais extraímos os seguintes postulados:

- (i) existe uma relação necessária entre o DP antecedente e o tipo de oração relativa - restritiva e/ou apositiva – (SMITH, 1964);
- (ii) as relativas são estruturas de CPs que complementam um DP da oração matriz, produzindo a estrutura D^0 CP (KAYNE, 1994);
- (iii) nas relativas-*that* o pronome relativo nasce já na posição nuclear C^0 e pode ser nulo (KAYNE, 1994);
- (iv) na DGS, as relativas são estruturas com núcleo nominal externo, que não pertence ao escopo da marcação não-manual que introduz a relativa, enquanto na LIS são estruturas com núcleo nominal interno, o qual, nas restritivas, exerce papel de sujeito na matriz e na relativa, e, nas apositivas, exerce papel de objeto na matriz e na relativa. Além disso, as relativas apositivas em DGS e as restritivas e apositivas em LIS não apresentam morfema relativo (PFAU, 2016);
- (v) na LSB, as relativas não apresentam um elemento que funcione como morfema relativo (PRADO, 2014 ; PRADO, NAVES e LIMA-SALLES, 2018).

5.1 Descrição dos dados do *corpus* deste trabalho

Nesta seção, fazemos uma descrição dos dados deste estudo, produzidos pelas participantes 1R, 2C, 3F e 4S. Conforme descrito no Capítulo 2, as sentenças relativas foram obtidas a partir de um conjunto de *slides*, incluídos no Apêndice 3 desta tese, contendo, cada bloco, duas imagens com informações sobre um mesmo referente.⁷⁷

⁷⁷ Algumas das sentenças produzidas com base nas imagens foram descartadas para efeitos desta pesquisa, por não corresponderem a construções relativas. Lembramos que a participante 4S, diferentemente das demais, é oralizada e realiza leitura labial, apesar de também apresentar surdez bilateral, mas, ainda assim, identifica-se como pessoa surda e utiliza a língua de sinais como língua materna, tendo os dados que ela produziu sido coletados pela necessidade que tivemos de realizar testes sintáticos, de forma a investigar a natureza dêitica dos Locs (D/DP) nos processos de produção das sentenças relativas e, por conseguinte, nos processos de correferência nessas construções.

5.1.1 Exemplos de construções relativas restritivas em LSB

Os exemplos em (52) e (53) reportam-se às imagens que induziram à construção “As canetas que escrevem são boas”, a partir das quais as participantes deveriam fazer referência a um subconjunto de canetas (as que escrevem) contido em um conjunto maior de canetas (as que escrevem e as que não escrevem).

(52) Participante 1R.⁷⁸

LocNA_{CANETA} CANETA CANETA.ESCREVER.def BOM.int DUAS

‘As canetas que escrevem duas são boas’.

Em (52), a participante 1R inicia a oração com a expressão nominal, composta

pelo nominal CANETA (vrr/α) e pelo localizador não articulado LocNA_{CANETA} (que, conforme Prado (2014) e Prado e Lessa-de-Oliveira (2016), corresponde ao núcleo D)

e seguido pela construção relativa ESCREVER.LOC_{CANETA}.espec ($\text{m}_{\underline{\text{v}}}\text{vrr}/\text{JY}$).

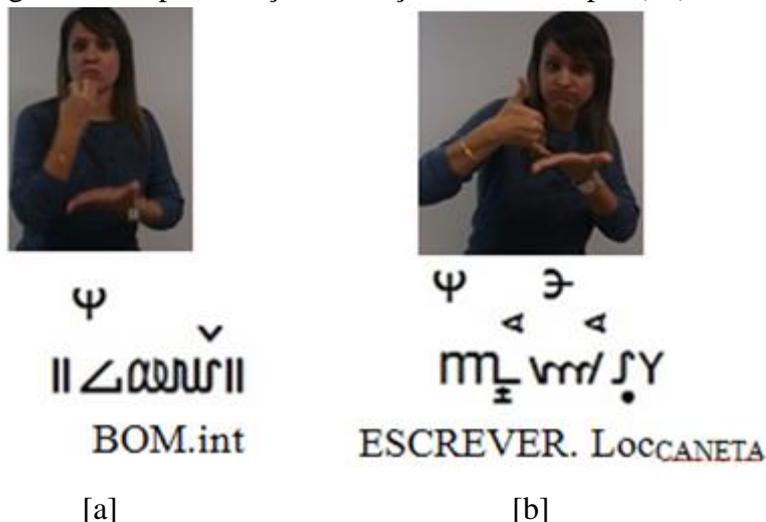
Chamamos a atenção aqui para o fato de que o sinal, nas línguas de sinais, não corresponde exatamente à palavra, tal como nas línguas orais.⁷⁹ Assim, nesse exemplo, e em outros exemplos apresentados ao longo deste estudo, encontramos na articulação de um único sinal a representação de uma construção relativa inteira, o que é um achado importante desta tese, para a nossa análise.

É interessante notar também que, assim como Pfau (2016) identificou nas línguas de sinais alemã (DGS) e italiana (LIS), nesse exemplo, ocorre um espriamento do traço não manual – elevação de sobrancelhas (ES) – no escopo da oração relativa, como demonstrado na figura a seguir:

⁷⁸ A marcação ‘def’ faz referência ao traço [definido] e a marcação ‘int’ ao traço de intensidade.

⁷⁹ Ver capítulo 2 deste estudo.

Figura 29: Representação do traço ES no exemplo (52).



Na figura 41a, que representa o predicado da oração principal, não há a elevação das sobrancelhas, enquanto na figura 41b é possível perceber essa expressão facial que acompanha a articulação do sinal que representa toda a construção relativa.

Com relação à articulação do último sinal da sentença ([✓] ‘duas’) – um sintagma extraposto –, compreende-se que se trata de um subconjunto de um conjunto maior de elementos – apenas duas de cinco canetas escrevem e, por isso, são boas. A relativização se identifica, portanto, pela relação de correferência que se estabelece entre o DP formado pelo sintagma composto pelo Loc não articulado (LocNA) e o nominal externos à relativa, funcionando como antecedente, e o Loc articulado presente na relativa, o qual compõe a estrutura argumental do verbo ‘escrever’ e está coindexado com o termo antecedente.⁸⁰

⁸⁰ Na seção 5.2.1 deste estudo, detalharemos essa relação de correferência entre o Loc articulado e o termo antecedente.

(53) Participante 2C.

CINCO CANETA.LocNACANETA	LocNACANETA.1°.CANETA	LocNACANETA.1°.ESCREVER.neg.CANETA	LocNACANETA.1°.JOGAR FORA.CANETA	
LocNACANETA.2°.CANETA	LocNACANETA.2°.ESCREVER.neg.CANETA	LocNACANETA.2°.JOGAR FORA.CANETA	LocNACANETA.3°.CANETA	
LocNACANETA.3°.ESCREVER.neg.caneta	LocNACANETA.4°.CANETA	LocNACANETA.4°.ESCREVER.CANETA	LocNACANETA.5°.CANETA	
LocNACANETA.5°.ESCREVER.CANETA	LocNACANETA.5°.BOM.CANETA	LocNACANETA.4°.5°.CANETA	LocNACANETA.4°.5°.BOM.CANETA	
ESCREVER.CANETA				

‘Cinco canetas, a primeira caneta não escreve e joguei fora, a segunda caneta não escreve e joguei fora, a terceira caneta não escreve e joguei fora, a quarta caneta escreve e é/está boa, a quinta caneta escreve e é/está boa’; a quarta e a quinta canetas que são boas escrevem’.

Em (53), a participante 2C optou por construir sentenças coordenadas para identificar, uma a uma, o grupo das canetas que não escreve e o grupo das canetas que escreve. Nesse dado, há a articulação do período de forma a especificar quais canetas não escrevem (1.^a – dedo polegar α -, 2.^a – dedo indicador λ - e 3.^a – dedo médio μ) e quais escrevem (4.^a – dedo anular ν e 5.^a – dedo mínimo ξ), ilustrando-as por meio dos dedos das mãos; assim, cada dedo da mão corresponde a um Loc articulado de uma caneta (Loc_{CANETA}). Esses Locs articulados representam, em cada uma das orações relativas, o termo antecedente, que é correferente com o Loc não articulado presente na estrutura argumental dos predicados ‘ESCREVER’ e ‘JOGAR FORA’ ou ‘SER BOA’.

É interessante notar nesse exemplo que ocorre a inserção do referente ‘caneta’ no discurso, expressa pelo primeiro quadro (CINCO CANETA.LocNA_{CANETA}), seguido de uma série de construções relativas coordenadas. Inicialmente, a participante descreve o conjunto de canetas que não escrevem e, por isso são jogadas fora. Essas construções são:

- (i) ‘LocNA_{CANETA}.1^a.CANETA/
LocNA_{CANETA}.1^a.ESCREVER.neg.CANETA/
LocNA_{CANETA}.1^a.JOGAR / FORA.CANETA’;
- (ii) ‘LocNA_{CANETA}.2^a.CANETA/
LocNA_{CANETA}.2^a.ESCREVER.neg.CANETA/
LocNA_{CANETA}.2^a.JOGAR FORA.CANETA’; e
- (iii) ‘LocNA_{CANETA}.3^a.CANETA/
LocNA_{CANETA}.3^a.ESCREVER.neg.CANETA.

Da forma como essas construções foram articuladas, as interpretamos neste estudo como apositivas e, por esse motivo, não são analisadas nesta seção.

Para efeitos da nossa análise, vamos considerar a construção relativa que corresponde aos dois penúltimos quadros dessa sequência, em que a participante restringe a propriedade de ser boa à quarta e à quinta canetas e atribui a elas a propriedade de escrever; a saber, as construções:

- (i) ‘LocNA_{CANETA}.4^a.5^a.CANETA/
(ii) LocNA_{CANETA}.4^a.5^a.BOM.CANETA’.

Nesse dado, portanto, depois da descrição individualizada de cada elemento desse conjunto, identifica as duas únicas canetas (a 4ª e a 5ª) que atendem às propriedades solicitadas para a elaboração da sentença, estabelecendo, assim, um subconjunto (das canetas que escrevem) dentro de um conjunto maior (das canetas que escrevem e que não escrevem). O antecedente está identificado no sintagma ‘LocNACANETA’, a relativa é a que se expressa por ‘LocNACANETA.4ª.5ª.BOM.CANETA’ e a oração principal continua em ‘ESCREVER.CANETA’.

Chamamos a atenção para o fato de, também nesse exemplo, a construção relativa ser representada pela articulação de um único sinal, o que também ocorre em outros dados analisados.

Observamos que, na construção referente à 4ª caneta, que é a primeira do conjunto que atende às propriedades requeridas para a produção da sentença, a

expressão não-manual ES se espria pela estrutura

(LocNACANETA.4ª.ESCREVER.LOCCANETA), conforme demonstrado na figura a seguir:

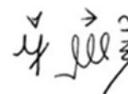
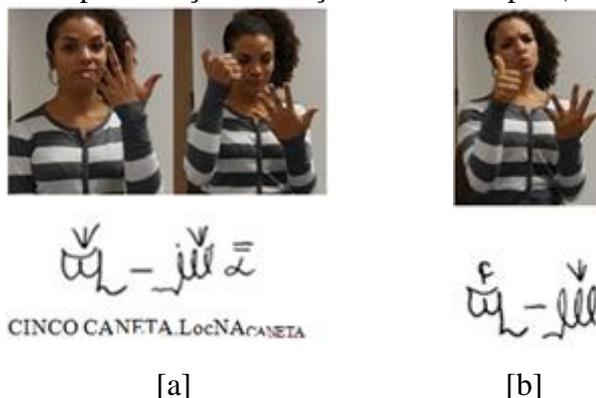


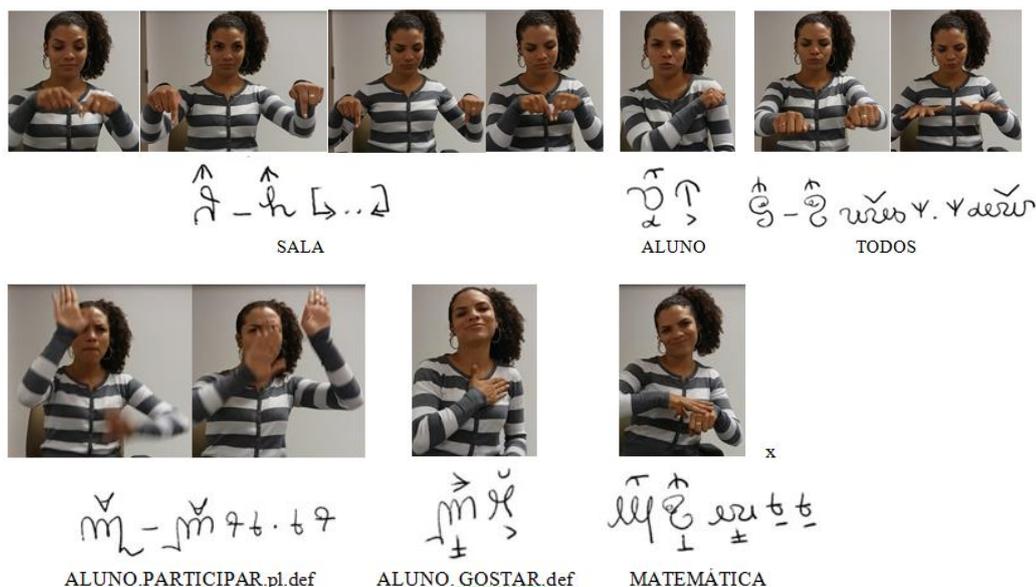
Figura 30: Representação do traço ES no exemplo (53).



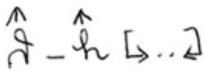
Na figura 42a, não ocorre a elevação das sobrancelhas na articulação do sinal que insere o referente ‘caneta’ na oração. Já na figura 42b, é possível observar essa expressão facial na articulação do sinal que representa a construção relativa.

Os próximos dados são os que correspondem à sentença ‘Os alunos que gostam de matemática levantaram a mão’, representando um contexto no qual são identificados, dentro de uma turma de alunos, apenas aqueles que gostam de matemática.

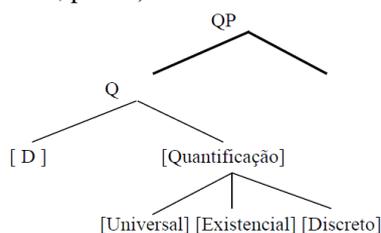
(54) Participante 2C.



‘Todos os alunos da sala que perguntam/participam [da aula] gostam de matemática’.

Em (54), a construção é iniciada pela expressão nominal  (SALA ALUNO TODOS), que funciona como antecedente da relativa. Nesse trecho, a participante inicia a estrutura inserindo o referente ‘sala’, que modifica o nominal núcleo do DP ‘alunos’, identificando o participante do evento a partir do local em que esse evento ocorre. É interessante notar que a participante identificou o conjunto total de indivíduos por meio do quantificador universal ‘todos’, que, como componente da estrutura do DP, contribui para a construção referencial do N.⁸¹ Uma vez que o DP ‘todos os alunos da sala’ é menos

⁸¹ Prado (2014) propõe não apenas uma análise para o núcleo determinante (D), mas para toda a estrutura do DP, incluindo possessivos e quantificadores. Segundo a autora, “considerando a geometria de traços de quantificadores em libras, postulamos a estrutura em (58) [abaixo], em que o traço [UNIVERSAL] exprime a totalidade, o [EXISTENCIAL], registra a existência em quantidade imprecisa e o [DISCRETO] exprime quantidades numéricas definidas ou pluralidade (cf. Brito, 2003)” (PRADO, 2014 , p. 103).

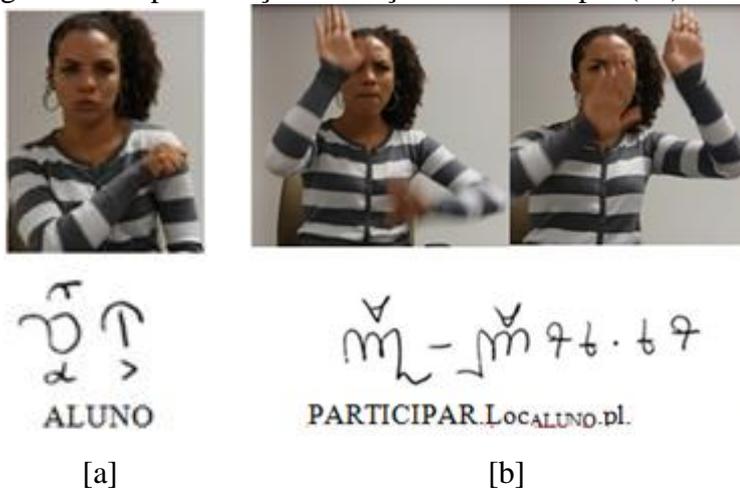


Segundo a autora, a ordem em que os quantificadores (Q) podem aparecer na estrutura são: Q-Loc+pro; Loc+pro-Q. Além disso, quantificadores também podem coocorrer com possessivos. Contudo, é

definido, pode selecionar uma relativa restritiva (cf. SMITH, 1964) como complemento, para quem, quando o antecedente apresenta o traço de indefinidade, a relativa selecionada para a construção referencial do DP é restritiva).⁸² À relativa

‘PARTICIPAR.LOC_{ALUNO}.pl.def’ está associada a expressão não-manual ES, que se espraia ao longo do escopo da relativa, conforme demonstrado na figura a seguir:

Figura 31: Representação do traço ES no exemplo (54).



Na figura 54a é possível perceber que não ocorre a elevação das sobrancelhas na articulação de um dos sinais que compõem o termo antecedente, enquanto na figura 54b observa-se claramente essa expressão facial na articulação do sinal que representa toda a construção relativa.

Essa construção apresenta também o traço de plural, marcado pela repetição do movimento, e se conjuga com um Loc articulado, com traço de definitude, marcado pela articulação do movimento do verbo em um ponto específico, localizando somente o grupo de alunos que denota a restrição dos elementos do grupo. Nessa estrutura, o Loc é correferente com o nominal núcleo do DP que funciona como antecedente, representado

interessante notar que Prado (2014, p. 94) cataloga uma articulação específica para o Q ‘todos’, descrita como $\overset{\vee}{h}\theta$ (mão em zê, eixo superior/palma para dentro, movimento circular plano transversal), distinta da que se encontra no dado (47), o que pode vir a ser uma variação regional para esse sinal. Entretanto, não nos ativemos em pesquisar essa diferença lexical, dado que ela não é o objeto da nossa pesquisa.

⁸² Conforme proposto por Smith (1964) e apresentado no capítulo 4 deste estudo, um determinante (D) externo do tipo *the* (o/os) pode selecionar como complemento tanto uma relativa restritiva quanto uma relativa apositiva. No caso dos dados da LSB analisados neste estudo, esse tipo de D externo selecionou apenas construções relativas restritivas.

pelo próprio corpo do enunciador, que se mantém voltado para o mesmo ponto ao longo do escopo da relativa e também do predicado da oração principal.

(55) Participante 3F.



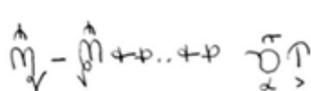
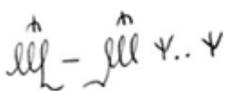
LocNA CADEIRA.pl ALUNO TODOS ALUNO.PARTICIPAR.pl.def LocNA.ALUNOS.LOCALUNOS.def



ALUNO.GOSTAR.def MATEMÁTICA LocNA.ALUNOS.SOMENTE LocNA.ALUNOS.LOCALUNOS.def

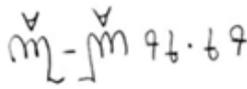
‘Os alunos que participam/perguntam gostam de matemática, somente eles’.

Em (55), a articulação da construção relativa pela participante 3F é parecida com a produzida pela participante 2C em (54), iniciando a sentença com o termo antecedente

‘CADEIRA.pl ALUNO TODOS’,

em que o item lexical ‘cadeira’ tem propriedades semânticas semelhantes a ‘sala’ (ou seja, de modificar o nominal núcleo do DP, atribuindo-lhe uma propriedade que identifica esse nominal) e o quantificador ‘todos’, que atribui interpretação menos definida ao DP, possibilitando a seleção de uma relativa restritiva.⁸³ A relativa,

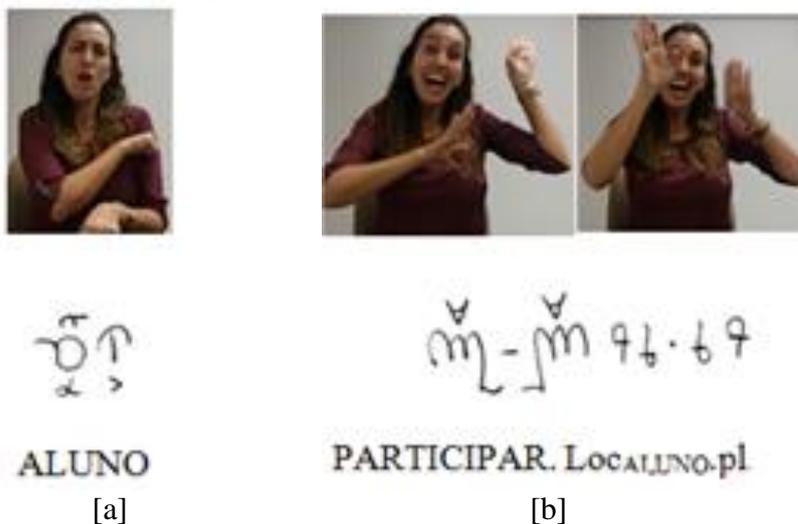
articulada por meio da estrutura  ‘PARTICIPAR.Loc_{ALUNOS}.pl.def’, contém, além do verbo, um Loc articulado correferente com o nominal ‘alunos’ do antecedente, com traços de plural, marcado pela repetição do movimento do verbo, e de

⁸³ A articulação do sinal ‘todos’, em (55), com mãos espreadas ( - ) , ambas no mesmo eixo anterior para baixo ( - ) é distinta da que foi registrada em (47), que se inicia com mãos em ‘esse’ ( - ) e depois mãos espreadas. Trata-se de uma variação que não interfere na análise do DP.

definitude, marcado pela articulação da oração em um ponto específico do espaço, localizando apenas um grupo de alunos, restringindo, assim, a leitura referencial do antecedente.

Essa oração é marcada expressão não-manual ES, que se espalha ao longo da relativa, conforme demonstrado na figura a seguir:

Figura 32: Representação do traço ES no exemplo (55).



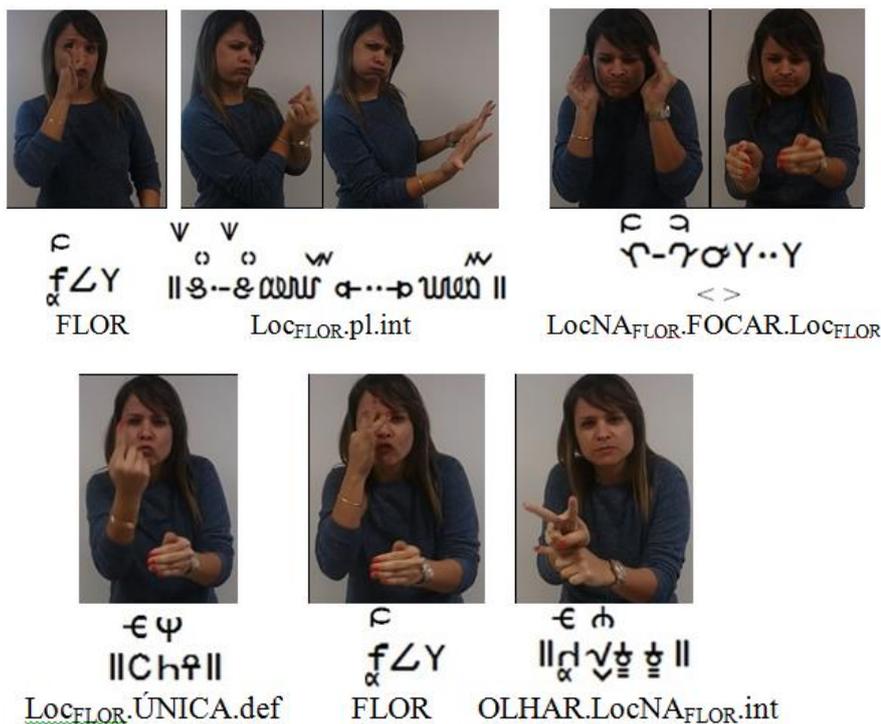
Na figura 44a, é possível perceber que não ocorre a elevação das sobrancelhas durante a articulação do termo antecedente; já na figura 44b, essa expressão facial é claramente percebida durante a articulação do sinal que representa a construção relativa.

Como no exemplo anterior, o Loc é representado pelo próprio corpo do enunciador na relativa e, também, na oração principal, estabelecendo-se, assim, a correferência.

O exemplo em (56), correspondente à sentença ‘A rosa de que o príncipe cuidou é especial’, representa o contexto no qual é identificada, dentro de um universo de flores, aquela de que o príncipe cuidou.⁸⁴

⁸⁴ A referência foi criada com base na história de ‘O pequeno príncipe’, referindo-se à rosa que ele cuidou e que, por isso, tornou-se especial para ele.

(56) Participante 1R.



‘Entre as muitas flores, a flor a que eu dei atenção era única, a flor que eu cuidava’.

Em (56), a sentença é iniciada pela expressão (

$\begin{matrix} \text{c} \\ \text{f} \angle \text{Y} \\ \alpha \end{matrix}$
 $\begin{matrix} \text{v} & \text{v} \\ \circ & \circ \\ \text{w} & \text{w} \end{matrix}$
 - FLOR LocFLOr.pl.int⁸⁵), que apresenta o conjunto

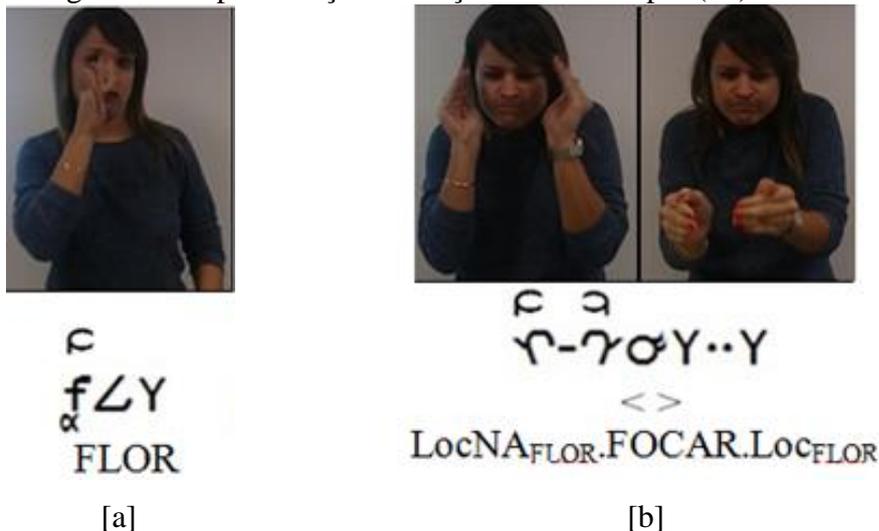
de flores. A sentença relativa é representada pela estrutura

(LocNA_{FLOr}.FOCAR.LocFLOr). Chamamos a atenção aqui, novamente, para o fato de um único sinal representar toda uma construção relativa, o que é um aspecto muito importante para as análises de línguas de sinais.

Essa construção apresenta o termo antecedente ‘flor’, representado pela direção do olhar (LocNA_{FLOr}), que identifica uma flor específica dentro de um conjunto de várias flores. Além disso, evidenciamos o traço não-manual ES, que se espalha ao longo do escopo da relativa, conforme as imagens a seguir:

⁸⁵ Marca de intensificação na produção do sinal, que, em SEL, é representado pelo diacrítico ||, grafado no início e no final da articulação do sinal.

Figura 33: Representação do traço RS no exemplo (56).



Como podemos observar, na figura 45a as sobrancelhas da participante não estão elevadas, já na figura 45b ocorre essa elevação das sobrancelhas, marcando o início da construção relativa restritiva e se expandindo ao longo da sua articulação.

Essa construção também apresenta um Loc articulado, que se repete na oração principal, estabelecendo a correferência entre o elemento da posição relativizada e o termo antecedente.

Assim, observando as estruturas relativas restritivas acima, percebemos que essas orações:

- (i) são compostas pela articulação de um sinal contendo uma só unidade MLMov;
- (ii) são selecionadas por antecedentes com traço de indefinitude;
- (iii) o antecedente pode ter as construções ‘N’ - exemplos (52) e (53) - ou ‘(Mod) N + Loc’ - exemplos (54), (55);
- (iv) não apresentam morfema relativo;
- (v) apresentam ou um ‘Loc’ – exemplos (52) (54) e (55) – ou um ‘LocNA’– exemplo (53) – que compõe a estrutura argumental do verbo da relativa e está coindexado com o termo antecedente, funcionando como um pronome lembrete/resumptivo;
- (vi) apresentam o traço suprasegmental ‘elevação de sobrancelhas’ (ES) que se espalha ao longo do escopo da relativa;

Por fim, salientamos que não encontramos nas construções analisadas neste estudo um elemento que exerça a função de um pronome relativo. Contudo, existe na literatura a hipótese de que o traço não-manual ‘elevação de sobrancelhas’ (ES) seja o elemento que ocupe a posição do morfema relativo. Por nossa análise, não adotamos essa proposta, uma vez que esse traço também se faz presente em outras construções sintáticas da LSB, tais como interrogativas e tópico, por exemplo, e, dessa forma, não pode ser classificado como um morfema relativo *stricto sensu*.⁸⁶

Após essa descrição das construções relativas restritivas em LSB, apresentamos, na seção seguinte, os nossos dados de relativas apositivas nessa língua.

5.1.2 Exemplos de estruturas relativas apositivas em LSB

Para que obtivéssemos, na coleta de dados, sentenças relativas apositivas, construímos cada bloco de imagens no qual foram apresentadas duas informações sobre o mesmo referente com um referente altamente definido, e que, de acordo com Smith (1964), selecionaria obrigatoriamente uma relativa apositiva.

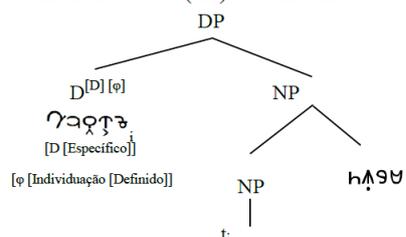
Os exemplos de (57) a (61), os quais remetem à construção ‘A Terra, que é o terceiro planeta do sistema solar, gira ao redor do sol’, representam um contexto no qual há duas informações sobre o referente [planeta] Terra: (i) a Terra é o terceiro planeta do sistema solar; (ii) a Terra gira ao redor do Sol. Nesse caso, uma vez que Terra, como um nome próprio, é um item nominal altamente específico, a restrição referencial não se aplica, devendo-se obter uma relativização do tipo apositiva.⁸⁷

⁸⁶ Sobre esse tópico, ver o capítulo 5 e as Considerações Finais deste estudo.

⁸⁷ Prado (2014, p. 91) assume que os nomes próprios “trazem os traços subespecificados [φ [INDIVIDUAÇÃO [DEFINIDO]], além de [D[ESPECÍFICO]]. Segundo a autora, isso garante a leitura referencial na ausência do Loc”. A autora apresenta a seguinte estrutura para a arquitetura formal dos nomes próprios:

ገጋፍጊጌ ከላፍህ ከህገ ጎረቤት-ጎረቤት-ቆይታ ዐገገጸ
CINDERELA SURDA É BEBÊ INOCENTE

‘Cinderela surda é (um) bebê inocente’



Contudo, especificidade refere-se a uma coisa e unicidade a outra. Usando uma linguagem mais técnica, a tentativa de restrição referencial resultaria em uma implicatura de anti-unicidade, o que não é permitido aí nesse caso. Em inglês, “*anti-uniqueness implicature*”. Em trabalhos posteriores, iremos aprofundar a análise desses traços semânticos.

relação ao sol e, portanto, funcionando como um Loc articulado, representado pela

configuração da mão em $\begin{matrix} \triangleright \\ \Xi \end{matrix}$ 'Loc_{TERRA.3º}'. Chamamos atenção para o fato de que, novamente, aqui, identificamos a construção relativa representada pela articulação de um sinal contendo uma única unidade MLMov. Em seguida, é realizado o movimento circular da mão dominante representando o Loc_{TERRA}, o que denota o evento descrito na oração matriz: '(ela) gira ao redor do sol'. Diferentemente do que ocorre com os dados de orações restritivas na seção anterior, não foi observado o traço ES, mas ocorreram pausas marcando o início e final da articulação da sentença relativa apositiva, semelhantemente ao que acontece com as línguas orais. Para mensurarmos essa pausa, contamos os segundos cronometrados pela gravação dos vídeos. Nesse exemplo, a

pausa foi de 2 segundos entre o final da articulação do sinal $\begin{matrix} \phi & \phi & & x & x \\ \triangleleft & - & \triangle & \omega\omega\omega & \cdot\cdot & \omega\omega\omega \end{matrix}$ (TERRA) e o início da articulação do sinal que representa a construção relativa $\begin{matrix} \triangleright \\ \Xi \end{matrix}$.

Ao final dessa articulação, houve uma pausa de 1 segundo, seguida da articulação do predicado da oração principal, representado pelo movimento realizado pela Terra em torno do Sol ($\begin{matrix} \triangleright \\ \odot \mu \odot \end{matrix}$).

(58) Participante 2C.

			
$\begin{matrix} \text{S} & \text{O} & \text{L} \\ \text{S} & \text{O} & \text{L} \end{matrix}$	$\begin{matrix} \text{?} \\ \text{O} \end{matrix}$	$\begin{matrix} \text{f} & \text{?} \\ \text{O} = \text{O} \end{matrix}$	
S-O-L	LocNA _{SOL} -Loc _{SOL}	LocNA _{TERRA} -TERRA.SOL	



Handwritten datilologia for 'T-E-R-R-A' with a small '3' above the final 'A'.

T-E-R-R-A SOL



Handwritten datilologia for 'LocNATERRA'.

LocNATERRA TERRA.GIRAR.SOL



Handwritten datilologia for 'SOL'.

SOL.LocNATERRA.TERRA.3ª



Handwritten datilologia for 'LocNATERRA-3ª'.

LocNATERRA-3ª LocSOL



Handwritten datilologia for 'TERRA'.

TERRA

‘A Terra, que gira ao redor do sol, é o terceiro planeta do sistema solar, a Terra’.

Em (58), a participante 2C inicia a oração introduzindo os referentes Sol, representado pela sua datilologia (Sol ‘S-O-L’), seguido pela representação do sinal

estabelecido para esse referente (0), e Terra, representado pelo sinal estabelecido (0),

seguido da datilologia (T-E-R-R-A).⁸⁹ A sentença relativa

(LocNATerra.TERRA.GIRAR.SOL) se estrutura por meio do LocNATERRA, correferente ao nominal Terra, que é o antecedente, seguida do predicado, e é marcada por uma pausa realizada no início e no final da estrutura. Essa pausa foi contabilizada no vídeo

⁸⁹ Interessante notar que, enquanto a participante 2C realiza a datilologia do referente Terra com a mão dominante, a mão de base, que representa o referente Sol, permanece articulada na posição do espaço estabelecida para esse referente. Na identificação referencial dos referentes, a participante também direciona o olhar para o ponto em que eles se localizam (Locs não articulados).

em 2 segundos entre o final da articulação do sinal $\text{y e r r o }^{\circ}$ (TERRA) e o início da articulação do sinal que representa a construção relativa, e de outros 2 segundos entre o final da articulação desse sinal e a articulação do sinal que representa o

predicado da oração principal $\overset{f}{0} = \overset{a}{0} \text{ c. c. c. }^{\circ 90}$

Segue-se a oração principal (em duas ocorrências distintas), que têm em comum o fato de apresentarem um $\text{LocNA}_{\text{TERRA}}$.

(59) Participante 3F.

PLANETA $\overset{f}{0} = \overset{a}{0} \text{ c. c. c. }^{\circ 90}$ $\overset{f}{0} = \overset{a}{0} \text{ c. c. c. }^{\circ 90}$ $\overset{f}{0} = \overset{a}{0} \text{ c. c. c. }^{\circ 90}$

LocTERRA.TERRA SOL.ILUMINAR.TERRA TERRA

SOL.LocNATERRA.TERRA.3ª SOL.LocNATERRA.3ª LocNATERRA.3ª

LocNATERRA.T-E-R-R-A 3ª TERRA.GIRAR.SOL

‘O planeta Terra é iluminado pelo sol; a Terra, que é o terceiro planeta, a Terra gira ao redor do Sol.’

Em (59), a participante 3F localiza o referente ‘TERRA’ no espaço de sinalização, por meio da articulação do seu sinal. Depois, introduz o referente ‘SOL’ no espaço em relação ao referente TERRA, identificando, por meio do seu sinal, a relação

⁹⁰ Também aqui há toda uma sentença (a Terra é o terceiro planeta) composta na articulação de um único sinal $\overset{f}{0} = \overset{a}{0} \text{ c. c. c. }^{\circ}$, assim como ocorre com as construções relativas analisadas até o momento.

que estabelece com o planeta: o Sol ilumina a Terra. O termo antecedente é representado pela articulação do sintagma

$\overset{\wedge}{ll} = \overset{\psi}{ll} \overset{o}{\text{wra}} \dots \overset{\wedge}{\text{wra}}$ $\overset{\wedge}{\cdot} = \overset{\psi}{\text{wra}}$ $\overset{F}{ll} \overset{\psi}{\text{wra}} \overset{o}{\text{wra}} \dots \overset{\wedge}{\text{wra}}$ $\overset{\wedge}{ll} = \overset{\psi}{ll} \overset{o}{\text{wra}} \dots \overset{\wedge}{\text{wra}}$

(PLANETA LOC_{TERRA}.TERRA SOL.ILUMINAR.TERRA TERRA). A sentença

relativa se compõe pela articulação de três sinais: (i) $\overset{F}{0} - \overset{\wedge}{3} \overset{\psi}{\text{c}} \cdot \overset{\psi}{\text{c}} \cdot \overset{\psi}{\text{c}}$

(SOL.LOC_{NATERRA}.TERRA.3^a); (ii) $\overset{\wedge}{\text{c}} - \overset{\psi}{ll} \overset{\psi}{\text{wra}}$ (SOL.LOC_{NATERRA}.3^a); e (iii) $\overset{\wedge}{\cdot} \overset{\psi}{ll} \overset{\psi}{\text{wra}}$

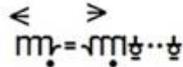
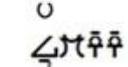
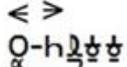
(Loc_{NATERRA}.3^a), por meio dos quais é denotada a posição da Terra em relação ao Sol. Observa-se pausa no início e no final da oração relativa de 1 segundo entre o final da articulação do termo antecedente e o início da articulação do sinal que representa a construção relativa, e de 1 segundo entre o final da articulação da construção relativa e da articulação do predicado da oração principal. Além disso, nenhum elemento ocupando a posição do morfema relativo. A oração principal tem o seu predicado na

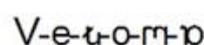
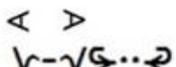
articulação dos sois últimos sinais ($\overset{\psi}{\text{wra}} \overset{\psi}{\text{wra}} \overset{\psi}{\text{wra}} \overset{\psi}{ll}$ ‘Loc_{NATERRA}.T-E-R-R-A 3^a’ e $\overset{\wedge}{0} - \overset{\wedge}{3} \overset{\psi}{\text{c}}$ ‘TERRA.GIRAR.SOL’).

Os exemplos seguintes, referentes à sentença ‘Romeu, que mora em Verona, ama Julieta’, representam um contexto no qual há duas informações sobre o referente Romeu: (i) Romeu mora na cidade de Verona; (ii) Romeu ama (ou troca olhares apaixonados com) Julieta. Como analisa Smith (1964), um antecedente composto por nome próprio somente aceita como complemento uma oração relativa apositiva, devido aos seus traços altamente definidos.⁹¹

⁹¹ A exceção a essa regra configura-se em contextos nos quais o N próprio é antecedido de artigo ou quando existem dois seres (pessoas) com o mesmo nome, conforme mencionamos do capítulo 4 deste estudo.

(60) Participante 1R.⁹²


 R-O-M-E-U
  MORAR.AQUI.LocNA_ROMEUI
  VIVER.Loc_ROMEUI
  CIDADE

 V-E-R-O-N-A
  LocNA_ROMEUI.Loc_ROMEUI.OLHAR.Loc_JULIETA.rec

‘Romeu, que mora aqui, vive na cidade de Verona, trocou olhares com Julieta’.

Em (60), o antecedente é composto pelo nominal Romeu, articulado no início da sentença, por meio da datilologia do seu nome (χ -o-m-e- \tilde{m} ‘R-O-M-E-U’), sem a coocorrência de um Loc. A estrutura relativa apositiva, nesse exemplo, está expressa na construção $\left\langle \begin{array}{c} \leftarrow \\ \rightarrow \end{array} \right\rangle$ (MORAR.AQUI.LocNA_ROMEUI), contendo um LocNA (não-articulado) representando o referente Romeu, com o qual esse Loc é correferente. Chamamos a atenção para o fato de a construção relativa ser representada pela articulação de um sinal contendo uma só unidade MLMov.

A relativa apositiva apresenta pausas marcadas no início e no final da estrutura e a elas segue-se a oração principal. Essas pausas foram contabilizadas de acordo com o tempo de exibição marcado na gravação dos vídeos. Por meio desse recurso, identificamos uma pausa de 1 segundo entre o final da articulação do termo antecedente e o início da articulação do sinal que representa a construção relativa, e de 2 segundos entre o final da articulação da construção relativa e da articulação do restante da oração.

⁹² A marcação ‘rec’ refere-se ao traço de reciprocidade.

(61) Participante 3F.



ḤḤḤḤḤḤḤḤ
HOMEM

ḤḤ
NOME

Ḥ o m e u
R-O-M-E-U



ḤḤḤḤḤḤḤḤ
LocNA_ROME.U.VIVER

ḤḤḤ
(?)

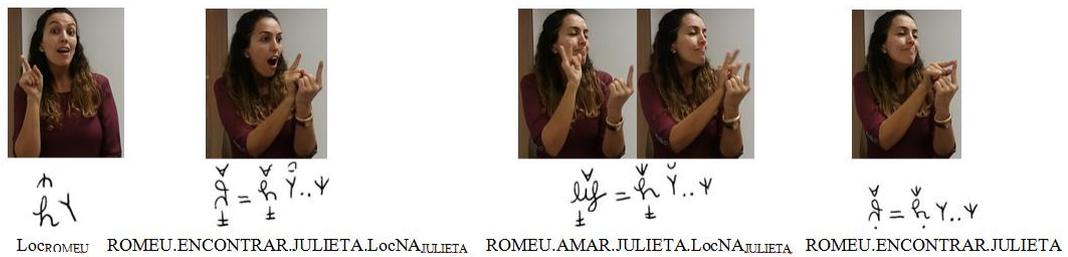
ḤḤḤ
LocROME.U

ḤḤḤḤḤḤḤḤ
CASA

ḤḤḤḤḤḤḤḤ
CIDADE



Ḥ e r o n a
V-E-R-O-N-A



ḤḤ
LocROME.U

ḤḤḤḤḤḤḤḤ
ROME.U.ENCONTRAR.JULIETA.LocNA_JULIETA

ḤḤḤḤḤḤḤḤḤ
ROME.U.AMAR.JULIETA.LocNA_JULIETA

ḤḤḤḤḤḤḤḤḤ
ROME.U.ENCONTRAR.JULIETA



ḤḤḤḤḤḤḤḤḤ
ROME.U.GUARDAR.JULIETA

‘Um homem chamado Romeu, que mora/vive na cidade de Verona, ele encontrou Julieta e se apaixonou por ela’.

Em (61), o termo antecedente é articulado por meio da expressão nomina

ṝɛ̄d̄ēw̄ɪ̄ M̄+ ʒ̄ o m e m ('HOMEM NOME ROMEU').⁹³ A construção

relativa é composta pelo LOC_{ROMEU} (ʒ̄ɪ̄) e também pela presença do LocNA_{ROMEU}, seguido do predicado. Chamamos a atenção para um fato interessante aqui; enquanto as construções relativas restritivas em LSB são compostas pela articulação de um sinal contendo uma só unidade MLMov, esse exemplo (61) mostra que construções relativas apositivas nessa língua podem ser compostas pela articulação de mais de um sinal.

Nesse exemplo, é interessante notar também a presença do localizador articulado

(ʒ̄ɪ̄), que apresenta o traço [+humano], estando vinculado ao nominal 'Romeu'.

Segundo Prado (2014):

semelhantemente ao Loc de 3ª pessoa apresentado acima, este Loc funciona como elemento que constrói o referente do nome que o acompanha (exemplo (8a)) ou como uma proforma (exemplo (8b)), localizando-o em um ponto específico no espaço narrativo. Uma característica particular do Loc com essa configuração de mão é a marcação do traço [+humano]. (PRADO, 2014, p. 39).

A oração < > ʊ < >
 m̄ɪ̄=ɪ̄m̄ɪ̄...ɪ̄ ɛ̄ɪ̄ɪ̄ɪ̄ ʊ-h̄ɪ̄ɪ̄ɪ̄ V-e-u-o-m-ɪ̄

‘MORAR.AQUI.LocNA_{ROMEU} VIVER.Loc_{ROMEU} CIDADE V-E-R-O-N-A’, é uma relativa apositiva também marcada por pausa no início e no final da estrutura. Essa pausa foi de 2 segundos entre a articulação do termo antecedente e a articulação da construção relativa, e de 1 segundo entre o final da articulação da construção relativa e a articulação do restante da oração.

Observando as estruturas relativas apositivas acima, percebemos que essas orações:

- (i) Podem ser compostas pela articulação de um sinal contendo uma só unidade MLMov, ou pela articulação de mais de um sinal;
- (ii) são selecionadas por antecedentes com traço de definitude;
- (iii) o antecedente nessas construções é sempre representado por um N;

⁹³ Essa estrutura poderia ser analisada como uma estrutura de tópico, contudo, essa análise requer um estudo mais ampliado. Como esse não é o foco da nossa pesquisa, essa questão não será desenvolvida neste texto.

- (iv) não apresentam morfema relativo;
- (v) apresentam ou um ‘Loc’ – exemplos (57) –, ‘LocNA’ – exemplo (60) – ‘LocNA + N’ – exemplo (58) e (59) – ou ‘LocNA + Loc’ – exemplo (61) - que compõe a estrutura argumental do verbo da relativa e está coindexado com o termo antecedente, funcionando como um pronome lembrete/resumptivo;
- (vi) apresentam uma pausa marcada no início e no final da relativa, que podem variar de 1 a 2 segundos.

Após essa descrição dos nossos dados, desenvolvemos, na próxima seção, a nossa proposta de análise para as estruturas relativas restritivas e apositivas para a LSB.

5.2 Análise das construções relativas restritivas e apositivas

Na seção anterior, apresentamos a descrição de dados que compuseram o corpus desta tese. Nesta seção, desenvolvemos a nossa proposta de análise sobre a correferencialidade das construções relativas restritivas e apositivas em LSB, fazendo um contraponto, sempre que necessário, com estudos anteriores (cf. Capítulo 4).

5.2.1 Análise das construções relativas restritivas

Iniciamos a análise das construções relativas restritivas analisando a estrutura do termo antecedente, que se constitui do NP movido de dentro da relativa para SpecCP, relacionando-se diretamente com o D que seleciona o CP. Em todos os casos, a estrutura que se apresenta é de um DP. Com base em Abney (1987), o D está sempre presente (mesmo que não realizado) e há movimento do nome para D (mesmo que encoberto). Ainda, em todos os casos, o DP tem de ser indefinido (SMITH, 1964).

A seguir, apresentamos os dados de análise.

- (i) N– exemplos (52) e (53), replicados em (62) e (63), respectivamente:

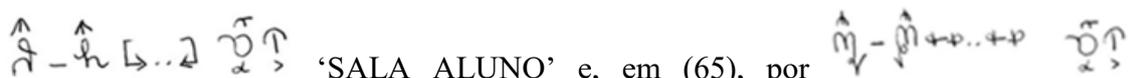
(65)



 LocNA CADEIRA.pl ALUNO TODOS ALUNO.PARTICIPAR.pl.def LocNA.ALUNOS.Loc.ALUNOS.def
 ALUNO.GOSTAR.def MATEMÁTICA LocNA.ALUNOS.SOMENTE LocNA.ALUNOS.Loc.ALUNOS.def

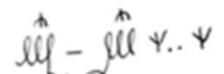
‘De todos os alunos, os que participam/perguntam eles gostam de matemática, somente eles’.

Em (64), o termo antecedente é composto pela expressão nominal



 ‘SALA ALUNO’ e, em (65), por

‘CADEIRA.pl ALUNO’; seguidos do quantificador

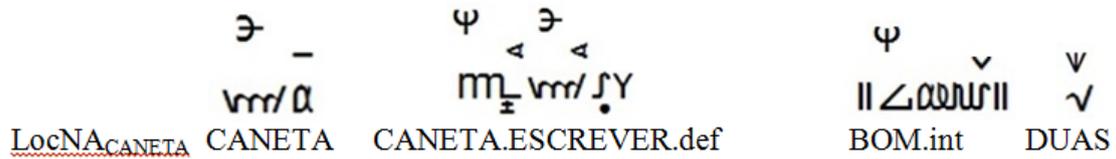


 ‘TODOS’, em (64), e , em (65). Nesses exemplos, o antecedente contém um modificador de N, anteposto a esse núcleo (SALA-ALUNO, CADEIRA-ALUNO) e o D que seleciona essa expressão está posposto. Nesse caso, pode ter ocorrido um movimento adicional do NP, o que pode estar associado a outros fatores, uma vez que a LSB é uma língua em que a posição de tópico é muito ativa. Esse movimento adicional do NP para fora do DP que seleciona o CP relativo será objeto de investigação futura. Uma possível explicação pode ser encontrada em Prado (2014) e Prado e Lessa-de-Oliveira (2016) defendem que a ordem N-Loc/LocNA é expressa quando o localizador (elemento que atua na construção da referência de um item nominal) (D) seleciona um conjunto de traços menos específico, o que impele o alçamento do N complemento para a posição de Spec do DP, em decorrência da necessidade de checagem do traço [+definido], que, não sendo checado pelo elemento em D, será checado por N. Com base em Abney (1987), pelo que consta na explicação do caso (ii), o movimento ocorre sempre, mas, nesse caso, seria encoberto.

O segundo ponto a ser considerado para a análise das construções relativas restritivas em LSB é que não foram registrados elementos que ocupem a posição de pronome relativo nessa língua, mas foi identificado um traço suprasegmental de

elevação de sobrançelha (ES) estendendo-se ao longo da relativa, em todos os dados desse tipo de construção⁹⁴, como exemplificado a seguir:

(62')

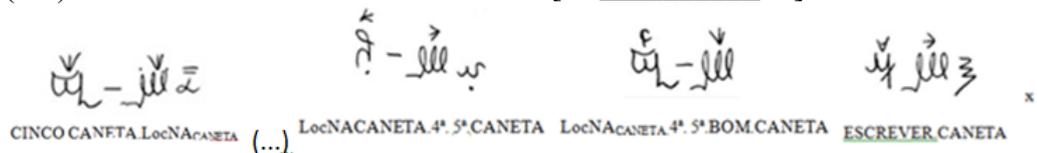


‘As canetas que escrevem duas são boas’.

Em (62), o D é ocupado pelo LocNA_{CANETA} e o antecedente que entra em relação de complementação com ele é o N CANETA (\exists $\overline{\text{m}/\alpha}$).

(63')

[ES_____rel]



‘Cinco canetas... a quarta e a quinta canetas que são boas escrevem’.

(64')

[ES_____rel]



‘Todos os alunos da sala que perguntam/participam [da aula] gostam de matemática’.

⁹⁴ Na seção anterior encontram-se as figuras que demonstram a elevação das sobrançelhas em cada exemplo das construções relativas apositivas.

(65') [ES _____rel]

$\hat{m}_Y - \hat{m} + p \dots + p$ $\hat{m}_Y - \hat{m} + p \dots + p$
 CADEIRA.pl. ALUNO TODOS PARTICIPAR.LOCALUNO.pl LocNAALUNOS.LOCALUNOS
 $\hat{m}_Y - \hat{m} + p \dots + p$ $\hat{m}_Y - \hat{m} + p \dots + p$
 GOSTAR.LOCNAALUNO. MATEMÁTICA LocNAALUNOS.SOMENTE LocNAALUNOS.LOCALUNOS
 'Os alunos que participam/perguntam gostam de matemática, somente eles'.

Interessante notar que esse traço ES foi identificado para as construções relativas na LSB (QUADROS, PIZZIO e REZENDE, 2009; PRADO (2014) e PRADO, NAVES E LIMA-SALLES (2018) e na Língua de Sinais Italiana (LIS) (PFAU, 2016). Mas, ao contrário da LIS, em LSB, esse traço não contém o termo antecedente em seu escopo, o que, com base no estudo de Pfau (2016), indica que, em LSB, trata-se de uma estrutura de núcleo nominal externo, assim como em DSG. Conforme vimos no capítulo 4 deste estudo, Pizzuto *et al.* (2006) identificam esses elementos não-manuais como Estruturas altamente Icônicas (EAIs), que exercem a função de retomar um referente previamente inserido no discurso, apresentando, assim, um valor anafórico. Contudo, ainda é necessário desenvolver estudos mais ampliados sobre a natureza do traço ES, porque parece ser um elemento mais abstrato, relacionado ao que há de comum em todas as construções em que esse tipo de marca aparece nas LS, como interrogativas e construções de tópico, por exemplo.

Por fim, com relação à estrutura interna da oração relativa, identificamos a presença de um LocNA/Loc na estrutura argumental do verbo interno à relativa. Em

(62'), por exemplo, na construção relativa composta por $\hat{m}_Y - \hat{m} + p \dots + p$ 'ESCREVER.LOCCANETA.def', o LOC_{CANETA} exerce a função de argumento externo do verbo 'ESCREVER', apresentando uma relação correferencial com o antecedente. Em

(64'), na construção relativa $\hat{m}_Y - \hat{m} + p \dots + p$ 'PARTICIPAR.LOCALUNO.pl.def', o LOC_{ALUNO} é selecionado como argumento externo do verbo 'PARTICIPAR', sendo coindexado com o termo antecedente 'SALA ALUNO', de forma semelhante à construção em (65). Já em (63) é o LocNA que ocupa essa posição. Isso significa que a

(68) [_____rel]

PLANETA LocTERRA.TERRA SOL.ILUMINAR.TERRA TERRA SOL.LocNATERRA.TERRA.3*

SOL.LocNATERRA.3* LocNATERRA.3*

‘O planeta Terra é iluminado pelo sol; a Terra, que é o terceiro planeta, a Terra gira ao redor do Sol.’

(69) [_____rel]

R-O-M-E-U MORAR.AQUI.LocNAROMEU VIVER.LocROMEU CIDADE V-E-R-O-N-A

LocNAROMEU.LocROMEU.OLHAR.LocJULIETA.rec

‘Romeu, que mora aqui, vive na cidade de Verona, trocou olhares com Julieta’.

(70) [_____rel]

HOMEM NOME R-O-M-E-U LocNAROMEU.VIVER (?) LocROMEU CASA CIDADE V-E-R-O-N-A

LocROMEU ROMEU.ENCONTRARJULIETA.LocNALLIETA ROMEU.AMARJULIETA.LocNALLIETA ROMEU.ENCONTRARJULIETA ROMEU.GUARDARJULIETA

‘Um homem chamado Romeu, que mora/vive na cidade de Verona, ele encontrou Julieta e se apaixonou por ela’.

Em (68), o termo antecedente é composto pelo nominal ‘TERRA’, sem a coocorrência de um Loc. Em (69), o antecedente é composto pelo NP ‘ROMEU’ e em (70) pela expressão nominal ‘HOMEM NOME ROMEU’. Nesses exemplos, os nomes próprios licenciam o apagamento do Loc, uma vez que apresentam alto grau de definitude. Dessa forma, a leitura desse constituinte implica a seleção de uma relativa apositiva como seu complemento (SMITH, 1964; KAYNE, 1994).

Outro ponto importante para a análise das construções relativas apositivas é a presença de pausas marcadas no início e no final da sua articulação, representadas na interface fonológica. Por meio dessas pausas, podemos identificar que o núcleo nominal antecedente não pertence ao escopo da relativa, sendo quase que independente da sentença inteira.

Dessa forma, identificamos semelhanças e diferenças entre as construções relativas restritivas e apositivas em LSB. A seguir, apresentamos um resumo da nossa proposta de análise para essas construções:

Relativas restritivas

- (i) são compostas pela articulação de um sinal contendo uma só unidade MLMov;
- (ii) são selecionadas por antecedentes com traço de indefinitude;
- (iii) o antecedente pode ter as construções ‘N’ ou ‘(Mod) N + Loc’;
- (iv) não apresentam morfema relativo;
- (v) apresentam o traço suprasegmental ‘elevação de sobranças’ (ES), que se espalha ao longo do escopo da relativa;
- (vi) apresentam um ‘Loc’, ou ‘LocNA’ que compõe a estrutura argumental do verbo da relativa e está coindexado com o termo antecedente, funcionando como um pronome lembrete/resumptivo.

Relativas apositivas

- (i) podem ser compostas pela articulação de um sinal contendo uma só unidade MLMov ou pela articulação de mais de um sinal;
- (ii) são selecionadas por antecedentes com traço de definitude;
- (iii) o antecedente é representado por ‘N’;
- (iv) não apresentam morfema relativo;
- (v) apresentam uma pausa marcada no início e no final da relativa;
- (vi) apresentam um ‘Loc’, ‘LocNA’, ‘LocNA+N’ ou ‘LocNA+Loc’ que compõe a estrutura argumental do verbo da relativa e está coindexado com o termo antecedente, funcionando como um pronome lembrete/resumptivo.

Portanto, segundo essa análise sobre as construções relativas restritivas e apositivas, consideramos que se trata da mesma estrutura sintática, mas com propriedades distintas, no que se refere ao traço suprasegmental que marca a distinção entre restritivas e apositivas e que, possivelmente, tem relação com a propriedade das

primeiras de restringir o referente, o que pode ser interpretado como uma espécie de foco, o que explica o fato de o traço ES ser o mesmo utilizado em outras construções em que a noção de foco pode estar envolvida – hipótese a se confirmar em trabalhos futuros. Outras propriedades que distinguem esses dois tipos de construções são: a possibilidade de as construções relativas serem articuladas por meio de um sinal contendo uma só unidade MLMov, enquanto as construções apositivas podem ser compostas pela articulação de um ou mais sinais; a constituição do termo antecedente, que pode ser composto por N ou (Mod)N + Loc nas construções relativas restritivas, e por N nas construções relativas apositivas; e os elementos que compõem a posição relativizada, que pode ser um LocNA ou Loc para as restritivas, e LocNA, Loc, LocNA + N ou LocNA + Loc para as apositivas.

5.3 Proposta de estrutura formal para as construções relativas restritivas e apositivas em LSB

Ao longo deste capítulo, apresentamos, na seção 5.1, os nossos dados, fizemos uma descrição detalhada sobre todos os elementos que concorrem para a construção relativa em LSB e desenvolvemos, na seção 5.2, a nossa análise desses dados. Nesta seção, propomos a estrutura para as construções relativas restritivas e apositivas em LSB, com base no arcabouço teórico gerativista, em específico, na proposta de Prado (2014) e Prado e Lessa-de-Oliveira (2016), para a estrutura interna do DP; e nos postulados de Smith (1964) e Kayne (1994), para as construções relativas.

Com relação à categoria dos determinantes, adotamos a proposta de Prado (2014) e Prado e Lessa-de-Oliveira (2016), segundo a qual existe a categoria dos determinantes na LSB, composta por um elemento (Loc/LocNA) que ocupa o núcleo D^o na estrutura e que seleciona um NP como complemento. Adotamos, também, a proposta de Pizzuto *et al.* (2006), segundo a qual as chamadas Estruturas Altamente Icônicas (EAI) (ou LocNA, nos termos de Prado (2014) e Prado e Lessa-de-Oliveira (2016)) são elementos que exercem a função de retomar um referente no discurso, tal como uma anáfora. Por nossa análise, a relação anafórica ocorre apenas quando esse elemento ocorre no interior da construção relativa.

Já para as relativas, adotamos os postulados de Smith (1964), sobre a existência de uma relação clara e necessária entre o D e o CP relativo, e sobre a quase independência das relativas apositivas, uma vez que estão fora do escopo que afeta a sentença inteira. Adotamos, também, a proposta de Kayne (1994) em dois aspectos: (i)

consideramos não haver adjunção no processo de relativização e (ii) adotamos o *head raising* como proposta de derivação das estruturas. Com base no trabalho de Kayne (1994), identificamos que as relativas em LSB apresentam uma estrutura do tipo *that*.

5.3.1 Configuração do DP nas construções relativas restritivas e apositivas

Como vimos na seção anterior, encontramos as seguintes ordens nas construções relativas restritivas e apositivas em LSB:

Quadro 3: Construções relativas restritivas vs construções relativas apositivas em LSB.

	Construções relativas restritivas	Construções relativas Apositivas
	Articuladas por meio de um sinal contendo uma única unidade MLMov	Articuladas por meio de um sinal contendo uma única unidade MLMov ou pela articulação de mais de um sinal
Antecedente	indefinido N (Mod) N + Loc	definido N
Traço não-manual	Elevação de sobranceiras (ES)	Pausas marcando o início e o final da estrutura
Pronome relativo	∅	∅
Posição relativizada	LocNA Loc	Loc LocNA + N LocNA LocNA + Loc

Conforme observamos nas seções anteriores, as construções relativas restritivas apresentam a seguinte configuração: (i) são articuladas por meio de um sinal contendo uma única unidade MLMov; (ii) o antecedente, com traço de indefinitude, pode ser composto de ‘N’ ou ‘(Mod) N + Loc’; (iii) no início da articulação da relativa ocorre a

marcação não-manual ES; (iv) não há a presença de um pronome relativo; e (v) a posição relativizada pode ser ocupada por LocNA / Loc.

Com relação às ordens diversas internas ao DP entre Locs e Ns, retomamos a proposta de Prado (2014) e Prado e Lessa-de-Oliveira (2016) sobre a estrutura formal da categoria dos determinantes, apresentada no Capítulo 3 desta tese, uma vez que essa proposta é essencial para a presente análise. De acordo com as autoras, os elementos localizadores articulados (Locs) ou não articulados (LocNAs) (do tipo (i) direção do olhar e (ii) pontos inicial e final de verbos direcionais) são componentes do núcleo D/DP na estrutura X-barra. Com relação a essa proposta para a estrutura do DP em LSB, retomamos aqui, de forma pontual, a explicação das autoras:⁹⁵ ⁹⁶

a principal observação a ser feita aqui é quanto ao traço [D]. Segundo Carvalho (2008), o traço [D] codifica as informações nominais; a presença dele codifica o nominal como sendo um argumento; e este traço também dominaria as projeções contendo os traços [DEFINIDO] e [ESPECÍFICO].⁹⁷ Como a libras é uma língua que se articula no espaço físico, por sua natureza gestovisual, verificamos importância capital da dêixis na construção da referenciação nominal. Assim, a codificação do referente nessa língua se dá, como vimos, com a anteposição ou pós-posição do Loc ao nome, mas também com nominais nus (...). Dessa forma é que, em D encontra-se o traço [DÊITICO], que torna a checagem da raiz [D] obrigatória. Essa checagem é feita ou por Loc ou pelo nome (N). Se [D] é checado por Loc, temos a ordem Loc N; se é checado pelo nome temos ou a ordem N-Loc ou um nominal nu (...). (PRADO e LESSA-DE-OLIVEIRA, 2016, p. 163-164).

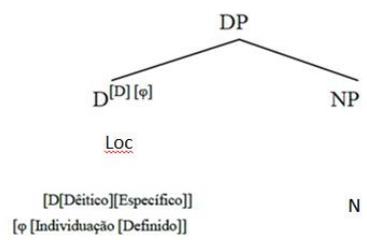
Dessa forma, compreende-se que o traço [D] é essencial nessa estrutura e sua checagem é obrigatória, seja por um Loc, seja por um N, uma vez que a presença desse traço codifica um nominal como argumento. A partir dessa checagem, têm-se as diferentes ordens entre Locs e Ns na estrutura. Assim, as autoras apresentam as configurações arbóreas para as seguintes ordens:

⁹⁵ Ver figura 35.

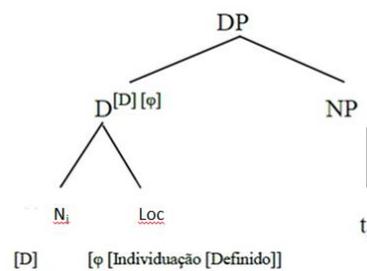
⁹⁶ Ver páginas 88-89.

⁹⁷ Quanto à noção de especificidade, são necessários estudos mais ampliados, os quais serão desenvolvidos para esta análise em produções posteriores.

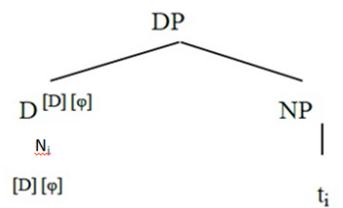
(71) Ordem Loc-N



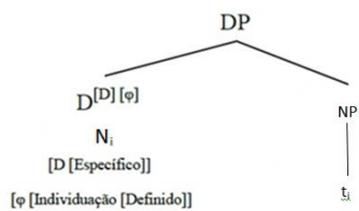
(72) Ordem N-Loc



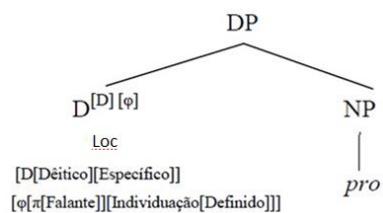
(73) Ordem N (leitura genérica)



(74) Ordem N (leitura específica)



(75) Loc-pro



Com relação à estrutura em que o Loc ocorre sem a presença de um nominal, Prado (2014) assume que “a checagem dos traços [ϕ] e [D] por Loc pode licenciar uma elipse nominal, já que o traço [D], que corresponde ao traço [N] e caracteriza nominais, conforme Carvalho (2008, p. 83), tem sua checagem garantida” (PRADO, 2014, p. 93). Segundo essa proposta, a elipse nominal é analisada como uma categoria vazia ‘pro’. Observando essas estruturas para as diferentes ordens internas ao DP, nas próximas seções apresentamos a nossa análise para as construções relativas restritivas e apositivas em LSB.

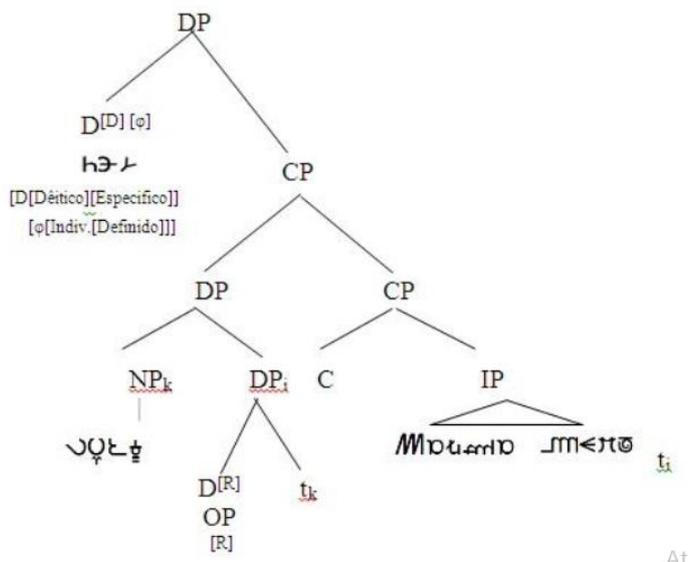
5.3.2 *Por uma proposta de estrutura formal para as construções relativas restritivas em LSB*

Com relação às relativas restritivas em LSB, Prado (2014) desenvolve a seguinte hipótese:

antecedentes de relativas os Locs ocorrem em anteposição ao nome, mas não em posposição. Assumindo a estrutura de Kayne (1994), adaptada por Kato e Nunes (2008), para as relativas, de acordo com o qual, em relativas, temos um [D° CP] (...) o constituinte relativizado sai da sua posição argumental e se adjunge ao CP; e o NP desse constituinte sai do escopo de D e se adjunge ao DP, passando ao escopo de novo determinante, o qual seleciona o CP relativo. Como em libras não há constituintes relativos foneticamente realizados, supomos que estes sejam operadores vazios (OP), que checam o traço relativo [R] no D do constituinte relativizado, que se adjunge a CP. (PRADO, 2014, p. 105).

Retomamos, na Figura 46, a estrutura para a relativa restritiva adotada para a LSB pela autora:

Figura 34: Proposta de Prado (2014) para a construção relativa restritiva.



ከኛሱ ጋሻደኛ ማርያም ገምግሟል ግ ጋሻደኛ.
 Loc_{homem} HOMEM MARIA GOSTA (EU) CONHECER.

‘Este homem que Maria gosta eu conheço.’
 Fonte: Prado (2014 , p. 106).

A estrutura proposta para as construções relativas em LSB pela autora foi a estrutura *wh*. Contudo, existe na LSB todo um léxico *wh*, muito semelhante ao do português, como os sinais para ‘como’, ‘por que’, ‘o que’, ‘quando’ etc., exemplificados a seguir:

Figura 35: Sinal para 'como' - conjunção



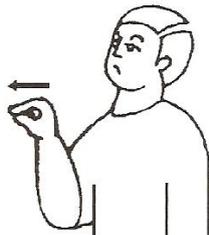
Fonte: Capovilla e Rafael (2001, p. s/p)

Figura 36: Sinal para 'por que'



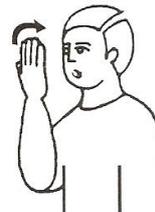
Fonte: Capovilla e Rafael (2001, p. s/p)

Figura 37: Sinal para 'o que'



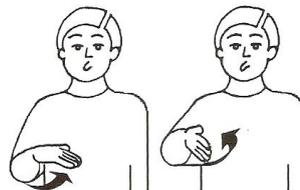
Fonte: Capovilla e Rafael (2001, p. s/p)

Figura 38: Sinal para 'quando' - passado



Fonte: Capovilla e Rafael (2001, p. s/p)

Figura 39: Sinal para 'quando' - futuro



Fonte: Capovilla e Rafael (2001, p. s/p)

Em português, esse léxico (próprio de interrogativas) é homônimo do léxico usado para relativizar (por exemplo, ‘a forma como eu leio...’; ‘a razão por que eu me omiti...’ etc.), assim como ocorre em inglês e em muitas outras línguas. Então, parece mais natural que a LSB possa ser analisada como distinguindo relativas do tipo *wh* e as outras que compõem o corpus deste estudo.

Pfau (2016) identifica, em DGS, que as construções relativas restritivas apresentam núcleo nominal externo à relativa, que não pertence ao escopo da marcação não-manual e a relativa é introduzida por um pronome relativo. Já em LIS, o núcleo nominal é interno à relativa e esse núcleo exerce papel de sujeito tanto na matriz quanto na relativa. Além disso, nessa língua, a marcação não-manual encontra-se em posição final na relativa, referindo-se ao núcleo nominal.

Na nossa análise, como vimos nas seções 5.1 e 5.2 desta tese, os nossos dados das construções relativas restritivas em LSB mostraram que, nessa língua: (i) são articuladas por meio de um sinal contendo uma única unidade MLMov; (ii) as relativas apresentam núcleo nominal externo; (iii) não há a presença de um pronome relativo foneticamente realizado; (iv) existe uma marcação não-manual no escopo da construção relativa; e (v) há um elemento (Loc/LocNA/N) que, em posição argumental interna à relativa, ocupa a posição relativizada, estabelecendo uma relação de correferência com o termo antecedente. Portanto, não houve evidências morfossintáticas que nos indicasse uma análise dessas estruturas como relativas-*wh*, conforme a proposta de Prado (2014), de forma que nos parece mais natural analisar essas construções como relativas-*that*.

Com base nessa constatação, propomos a seguinte estrutura formal para as construções relativas restritivas em LSB:

$$(76) \quad [_{DP} [_{CP} [_{D} N/(Mod)N+Loc]_i [_{C} \emptyset [_{IP} [_{LocNA/Loc} t_i]]]]].$$

Nessa estrutura, percebemos que o DP externo é representado pelo $LocNA_{CANETA}$ que seleciona um CP como complemento (KAYNE, 1994). A construção relativa (CP relativo) é composta pelo verbo ‘ESCREVER’ e pelo seu argumento externo ‘CANETA’. Observe-se que esse elemento é alçado da sua posição de base, que localiza-se no interior da relativa, como argumento externo do verbo, para a posição SpecCP. Quando esse NP chega ao SpecCP ele encontra-se no domínio do determinante mais alto e entra em *Agree* com ele. Nesse caso, um D menos definido (nome comum) seleciona uma construção relativa restritiva (SMITH, 1964). O NP em SpecCP é representado na oração relativa pelo LOC_{CANETA} , que é correferente com o NP movido. Essa cópia funciona como um lembrete ou resumptivo na construção relativa em LSB (nos termos do que previu Tarallo (1983), para relativas do PB). Assim, se temos um NP na posição de antecedente e um DP correferente na posição relativizada, isso demonstra claramente a cadeia sintática que define os constituintes nas construções relativas em LSB. Não encontramos representada na estrutura da relativa a expressão não-manual ‘elevação de sobrelhas’ (ES) nesse e em todos os exemplos de construções relativas, porque, conforme argumentamos na seção 5.2 desta tese, esse elemento parece ser algo mais abstrato, relacionado ao que há de comum em outras construções em que esse tipo de marca aparece (tais como interrogativas, por exemplo), e carecem de investigações mais ampliadas.⁹⁸

Os exemplos em (64) e (65), repetidos aqui em (78) e (79), respectivamente, apresentam uma estrutura bastante interessante.

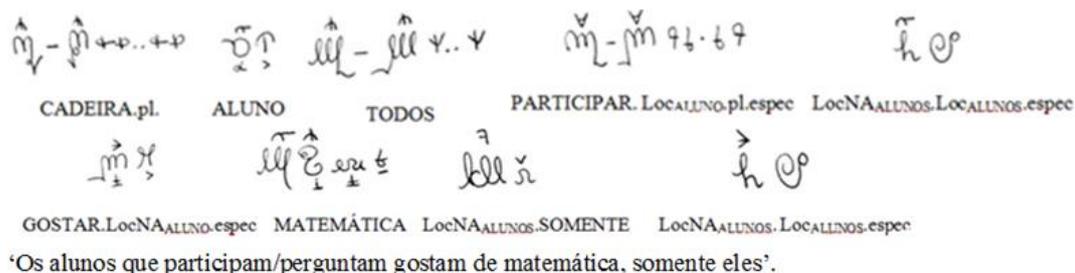
(78) [_____rel]

SALA ALUNO TODOS PARTICIPAR LocALLINDO dl espec GOSTAR LocNALINDO espec MATEMATICA

‘Todos os alunos da sala que perguntam/participam [da aula] gostam de matemática’.

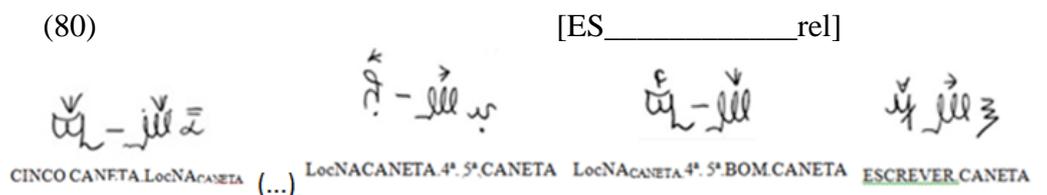
(79) [_____rel]

⁹⁸ Talvez o traço ‘elevação de sobrelhas’ (ES) possa ser considerado um marcador gramatical de relativas/interrogativas na interface com a prosódia. Contudo, conforme explicitamos, faz-se necessários estudos mais ampliados para que possamos compreender melhor essas estruturas.



Nessas estruturas, temos os antecedentes compostos por ‘SALA ALUNO’ e ‘CADEIRA ALUNO’ coocorrendo com um modificador quantitativo ‘TODOS’. Nesse caso, conforme discutimos na seção anterior, pode ter ocorrido um movimento adicional do N, após o alçamento da sua posição de argumento do verbo interno à relativa para a posição SpecCP, conferindo a ordem N-D, por outros fatores, uma vez que a LSB é uma língua em que a posição de tópico é muito ativa. Nesse caso, a derivação é a mesma de (77), só que com um movimento a mais, para um CP externo ao DP formado por D° CP

Vejamos agora a configuração (63) a seguir:



‘Cinco canetas... a quarta e a quinta canetas que são boas escrevem’.

Nessa construção, trata-se de um DP topicalizado, expresso por *LocCANETA*, exatamente como no caso de ‘SALA ALUNO’. Também, assim, como ocorre em todas as construções relativas restritivas analisadas, a expressão não-manual ES ocorre no início da articulação da relativa e se estende ao longo dela.

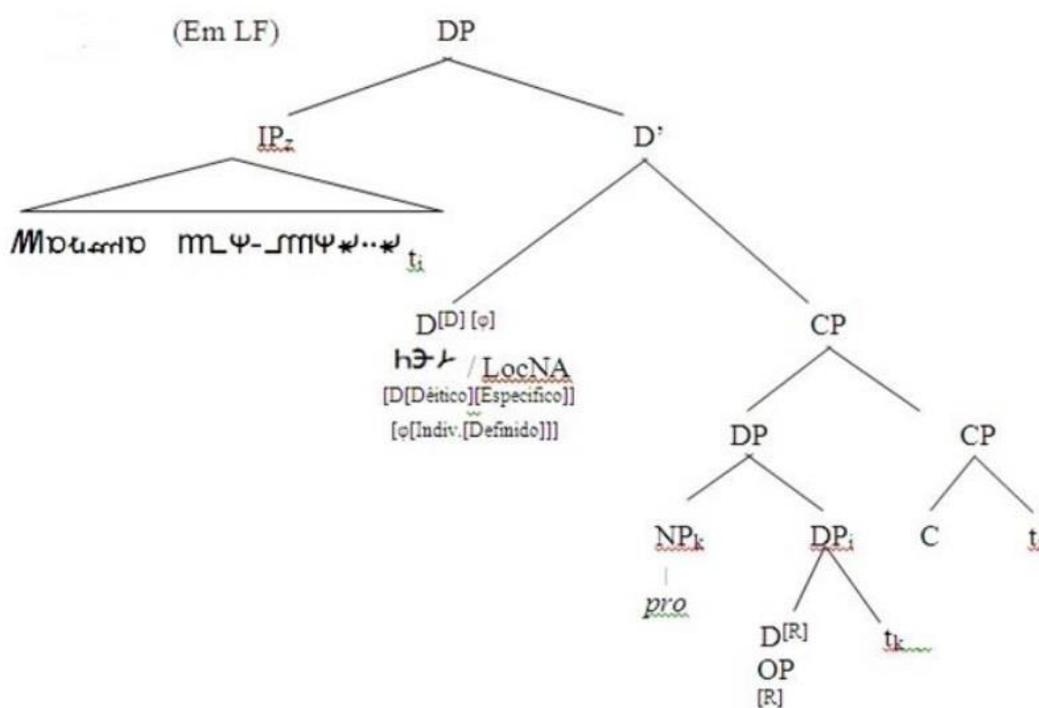
5.3.3 Por uma proposta de estrutura formal para as construções relativas apositivas em LSB

Prado (2014) afirma que o Loc pode ocorrer na posição de termo antecedente, em construções relativas da LSB. Nesse sentido, retomamos a Figura 40, replicada na Figura 47:

(81)

ከጅታ /LocNA, ማሪያ ጠረፍ-ጠረፍታ...ታ, (ከላገ) ገጅ ገገሃ ከላቆ ጸ
 Loc_{homem} MARIA CONVIDAR (É) EDUCADO NÃO
 ‘Ele/este, que Maria convidou, não é educado.’

Figura 41: Estrutura da sentença relativa apositiva em LSB, segundo Prado (2014).



Fonte: Prado (2014, p. 108).

A autora explica que o termo antecedente dessas construções relativas nessa língua é composto apenas por Loc + pro, uma vez que esse elemento, nessa análise, seleciona os traços formais necessários para licenciar uma elipse nominal, pelo fato de checar o traço [D], em termos da geometria de traços.

Por sua vez, Pfau (2016) diz que, em DGS, essas construções são de núcleo nominal externo e esse núcleo não pertence ao escopo da marcação não-manual, a qual se estende ao longo da construção relativa. É importante notar que o autor identifica que, nessa língua, a marcação não-manual das construções relativas apositivas se diferencia da relativa restritiva. Nas apositivas, o autor identifica a combinação de ‘lábios franzidos + repetido aceno de cabeça’. Além disso, segundo Pfau (2016), essas construções não são introduzidas por um pronome relativo (tal como ocorre com as

restritivas). Para as relativas apositivas em LIS, Pfau (2016) defende tratar-se de construções com núcleo nominal interno, que exerce o papel de objeto tanto na matriz quanto na relativa.

Na nossa análise, com base nas evidências morfossintáticas identificadas em nosso *corpus*, propomos a seguinte estrutura formal para as construções relativas apositivas em LSB:

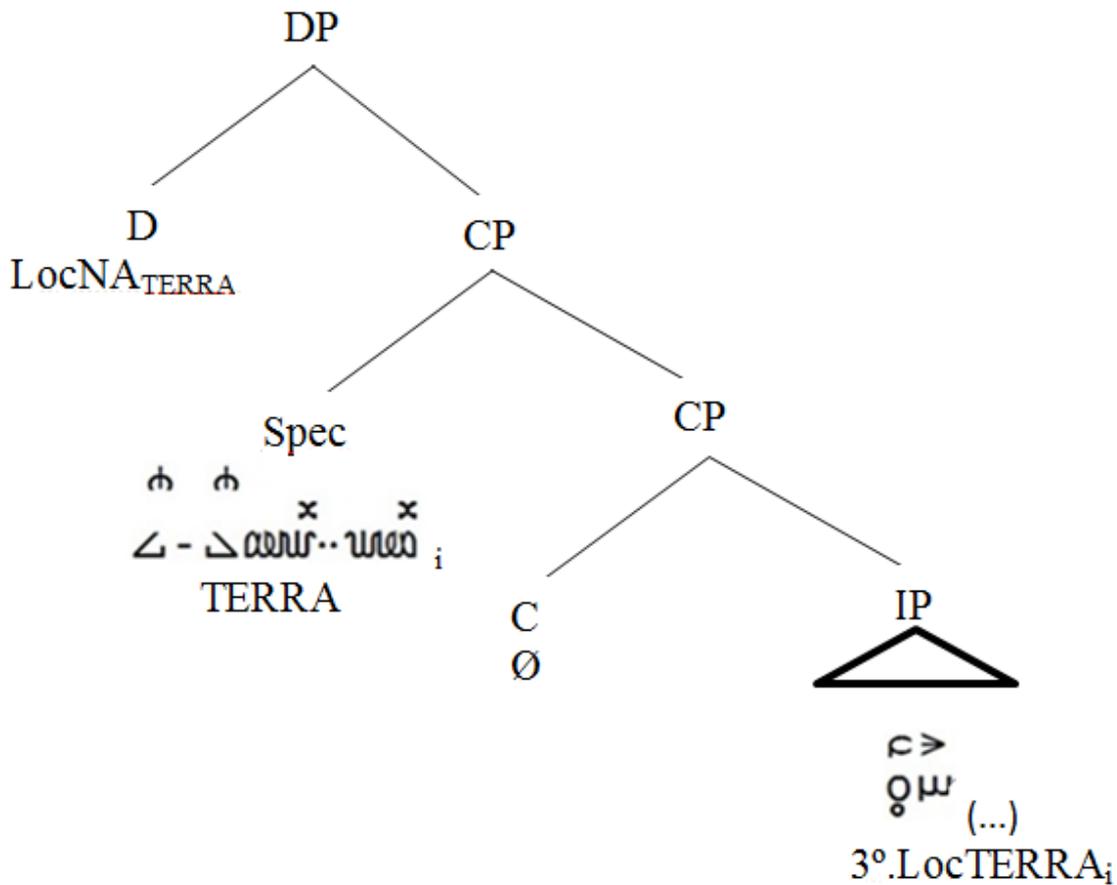
$$(82) \quad [DP [CP [D N]_i [C \emptyset [IP [Loc/LocNA/LocNA+N/LocNA+Loc]t_i]]]]].$$

Nessa derivação, podemos identificar características específicas das construções relativas apositivas em LSB: (i) o antecedente é composto por N; (iii) a posição do pronome relativo (C^0) não é ocupada; (iv) há a presença de um pronome resumptivo, que pode ser composto por Loc / LocNA / LocNA + N / LocNA + Loc.

Assim, retomamos o exemplo em (66) para propormos a seguinte derivação:

$$(83) \quad \begin{array}{ccc} & & [\text{_____} \text{rel}] \\ \phi & \phi & \\ \triangle - \triangle \omega \omega \omega \cdot \omega \omega \omega & & C \triangleright \\ & & \text{O} \mu \text{O} \\ \text{TERRA LocNA}_{\text{TERRA}} & 3^\circ \cdot \text{Loc}_{\text{Terra}} \cdot \text{GIRAR} \cdot \text{SOL} & \\ \text{A Terra, que é o terceiro planeta do sistema solar, gira em torno do sol.} & & \end{array}$$

Figura 42: Proposta para a estrutura formal das construções relativas apositivas em LSB.



Nessa derivação, o D externo ‘LocNA_{TERRA}’ seleciona um CP relativo como complemento. O elemento que ocupa a posição de SpecCP ‘TERRA’ ($\phi \ \phi \ \Delta - \Delta \mu \mu \dots \mu \mu \ i$) entra em relação de *Agree* com D externo, por se encontrar em posição de dominância. Esse NP foi gerado em posição argumental interna à construção

relativa, composta por $\phi \ \phi \ \Delta - \Delta \mu \mu \dots \mu \mu \ i$ (Loc_{SOL}.Loc_{TERRA}.3°) e é representado pela mão principal configurada em μ , isto é, o numeral 3, em LSB, que representa nesse exemplo o

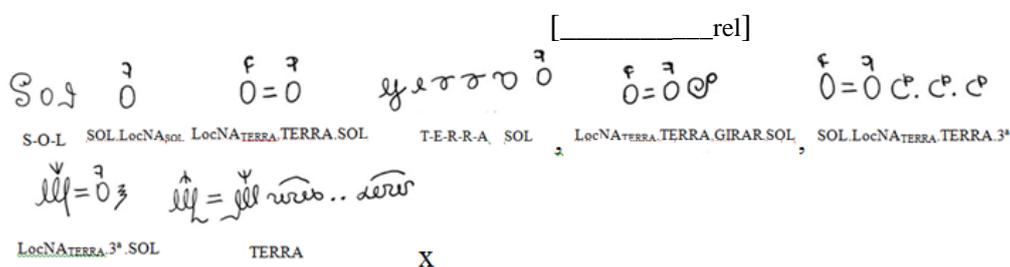
terceiro planeta, a Terra. Assim, o sinal completo $\phi \ \phi \ \Delta - \Delta \mu \mu \dots \mu \mu \ i$, articulado por meio de uma única unidade MLMov, representa toda uma sentença, incluindo a construção relativa e o predicado da oração principal (Sol + terceiro Planeta + gira em torno), sendo o sujeito

dessa construção a Terra (μ). Como sujeito da cópula ‘A Terra é o terceiro planeta’, (

$\phi - \Delta \omega \omega \dots \omega \omega$) é para a posição de SpecCP, tornando-se o termo antecedente dessa construção. Ao ser alçado, esse NP deixa uma cópia foneticamente realizada em sua posição de origem, o ‘Loc_{TERRA}’, que funciona como um resumptivo.⁹⁹ É interessante notar que a marcação não-manual que ocorre nas construções relativas apositivas são distintas das restritivas. Nas apositivas, há uma pausa no início da articulação da construção relativa e outra pausa no final dessa articulação, variando entre 1 a 2 minutos, conforme descrito na seção anterior. Isso corrobora com as estruturas correlatas em português e com a compreensão de que essas estruturas são quase independentes da sentença inteira, tal como propôs Pfau (2016) para a DGS e a LIS. Também, segundo Kayne (1994), restritivas e apositivas são derivadas da mesma forma, contudo, nas apositivas há o alçamento de todo o IP para o especificador do D externo, em LF, tirando a apositiva do escopo do determinante.

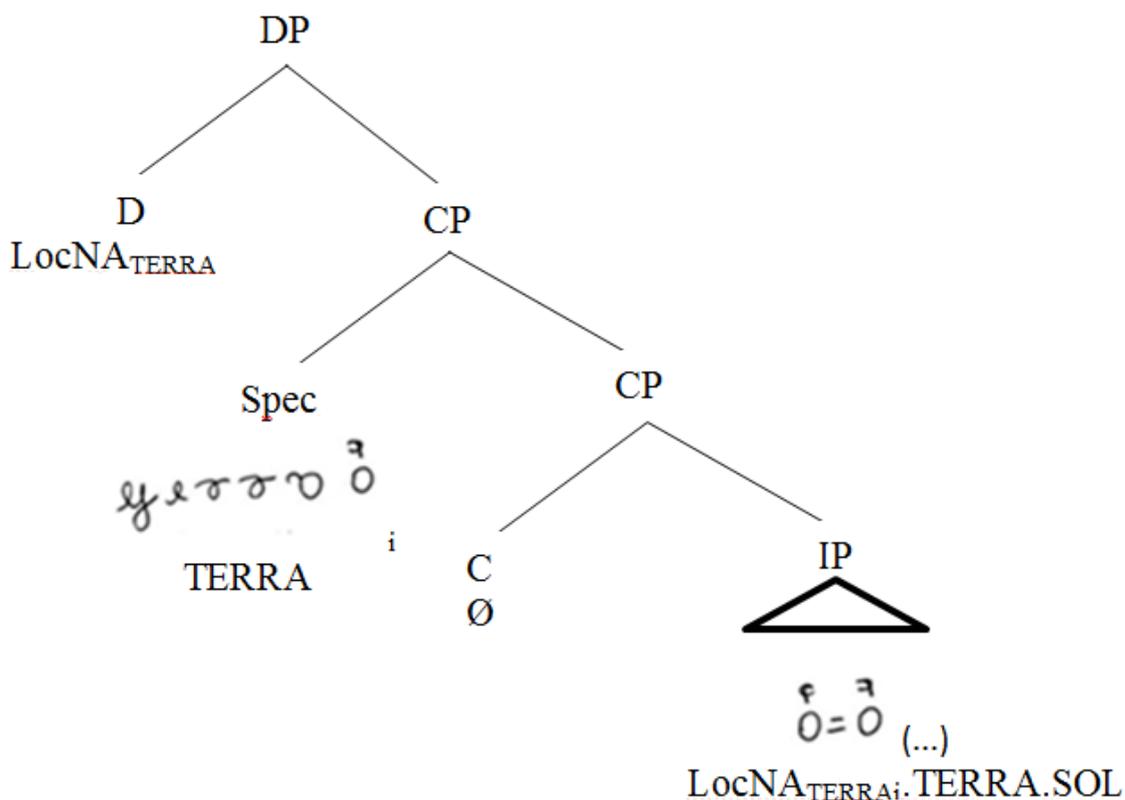
A seguir, apresentamos a derivação (81) relativa ao exemplo em (67):

(81)



‘A Terra, que gira ao redor do sol, ela é o terceiro planeta do sistema solar, a Terra.’

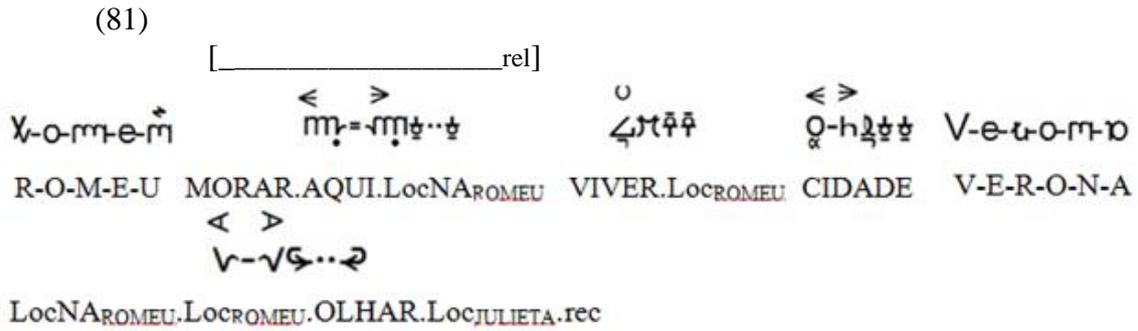
⁹⁹ Sugerimos, seguindo Kayne (1994), que a relativa apositiva se construa exatamente como a relativa restritiva, tendo sua distinção marcada apenas em LF, quando o CP relativo não se encontra no escopo do determinante; isso certamente tem relação com a interpretação atribuída às apositivas, o que de certo modo decorre do tipo de categoria que as seleciona, como já vimos na argumentação de Smith (1964).



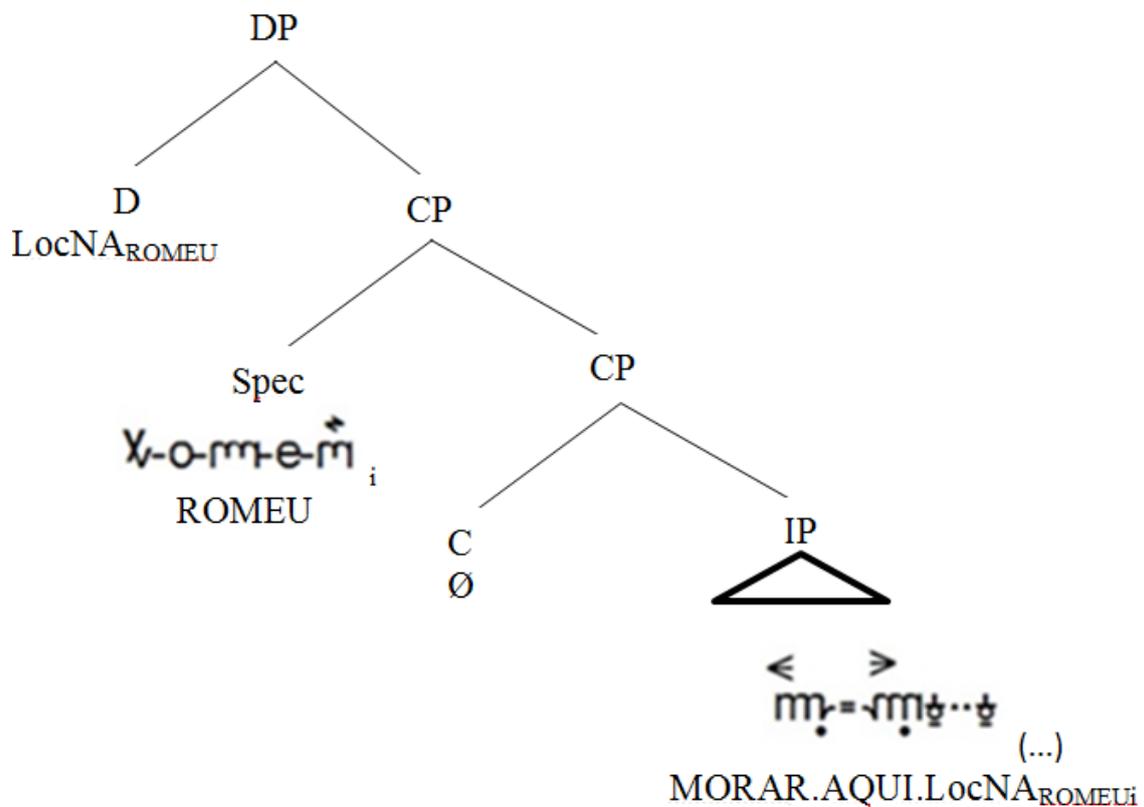
Nessa derivação, o D externo ‘LocNA_{TERRA}’ entra em relação de *Agree* com o elemento que ocupa a posição de Spec do CP complemento, o NP ‘TERRA’. Esse NP foi alçado da sua posição de origem, argumento externo do verbo interno à relativa, e, assim, entra no domínio do DP externo. Por esse antecedente apresentar uma leitura altamente específica, característica dos nomes próprios, é selecionada uma construção relativa apositiva como complemento. Essa construção pode, inclusive, ser atestada pela marcação não-manual de uma pausa no início e outra no final da articulação dessa construção, análoga às línguas orais, deixando-a quase independente da sentença inteira. Ao ser movido da sua posição argumental no interior da relativa, esse NP deixa um elemento cópia ‘TERRA’, tal como um resumptivo, estabelecendo uma relação correferencial com ele.

A derivação relativa ao exemplo em (68) é análoga à (86), por esse motivo, não a repetimos aqui.

A seguir, a derivação em (81) representa a construção relativa apositiva do exemplo em (69):



‘Romeu, que mora aqui, vive na cidade de Verona, trocou olhares com Julieta’.



Nessa construção, o D externo ‘LocNA_{ROMEUI}’ seleciona um CP como complemento e entra em relação de *Agree* com o NP em posição de SpecCP ‘ROMEUI’, uma vez que esse elemento se encontra em sua dominância. Esse NP, por sua vez, foi alçado da sua posição de origem, na qual exercia a função de sujeito do verbo interno à relativa ‘MORAR’. Após realizar esse movimento, o NP deixa em sua posição um LocNA_{ROMEUI}, como um resumptivo, estabelecendo com ele uma relação de correferência. Nessa construção, introduzida e finalizada por meio da marcação de uma pausa na sua articulação, não encontramos a presença de um pronome relativo.

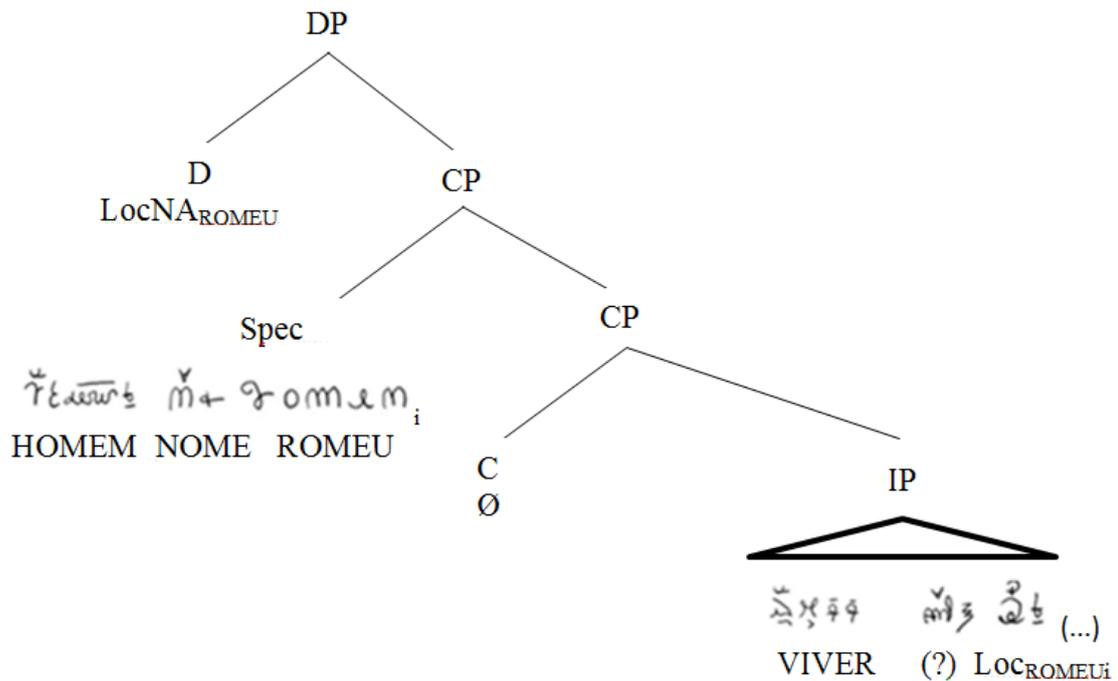
Por fim, a derivação em (82) representa a construção relativa positiva do exemplo em (70):

(82) [_____ rel]

$\dot{\tau}\acute{\epsilon}\alpha\alpha\omega\tau\acute{\epsilon}$ $\dot{m} + \sigma\omicron m\epsilon m$ $\dot{\alpha}\dot{\chi}\dot{\phi}\dot{\phi}$ $\dot{m}\dot{\iota}\dot{\zeta}$ $\dot{\omega}\dot{\iota}$ $\dot{m} = \dot{m}$ $\dot{\alpha} - \dot{\omega}\dot{\epsilon}\tau\tau$ $\nu\epsilon\tau\omicron\bar{m}\tau\omicron$
 HOMEM NOME R-O-M-E-U LocNA_{ROMEU}-VIVER (?) Loc_{ROMEU} CASA CIDADE V-E-R-O-N-A

$\dot{h}\dot{\iota}$ $\dot{\nu} = \dot{\nu} \dot{\chi} \dot{\phi} \dot{\phi}$ $\dot{\nu} = \dot{\nu} \dot{\chi} \dot{\phi} \dot{\phi}$
 Loc_{ROMEU} ROMEU.ENCONTRAR.JULIETA.LocNA_{JULIETA} ROMEU.AMAR.JULIETA.LocNA_{JULIETA} ROMEU.ENCONTRAR.JULIETA ROMEU.GUARDAR.JULIETA

‘Um homem chamado Romeu, que mora/vive na cidade de Verona, ele encontrou Julieta e se apaixonou por ela’.



Nessa construção, o D externo ‘LocNA_{ROMEU}’ seleciona como complemento um CP relativo. Nessa construção CP, o DP ‘HOMEM NOME ROMEU’ é alçado da sua posição de origem, na qual exercia a função de sujeito do verbo interno à relativa, para a posição SpecCP. Nessa posição, ele encontra-se no domínio do D externo e entra em relação de *Agree* com ele. Ao ser alçado, esse DP deixa uma cópia foneticamente realizada em sua posição de origem, o ‘Loc_{ROMEU}, estabelecendo uma relação de correferência com ele.

Como vimos, existe em LSB uma relação direta e essencial entre o D° e a seleção do tipo de relativa que lhe servirá de complemento, tal como postulado Smith (

1964) para as línguas orais. Assim, (i) se o D° é menos definido, selecionará uma construção relativa restritiva como complemento; (ii) se o D° é mais definido, selecionará uma construção relativa apositiva com complemento. Além disso, tanto as construções relativas restritivas quanto as apositivas apresentam uma estrutura de relativas-*that*, com o núcleo C° nulo, tal como postulado por Kayne (1994) para a língua inglesa. Esse núcleo C° nulo também foi atestado para as construções relativas apositivas, em DGS, para as construções relativas restritivas e apositivas em LIS por Pfau (2016), e para a LSB por Prado (2014). Também, as marcações não-manuais nas construções relativas restritivas e apositivas em LSB se diferenciam, assim como ocorre com essas construções em DGS, conforme Pfau (2016). Por fim, em LSB existe um elemento foneticamente realizado na posição relativizada, atuando como um resumptivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta tese, construímos, utilizando o arcabouço teórico gerativista, a nossa proposta de análise para a correferencialidade nas construções relativas restritivas e apositivas na Língua de Sinais Brasileira (LSB). As sentenças relativas são compreendidas como estruturas subordinadas que, geralmente iniciadas por um pronome relativo, modificam um antecedente nominal, ou mesmo outra sentença (DUARTE e BRITO, 2003; PERES e MÓIA, 1995). Nesse sentido, a sentença relativa possui uma estrutura na qual uma lacuna estabelece uma relação de correferência com um DP localizado externamente, na oração matriz. Essa relação correferencial permite que a relativa modifique o DP da oração matriz, tal como um adjetivo, agindo diretamente na interpretação semântica do DP que a encabeça (o antecedente).

Em se tratando das relações de referência e correferência, partimos do estudo de Prado (2014) e Prado e Lessa-de-Oliveira (2016), sobre a categoria dos determinantes nessa língua. Segundo essa análise, os elementos localizadores articulados (Locs) e os não-articulados (LocNAs), do tipo ‘direção do olhar’ e ‘pontos inicial e final de verbos direcionais’, são componentes do núcleo D/DP. Nesse sentido, conforme as autoras, as diferentes ordens de Locs e NPs encontradas, são resultado da necessidade de checagem do traço dêitico [D], que codifica as informações nominais, uma vez que ele tem um nominal como argumento. Essa proposta é importante para a compreensão da natureza do DP externo e do termo antecedente da construção relativa, bem como do elemento que ocupa a posição relativizada.

Para a análise formal dessas construções relativas, partimos dos seguintes postulados teóricos: (i) existe uma relação necessária entre o DP antecedente e o tipo de oração relativa – restritiva ou apositiva (SMITH, 1964); (ii) as relativas são estruturas de CPs que complementam um DP da oração matriz, produzindo a estrutura D^0 CP (KAYNE, 1994); (iii) nas relativas-*that*, o pronome relativo nasce já na posição nuclear C^0 e pode ser nulo (KAYNE, 1994); (iv) na DGS, as relativas são estruturas com núcleo nominal externo, que não pertence ao escopo da marcação não-manual que introduz a relativa, enquanto na LIS são estruturas com núcleo nominal interno, o qual, nas restritivas, exerce papel de sujeito na matriz e na relativa, e, nas apositivas, exerce papel de objeto na matriz e na relativa; e (v) na LSB, as relativas não apresentam um elemento que funcione como morfema relativo (PRADO, 2014; PRADO, NAVES e

LIMA-SALLES, 2018), assim como as relativas apositivas em DGS e as restritivas e apositivas em LIS (PFAU, 2016).

Conforme vimos, as construções relativas restritivas apresentam as seguintes características: (i) são constituídas por meio da articulação de um sinal contendo uma única unidade MLMov; (ii) são selecionadas por antecedentes com traço de indefinidade; (iii) o antecedente pode ter as construções ‘N’ ou ‘(Mod) N + Loc’; (iv) não apresentam morfema relativo; (v) apresentam um ‘Loc’ ou ‘LocNA’ interno à estrutura argumental do verbo da relativa e coindexado com o termo antecedente, funcionando como um pronome lembrete/resumptivo; (vi) apresentam o traço suprasegmental ‘elevação de sobrancelhas’ (ES), que se espraia ao longo do escopo da relativa. Por sua vez, as construções relativas apositivas apresentam as seguintes características: (i) podem ser constituídas por meio da articulação de um sinal contendo uma única unidade MLMov ou pela articulação de mais de um sinal; (ii) são selecionadas por antecedentes com traço de definitude; (iii) o antecedente é representado por N; (iv) não apresentam morfema relativo; (v) apresentam um ‘Loc’, um ‘LocNA’, ‘LocNA + Loc’ ou ‘LocNA + N’ interno à estrutura argumental do verbo da relativa coindexado com o termo antecedente, funcionando como um pronome lembrete/resumptivo; e (vi) apresentam uma pausa marcada no início e no final da relativa.

Portanto, consideramos que trata-se da mesma estrutura sintática, mas com propriedades distintas, no que se refere ao traço suprasegmental que marca a distinção entre restritivas e apositivas e que, possivelmente, tem relação com a propriedade das primeiras de restringir o referente, o que pode ser interpretado como uma espécie de foco, o que explica o fato de o traço ES ser o mesmo utilizado em outras construções em que a noção de foco pode estar envolvida – hipótese a se confirmar em trabalhos futuros. Outras propriedades que distinguem esses dois tipos de construções são: a constituição da construção relativa, que pode ser realizada por meio da articulação de um sinal contendo uma única unidade MLMov nas restritivas, ou pela articulação de um sinal contendo uma única unidade MLMov ou mais sinais nas apositivas; a constituição do termo antecedente, que pode ser composto por N ou (Mod)N + Loc nas construções relativas, e por N nas construções relativas apositivas; e os elementos que compõem a posição relativizada, que pode ser um LocNA ou Loc para as restritivas, e LocNA, Loc, LocNA + N ou LocNA + Loc para as apositivas.

Assim, partindo desse arcabouço teórico, retomamos as questões de pesquisa, descritas no capítulo 1 desta tese, conforme segue:

(i) Dada a existência da GU, que conduz ao pressuposto teórico de que tanto LO quanto LS são capazes de estabelecer correferência entre constituintes, qual é a estrutura das construções relativas em LSB?

Conforme a nossa análise, trata-se da mesma estrutura sintática, que identificamos ser a estrutura de relativas-*that* (KAYNE, 1994). Em LSB, além dessa posição ser nula, não encontramos evidências morfossintáticas para descrever essas construções como correlatas às relativas-*wh*, uma vez que há um movimento de um DP argumental interno à relativa para a posição de SpecCP. Quando esse elemento realiza esse movimento, dois fenômenos acontecem: (i) ao sair de sua posição de origem, ele deixa em seu lugar uma cópia foneticamente realizada, como um resumptivo, estabelecendo uma relação referencial de longa distância com ele; e (ii) ao chegar em SpecCP, esse elemento encontra-se sob o domínio do D externo, e, assim, estabelece uma relação de *Agree* entre ambos. É essa a cadeia sintática de identifica as construções relativas em LSB como análogas às relativas-*that*.

(ii) Há evidências da existência morfossintática, em LSB, de uma classe gramatical com função de estabelecer correferência entre D/DPs, equivalente à dos pronomes relativos que encabeçam as sentenças relativas nas LO?

Em LSB, não encontramos um elemento que ocupe a posição de pronome relativo, o que corrobora a análise como relativas-*that*, pois, segundo Kayne (1994), em estruturas relativas em inglês nas quais essa posição também pode ser nula.

(iii) É possível identificar, em LSB, diferenças estruturais entre relativas restritivas e apositivas?

Os dois tipos de relativas se distinguem quanto ao traço suprasegmental de Elevação de Sobrancelhas (ES), encontrado nas orações restritivas, que, possivelmente, tem relação com a propriedade das primeiras de restringir o referente, o que pode ser interpretado como uma espécie de foco e explica o fato de o traço ES ser o mesmo utilizado em outras construções em que a noção de foco pode estar envolvida – hipótese a se confirmar em trabalhos futuros, e, por esse motivo, não pode ser interpretado como pronome relativo. Já as apositivas se caracterizam por pausa no início e no final, o que condiz com a observação de Smith (1964) de que essas orações são quase independentes a matriz. Além disso, conforme mencionamos, a constituição da construção relativa, que pode ser realizada por meio da articulação de um sinal contendo

uma única unidade MLMov nas restritivas, ou pela articulação de um sinal contendo uma única unidade MLMov ou mais sinais nas apositivas; a constituição do termo antecedente, que pode ser composto por N ou (Mod)N + Loc nas construções relativas, e por N nas construções relativas apositivas; e os elementos que compõem a posição relativizada, que pode ser um LocNA ou Loc para as restritivas, e LocNA, Loc, LocNA + N ou LocNA + Loc para as apositivas.

Assim, este estudo contribui para a ampliação do conhecimento acadêmico sobre aspectos gramaticais da LSB, relacionando essas estruturas com as encontradas nas línguas orais e em outras LS. Isso reforça a hipótese forte de que existe uma gramática universal (GU) interna e biologicamente determinada. Dessa forma, é de se esperar que as línguas naturais, independente da modalidade articulatória (se oroauditiva ou gestovisual) apresentem uma estrutura sintática e semântica uniformes, sendo as diferenças apenas superficiais (CHOMSKY, 1957).

Contudo, ao fim deste estudo, muitas questões ainda ficam em aberto para futuras investigações, entre as quais o papel dos traços suprasegmentais ‘elevação de sobrelhas’ e marcas de pausas no início e no final das relativas e a questão que diz respeito a um segundo alçamento do DP, após ser alçado da sua posição de origem (argumento do verbo interno à relativa) para a posição SpecCP e, daí, para uma posição mais alta, configurando, talvez, uma construção de tópico.

REFERÊNCIAS

- ABNEY, S. P. **The English noun phrase in sentential aspects**. MIT. Massachusetts. 1987.
- ALMEIDA, M. A. P. T. **Aquisição da estrutura frasal na Língua Brasileira de Sinais**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista. 2013.
- ALMEIDA, N. M. D. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 37^a. ed. São Paulo: Saraiva, 1992.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELLUGI, U.; KLIMA, E. The acquisition of three morphological systems in American Sign Language. **Papers and Reports on child Language Development**, v. 21, 1982.
- BRITO, A. Os possessivos em Português numa perspectiva de Sintaxe Comparada. **Revista da Faculdade de Letras – ‘Línguas e Literaturas**, p. 495-522, 2003.
- CAPOVILLA, F.; RAFAEL, W. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, v. 1 e 2, 2001.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48^a. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2008.
- CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.
- CHOMSKY, N. On Wh Movement. In: CULICOVER, P. W.; WASOW, T. A. A.; (EDS.) **Formal Syntax**. New York: Academic Press, 1977. p. 71-132.
- CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N. **Minimalist enquiries: The framework**. Manuscript, Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1998.
- CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (. **Ken Hale: a life in Language**. Cambridge: MIT Press, 2001. p. 1-52.
- CHOMSKY, N. Beyond Explanatory Adequacy. In: BELLETTI, A. (. **The Cartography of Syntactic Structures**. Oxford: Oxford University Press, v. 3, 2004. p. 104-131.
- CHOMSKY, N. **Linguagem e Responsabilidade**. Tradução de Mario Leite FERNANDES. São Paulo: JNS Editora, 2007.
- COOPER, R. **Quantification and Syntactic Theory**. Dordrecht/Boston/London: D. Reidel Publishing Company, 1983.

- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- DE VRIES, M. The syntax of appositive relativization: On specifying coordination, false free. **Linguistic Inquiry**, p. 37:229–270, 2006.
- DUARTE, I.; BRITO, A. M. Orações Relativas e Construções Aparentadas. In: AL., M. E. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003. p. 655-694.
- FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **LIBRAS em Contexto** - Livro do Professor/instrutor - Curso Básico - Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. [S.l.]: MEC - SEE, 2001.
- FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, [1995]2010.
- FLORUPI, S. A. **Estudo da variação do determinante em sintagmas nominais possessivos na história do português**. UNICAMP. São Paulo: Campinas. 2008.
- FUKUI, N.; SPEAS, M. Specifiers and Projection. **MIT working Papers**, p. 8:128-172, 1986.
- GIUSTI. The birth of a functional category: from Latin ILLE to the Romance article and personal pronoun. In: CINQUE, G.; SALVI, G. **Current Studies in Italian Syntax: Essay Offered to Lorenzo Renzi**. Amsterdam: North Holland, 2001. p. 157-171.
- GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. D. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2009.
- KATO, M.; NUNES, J. **Two Sources for Relative Clause Formation in Brazilian Portuguese**. Paper presented at the Eighth Colloquium on Generative Grammar. [S.l.]: Universidade de Lisboa. 1998.
- KATO, M.; NUNES, J. **A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese**. Trabalho apresentado no Workshop so Projeto Temático: A Sintaxe so Português Brasileiro, 2007.
- KAYNE, R. S. **The Antisymmetry of Syntax**. Cambridge. 1994.
- KENEDY, E. **Aspectos estruturais da relativização em português – uma análise baseada no modelo raising**. Universidade Federal de Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 145. 2002. Tese (Doutorado).

- KENEDY, E. Estruturas Sintáticas de Orações Relativas. In: BISPO, E. B.; DE OLIVEIRA, M. R. (). **Orações relativas no português brasileiro: diferentes perspectivas**. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 10, p. 150-184, 2012a.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 10, p. 150-184, 2012a.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Escrita SEL: Sistema de Escrita para Línguas de Sinais. **sel-libras.blogspot.com**, 2012b. Disponível em: <<http://sel-libras.blogspot.com/>>. Acesso em: 04 set. 2019.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Componentes articulatórios da Libras e a escrita SEL. **Estudos da Língua(gem)**, v. 17, n. 2, p. 103-122, junho 2019. ISSN 1982-0534. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/5338>. Acesso em: 12 set. 2019.
- LIGHTFOOT, D. **How to set parameters: arguments from language change**. [S.l.]: First MIT Press Paperback Edition, 1991.
- LIMA-SALLES, H. M. M.; NAVES, R. R. Estudos gerativos: fundamentos teóricos e de aquisição de L1 e L2. In: LIMA-SALLES, H. M. M.; NAVES, R. R. **Estudos Gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2010. p. 19-32.
- LOBECK, A. Ellipsis: Functional heads, licensing, and identification. **Language**, v. vol. 72, p. 634-637, 1995.
- LONGOBARDI, G. Reference and Proper Names : A Theory of N-Movement in Syntax and Logical Form. **Linguistic Inquiry**, p. 609-665, 1994.
- LYONS, C. **Definiteness**. New York: Cambridge University Press, 1999.
- MARCHESAN, A. C. **As Relativas Livres em Português Brasileiro e os Requerimentos de Compatibilidade**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2008.
- MARCHESAN, A. C. **As Relativas Livres no Português Brasileiro**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2012.
- MARINHO, M. L. **Língua de Sinais Brasileira: proposta de análise articulatória com base no banco de dados LSB-DF**. Universidade de Brasília (UnB). Brasília/DF, p. 231. 2014. Tese (Doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística

(PPGL), no Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP).

MEDEIROS JUNIOR, P. **Sobre sintagmas-Qu e Relativas Livres no Português**. UnB. Brasília – DF. 2005.

MEDEIROS-JUNIOR, P. **Orações Relativas Livres do PB: sintaxe, semântica e diacronia**. Tese (Doutorado em Linguística) - UNICAMP. Campinas. 2014.

MIOTO, C. As Interrogativas no Português Brasileiro e o Critério WH. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. V. 29, nº 2, p. 19-33, 1994.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

MOREIRA, R. **Uma descrição da dêixis de pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes e verbos indicadores**. Dissertação (Dissertação de Mestrado) - USP. São Paulo. 2007.

MOURA, M. C. **O Surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: RevinteR, 2000.

PEREIRA, M. C. D. C. et al. **Libras: conhecimento além dos sinais**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PERES, J. A.; MÓIA, T. **Áreas críticas da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1995.

PETERSON, D. J. **SLIPA: An IPA for Signed Languages**, 2003. Disponível em: <<http://dedalvs.com/slipa.html>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

PFAU, R. Syntax: complex sentences. In: BAKER, A., et al. **The Linguistics of Sign Languages: an introduction**. [S.l.]: John Benjamins Publishing Company, 2016. Cap. 7, p. 160-172.

PIZZUTO, E. et al. Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas nas Línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS; BARBOSA, M. L. (.). **Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais**. Florianópolis: Arara Azul, 2006.

PIZZUTO, E. et al. Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas nas Línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS; BARBOSA, M. L. (.). **Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais**. Florianópolis: Arara Azul, 2006.

PRADO, L. C. D. **Sintaxe dos Determinantes na Língua Brasileira de Sinais: e Aspectos de sua Aquisição**. Dissertação (Mestre em Linguística) - UESB. Vitória da Conquista - BA. 2014.

- PRADO, L. C. D.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. C. A Categoria dos Determinantes na Língua de Sinais Brasileira. In: PILATI, E. N. S. **Temas em Teoria Gerativa: homenagem a Lúcia Lobato**. Curitiba: Blanche, 2016. p. 157-168.
- PRADO, L. C. D.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. LIBRAS: estudo de elementos dêiticos. **Anais do VII Seminário de Pesquisa em Estudos Linguísticos**, Vitória da Conquista, v. 1, p. 147-153, 2012a.
- PRADO, L. C. D.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Dêixis em elementos constitutivos da modalidade falada de línguas de sinais. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 10, p. 38-57, 2012b.
- PRADO, L. C. D.; NAVES, R. R.; LIMA-SALLES, H. M. M. Correferência e relativização na Língua de Sinais Brasileira: descrição e verificação de hipóteses. **Domínios de Linguagem**, v. 12, p. 147-178, 2018.
- QUADROS, R. M. D. **Phrases structure of brasilian sign language**. Tese (Tese em Linguística) - PUCRS. Porto Alegre. 1999.
- QUADROS, R. M. D. Estudos de línguas de sinais – uma entrevista com Ronice Müller de Quadros. **ReVEL**, v. vol. 10, n. 19, 2012.
- QUADROS, R. M. D.; CRUZ, C. R. **Língua de sinais: instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- QUADROS, R. M. D.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- QUADROS, R. M. D.; PIZZIO, A. L. Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora. In: LIMA-SALLES, H. M. M. **Bilingüismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais**. Goiânia: Câne Editorial, 2007. p. 49-72.
- QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. F. **Língua Brasileira de Sinais IV**. Florianópolis: UFSC, 2009.
- REICHENBACH, H. **Elements of Symbolic Logic**. N.Y.: Macmillan, 1994.
- ROBERTS, I.; ROUSSOU, A. **Syntactic Change: A Minimalist Approach to Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- ROCHA LIMA, C. H. D. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 47ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- ROSS, J. R. **Constraints on Variables in Syntax**. MIT. [S.l.]. 1967.
- SCHOORLEMMER, M. Possessors, Articles and Definiteness. In: ALEXIADOU, A.; WILDER, C. **Possessors, Predicates and Movement in The Determiner Phrase**. [S.l.]: John Benjamins Publishing Company, 1998. p. 56-86.

SKLIAR, C. (). **A Surdez: Um olhar sobre as diferenças.** 2ª. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2001.

SMITH, C. S. Determiners and relative clauses in a Generative Grammar. In: REIBEL, D. A.; SCHANE, S. A. **Modern Studies in English: readings in transformation grammar of.** New York: Englewood Cliffs, 1964. p. 247-263.

STOKOE, W. **Sign language structure. Silver Spring:** Linstok Press, [1960] 1978. Silver Spring: Linstok Press, [1960]1978.

STOKOE, W. **Sign and Culture:** a reader for students of american sign language. Maryland: Linstok Press, 1960.

STOKOE, W. **A dictionary of American Sign Language on linguistic principles.** Silver Spring: Linstok Press, 1976.

STOKOE, W. **A dictionary of american sign language on linguistic principles.** Silver Spring: Linstok Press, 1976.

STOKOE, W.; CASTERLINE, D.; CRONEBERG, C. **A dictionary of american sign.** Washington: Gallaudet, 1965.

STUMPF, M. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting:** Línguas de Sinais no papel e no computador. UFRS. Porto Alegre, p. 329. 2005. Tese (Doutorado) - Curso de Informática na Educação, Departamento de Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias da Educação (CINTED), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

TARALLO, F. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese.** University of Pennsylvania. Pennsylvania. 1983.

TORREGO, E. **Evidence for Determiner Phrases.** University of Massachusetts. Boston MA. 1988.

VERGNAUD, J. R. **French Relative Clauses.** Paris: Massachusetts Institute of Technology, 1974.

APÊNDICE 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **ANÁLISE DA (CO)REFERENCIALIDADE EM CONSTRUÇÕES RELATIVAS RESTRITIVAS E APOSITIVAS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**, desenvolvida por Lizandra Caires do Prado, discente de Doutorado do curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília- UnB, sob orientação da Profa. Dra. Rozana Reigota Naves e coorientação do Prof. Dr. Paulo Medeiros Júnior.

Sobre o objetivo central

O objetivo central do estudo é a análise da estrutura gramatical das sentenças relativas restritivas e apositivas na Língua de Sinais Brasileira (LSB), com base nos pressupostos linguísticos da teoria gerativa.

Por que o participante está sendo convidado (critério de inclusão)

O convite a sua participação se deve ao fato de ser pessoa surda, cujo principal meio de comunicação é a LSB, nos mais diversos âmbitos da vida.

Esclarecemos que a sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira, caso decida não consentir em sua participação, ou desistir dela. Contudo, a sua contribuição é muito importante para a execução desta pesquisa.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas.

Mecanismos para garantir a confidencialidade e a privacidade

Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Procedimentos detalhados que serão utilizados na pesquisa

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário à pesquisadora do projeto, e em produzir sentenças em LSB, as quais serão gravadas em vídeo e submetidas a processos de transcrição, com a sua autorização.

As imagens retiradas das gravações serão utilizadas e publicadas no texto da pesquisa e em publicações posteriores, também com a sua autorização, a qual pode ser retirada a qualquer momento.

Você autoriza a gravação da sua imagem e sua utilização em publicações científicas?

() SIM () Não

Tempo de duração da entrevista/procedimento/experimento

O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente uma hora, e do questionário aproximadamente trinta minutos.

Guarda dos dados e material coletados na pesquisa

As gravações serão transcritas e armazenadas em arquivos digitais, mas somente terão acesso a esses vídeos o aluno e seus professores orientadores.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por, pelo menos, 5 anos, conforme Resolução CNS nº 466/12.

Explicitar benefícios diretos (individuais ou coletivos) ou indiretos aos participantes da pesquisa

O benefício (direto ou indireto) relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de contribuir para a ampliação do conhecimento da estrutura gramatical da Língua de Sinais Brasileira, reiterando o seu status linguístico na comunidade em geral, além de contribuir para estudos associados: tais como a construção de uma metodologia de ensino de LSB para surdos e ouvintes, metodologia de ensino do português escrito para surdos e um sistema de escrita para LS.

Previsão de riscos ou desconfortos

Toda pesquisa possui riscos potenciais. Maiores ou menores, de acordo com o objeto de pesquisa, seus objetivos e a metodologia escolhida.

Neste caso, em específico, o participante pode correr o risco de se sentir constrangido durante a gravação dos dados da pesquisa ou pelo uso da sua imagem em publicações científicas. Contudo, conforme mencionado, o participante tem a total liberdade de retirar a sua autorização concedida a qualquer momento.

Sobre divulgação dos resultados da pesquisa

Os resultados da pesquisa serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, artigos científicos e na tese.

Observações:

1. Este termo é redigido em duas vias (não será fornecida cópia ao sujeito, mas sim outra via), sendo uma para o participante e outra para o pesquisador. Todas as páginas deverão ser rubricadas pelo participante da pesquisa e pelo pesquisador responsável, com ambas as assinaturas apostas na última página. O termo apresentado deve conter local destinado à inserção das referidas rubricas – pesquisador e participante.
2. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deve ter suas páginas numeradas (sendo que cada página deve indicar o n.º total de páginas do documento. Ex: 1 de 4; 2 de 4), possibilitando a integridade das informações contidas no documento.
3. Devem constar informações que possibilitem contatar o pesquisador responsável, como e-mail, telefone e endereço institucional. Inserir também contato do Comitê de Ética da UnB. Ainda, deve conter espaço para data, assinaturas do participante da pesquisa, do seu responsável legal, quando for o caso, e do Pesquisador responsável.
4. As assinaturas não podem figurar em página separada do texto.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UnB (PPGL/UnB). O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto, de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos

humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Contatos:

e-mail: eticaunb@unb.br

Telefone: +55 (61) 3107-2294

Endereço: sala A1 49/11-BAES-1º pavimento-Campus Darcy Ribeiro

APÊNDICE 2: QUESTIONÁRIO DAS PARTICIPANTES

Entrevista de seleção do(a) participante da pesquisa ANÁLISE DA (CO)REFERENCIALIDADE EM CONSTRUÇÕES RELATIVAS RESTRITIVAS E APOSITIVAS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA, realizada pela aluna do curso de Doutorado em Linguística, Lizandra Caires do Prado, sob a orientação da Profa. Dra. Rozana Reigota Navez e do Prof. Dr. Paulo Medeiros Júnior.

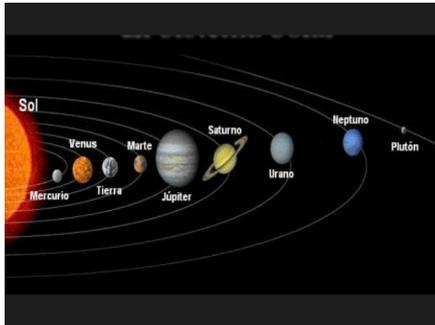
Responda às perguntas a seguir, com referência ao seu uso da Língua de Sinais Brasileira.

- 1) Qual o seu nome completo?
- 2) Qual a sua formação acadêmica?
- 3) Você trabalha, atualmente? Onde? Qual a sua função?
- 4) Você se considera uma pessoa surda?
- 5) Você já fez um exame para medir o seu grau de surdez? Qual o resultado do exame?
- 6) Qual língua você utiliza como meio principal de comunicação?
- 7) Você se considera uma pessoa proficiente no uso da língua portuguesa escrita? Porquê?
- 8) Você é oralizado(a), ou seja, articula oralmente sentenças em língua portuguesa?
- 9) Você considera a Língua de Sinais Brasileira como a sua língua materna? Por quê?

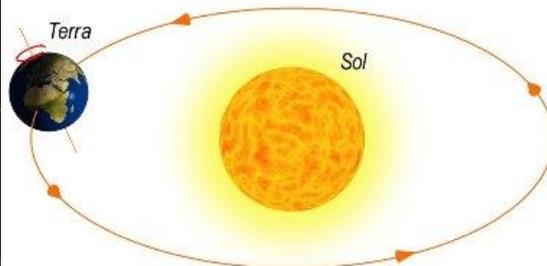
APÊNDICE 3: SLIDES PRODUZIDOS PARA COLETA DE DADOS

- 1) Imagens para a sentença: A Terra, que é o terceiro planeta do sistema solar, gira ao redor do sol.

a)



b)



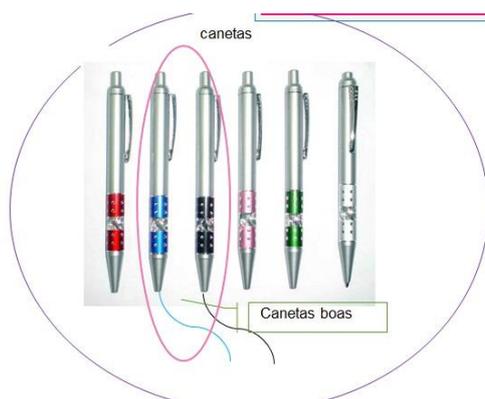
- 2) Imagem para a sentença: Os alunos que gostam de matemática levantaram a mão.



- 3) Imagens para a sentença: Romeu, que mora em Verona, ama Julieta.



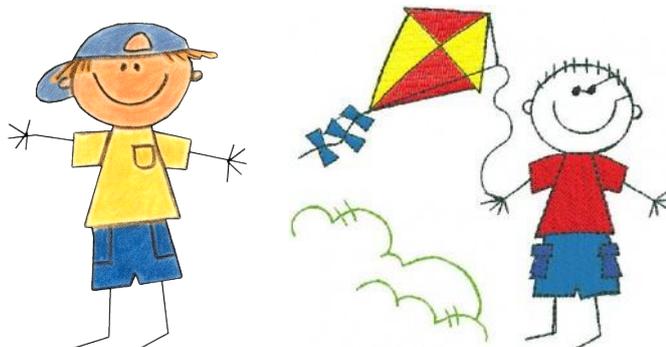
- 4) Imagens para a sentença: As canetas que escrevem são boas.



- 5) Imagens para a sentença: A rosa que o príncipe cuidou é especial.



- 6) Imagens para a sentença: Menino que é feliz brinca.



- 7) Imagens para a sentença: O gato, que é um felino, bebe leite.



APÊNDICE 4: DADOS DESCARTADOS



ε > -
C V W X A B C D E F

GRUPO.FELINOS



o
V O L T

LocNA_{GATO}.espec



ε h
C - m m m

Loc_{GATO}.OLHAR.Loc_{LEITE}



ε θ =
C \- m m m m m m m m

BEBER LEITE

‘O gato, que é um felino, bebe leite’.

‘O príncipe encontrou a flor, deu atenção à flor, vigiou a flor e regou a flor, ela desabrochou’.



f
f o f f

FLOR



L₁ = h a e u

LocNA_{FLOR}.DESABROCHAR.Loc_{FLOR}



f = h y

LocNA_{FLOR}.ENCONTRAR.Loc_{FLOR}



l l l - l l l s s s .. s s

LocNA_{FLOR}.DAR ATENÇÃO



f = a
f l ? t .. t

PRÍNCIPE



v h u e r

LocNA_{FLOR}.VIGIAR



r

LocNA_{FLOR}.REGAR.Loc_{FLOR}



L₁ = h a e u

LocNA_{FLOR}.DESABROCHAR.Loc_{FLOR}



f = a
f l ? t .. t

PRÍNCIPE



v h u e r

LocNA_{FLOR}.VIGIAR



r

LocNA_{FLOR}.REGAR.Loc_{FLOR}



L₁ = h a e u

LocNA_{FLOR}.DESABROCHAR.Loc_{FLOR}

$\overset{n}{\sigma} \overset{a}{\rho} \overset{a}{\lambda} \overset{a}{\lambda}$
 MARTELO LocNA_{MARTELO}

$\overset{n}{m} \overset{a}{j} \overset{a}{n} \overset{a}{e} \overset{a}{l} \overset{a}{a}$
 JANELA LocNA_{JANELA.QUEBRAR}

$\overset{a}{j} \overset{a}{o} \overset{a}{ã} \overset{a}{o}$
 LocNA_{JOÃO.PRÓPRIO}

$\overset{a}{d} \overset{a}{e} \overset{a}{l} \overset{a}{e}$
 LocNA_{JOÃO.DELE}

$\overset{f}{m} \overset{a}{j} \overset{a}{n} \overset{a}{e} \overset{a}{l} \overset{a}{a}$
 LocNA_{MARTELO.MARTELO}

$\overset{a}{j} \overset{a}{o} \overset{a}{ã} \overset{a}{o}$
 LocNA_{JOÃO J-O-Ã-O}

'O martelo que ele quebrou a janela, este martelo é propriedade do João'.

$\overset{f}{m} \overset{a}{j} \overset{a}{n} \overset{a}{e} \overset{a}{l} \overset{a}{a}$
 LocNA_{MARTELO.MARTELO}

$\overset{a}{m} \overset{a}{j} \overset{a}{n} \overset{a}{e} \overset{a}{l} \overset{a}{a}$
 JANELA

$\overset{f}{m} \overset{a}{j} \overset{a}{n} \overset{a}{e} \overset{a}{l} \overset{a}{a}$
 Loc_{MARTELO.BATER}.LocNA_{JANELA}

$\overset{a}{j} \overset{a}{o} \overset{a}{ã} \overset{a}{o}$
 LocNA_{JANELA.QUEBRAR}

$\overset{f}{h} \overset{a}{j}$
 LocNA_{MARTELO.LOCARTELO}

$\overset{f}{a} \overset{a}{j} \overset{a}{n} \overset{a}{e} \overset{a}{l} \overset{a}{a}$
 MARTELO.Loc_{MARTELO}.LocNA_{MARTELO}

$\overset{a}{j} \overset{a}{o} \overset{a}{ã} \overset{a}{o}$
 LocNA_{JOÃO.PRÓPRIO}

$\overset{a}{d} \overset{a}{e} \overset{a}{l} \overset{a}{e}$
 LocNA_{JOÃO.DELE}

$\overset{a}{j} \overset{a}{o} \overset{a}{ã} \overset{a}{o}$
 Loc_{JOÃO}

$\overset{a}{j} \overset{a}{o} \overset{a}{ã} \overset{a}{o}$
 LocNA_{JOÃO J-O-Ã-O}

'O martelo que ele bateu na janela, este martelo pertence ao João'.



MARTELO.BATER JANELA MARTELO.BATER.LocNAJANELA LocMARTELO LocMARTELO LocNAJoão.PRÓPRIO



LocNAJoão.DELE LocNAJoão.J-O-Ã-O

3) 'Aquele homem que conversamos já foi embora'.



LOCHOMEM.LocNAHOMEM HOMEM LocNANÓS.NÓS CONVERSAR

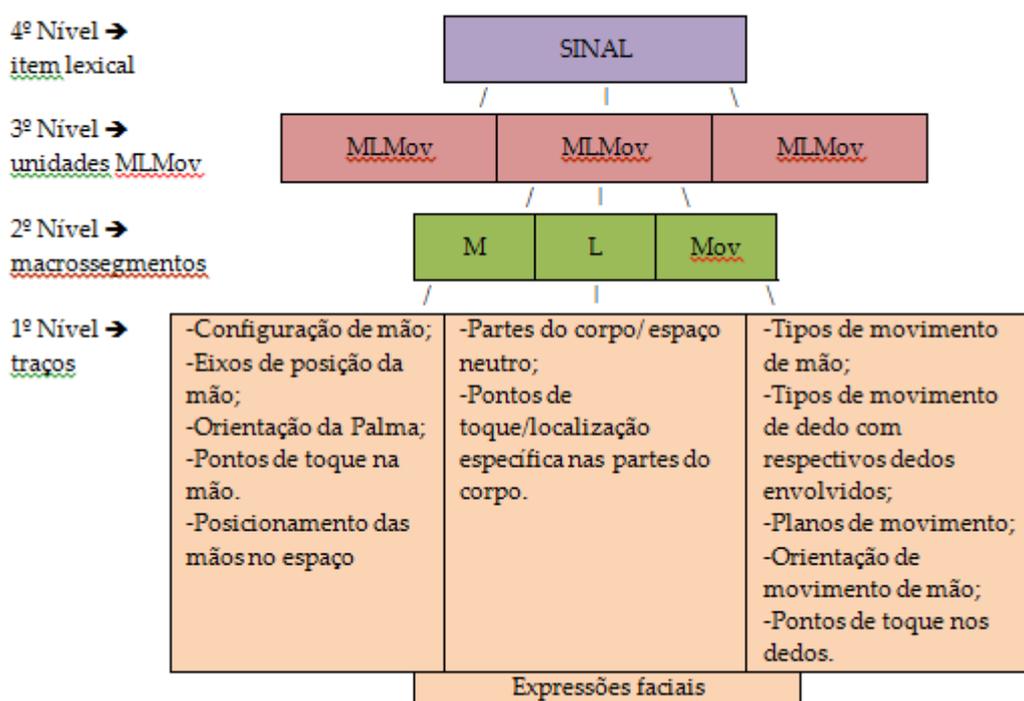


LocNAHOMEM.IR EMBORA JÁ

ANEXO: ESCRITA SEL – SISTEMA DE ESCRITA PARA LÍNGUAS DE SINAIS

Conforme análise que apresentei em Lessa-de-Oliveira (2012), a estrutura articulatória do sinal em Libras se articula em quatro níveis, a saber: primeiro dos traços distintivos; segundo dos macrosssegmentos Mão, Locação e Movimento; terceiro da unidade MLMov, formada pelos macrosssegmentos; e quarto do sinal.

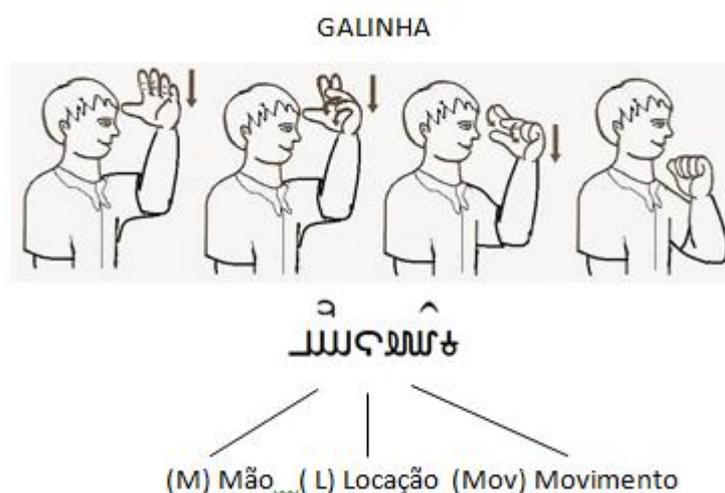
A estrutura articulatória do sinal em línguas de sinais por Lessa-de-Oliveira (2012; 2019)



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019)

1 MLMov: a unidade de base do SEL

O sistema SEL foi elaborado com base na unidade articulatória da Libras MLMov seus macrosegmentos e traços (Lessa-de-Oliveira, 2012). Assim, esse sistema representa através de caracteres e diacríticos os traços do primeiro nível articulatório, preservando a estrutura organizacional dos macrosegmentos, em segundo nível, conforme representado nos exemplos a seguir.



Quadro 1: Representação do sinal pela escrita SEL

Quadro 1: Representação do sinal pela escrita SEL	
<p>(1) MANDAR</p> <p style="text-align: center;">h̃ l̃ [MLMov]</p>	<p>– Trata-se de um sinal constituído por uma unidade MLMov [M - h̃ / L - l̃ / Mov - λ], em que a mão configurada em zê (h̃)², no eixo superior/palma para dentro (̂), partindo da testa (̂), faz um movimento curvo para baixo no plano sagital (λ).</p>
<p>(2) CAVALO</p> <p style="text-align: center;">ṽ m̃ [MLMov]</p>	<p>– Trata-se de um sinal constituído por uma unidade MLMov [M - ṽ / L - m̃ / Mov - λ̃], em que a mão configurada em uele (ṽ)², no eixo superior/palma para frente (̂), tocando o lado direito (̂) da cabeça (̂), fecha duas vezes (=) os dedos indicador e médio (λ̃).</p>

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019, p. 112)

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019, p. 112)

Sobre os exemplos no quadro acima o sistema SEL procura representar os três macrossegmentos da unidade MLMov da seguinte forma:

O macrossegmento Mão (M) é representado sempre por um caractere que corresponde ao traço *configuração de mão* (no sinal MANDAR, a configuração $zê h e$, no sinal CAVALO, a configuração *uele* $\lrcorner \eta$), sobre o qual recai um diacrítico que representa os traços *eixo/orientação de palma* amalgamados (no sinal MANDAR, o diacrítico $\supset e$, no sinal CAVALO, o diacrítico \vee).¹⁰⁰ O macrossegmento Localização (L) é composto por um caractere que representa o traço *parte do corpo* (no sinal MANDAR, o caractere $\cap e$, no sinal CAVALO, o caractere Φ). O traço *ponto de toque* aparece neste macrossegmento em forma de diacrítico (no sinal CAVALO, o diacrítico \succ). Por fim, o macrossegmento Movimento (Mov) é representado por um caractere que reúne, no caso do movimento de mão, os traços *tipo, plano e direção* amalgamados (no sinal MANDAR, o caractere \rceil). No caso de *movimento de dedo*, representamos o dedo ou os dedos envolvidos no movimento através dos caracteres de dedos isolados (α - polegar, β - indicador, λ - médio, ι - anelar e \mathfrak{f} - mínimo) ou através de suas formas combinadas (no caso do sinal CAVALO, o caractere \mathfrak{M}). O tipo de movimento desses dedos é representado por um diacrítico (no sinal CAVALO pelo diacrítico \equiv , que significa fechar os dedos duas vezes).

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019, p. 112)

2 As regras de funcionamento da escrita SEL

2.1 Representação do macrossegmento MÃO

O macrossegmento mão se compõe dos traços: configuração de mão; eixos de posição da mão; orientação da palma; pontos de toque na mão e posicionamento das mãos no espaço. Apenas o traço configuração de mão é representado por um caractere (letra) no sistema SEL. Os demais traços são representados por diacríticos colocados acima ou abaixo do caractere de configuração de mão.

¹⁰⁰ Segundo Lessa-de-Oliveira (2019, p. 112), “o diacrítico de eixo marca a posição da mão apenas no início do movimento. Depois do movimento o eixo pode mudar, mas isso não precisa ser marcado a não ser que seja indispensável. Então, outro diacrítico de eixo/orientação de palma é colocado sobre o caractere de movimento.”

2.1.1 Configurações de mão

A SEL representa o traço configuração através de 52 caracteres. No quadro a seguir se apresentam os caracteres da mão principal. Os da mão de base são esses mesmos caracteres mas invertidos horizontalmente. Para os destros a leitura é espelhada, para os canhotos não.

Quadro 3: Caracteres de configuração de mão

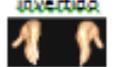
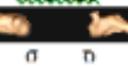
Configurações de mão		minúsculas	maiúsculas	Configurações de mão		minúsculas	maiúsculas
1	a				27	ípsilon	
2	bê				28	zê	
3	bê-espraiado				29	cinco	
4	cê				30	seis	
5	cê-espraiado				31	concha	
6	cê-encolhido				32	concha encolhida	
7	dê				33	mão espalmada	
8	dê-encolhido				34	ele-espalmado	
9	e				35	mão espraiada	
10	efe				36	argola	
11	gequê				37	argola espraiada	
12	agakapê				38	argola média	
13	ijota				39	legal	
14	ijota estendido				40	garra	
15	ele				41	garra encolhida	
16	eme				42	gancho	
17	uene				43	pinça	
18	uele				44	pinça dupla	
19	o				45	pinça espraiada	
20	erre				46	grampo	
21	esse				47	figa	
22	tê				48	pêra	
23	vê				49	namoro	
24	vê-ele				50	chifre	
25	dáblio				51	love	
26	xis				52	desabrochar	

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

2.1.2 Eixos e orientação de palma

Os traços eixo e orientação de palma são representados no sistema SEL de forma amalgamada por meio de diacrítico colocado sobre o caractere de configuração de mão. Os eixos podem ocorrer também de forma invertida, conforme se verifica no quadro a seguir.

Quadro 4: Caracteres de configuração de mão

Eixo Superior:			
<p>para frente</p>  <p>∨ ∨</p> <p>mL _m</p>	<p>para trás</p>  <p>∨ ∨</p> <p>mL _m</p>	<p>para dentro</p>  <p>∩ ∩</p> <p>mL _m</p>	<p>para fora</p>  <p>∪ ∪</p> <p>mL _m</p>
<p>para frente invertido</p>  <p>∧ ∧</p> <p>mL _m</p>	<p>para trás invertido</p>  <p>∧ ∧</p> <p>mL _m</p>	<p>para dentro invertido</p>  <p>∪ ∪</p> <p>mL _m</p>	<p>para fora invertido</p>  <p>∪ ∪</p> <p>mL _m</p>
Eixo Anterior:			
<p>para cima</p>  <p>∨ ∨</p> <p>mL _m</p>	<p>para baixo</p>  <p>∧ ∧</p> <p>mL _m</p>	<p>para dentro</p>  <p>∩ ∩</p> <p>mL _m</p>	<p>para fora</p>  <p>∪ ∪</p> <p>mL _m</p>
<p>para cima invertido</p>  <p>∧ ∧</p> <p>mL _m</p>	<p>para baixo invertido</p>  <p>∧ ∧</p> <p>mL _m</p>	<p>para dentro invertido</p>  <p>∪ ∪</p> <p>mL _m</p>	<p>para fora invertido</p>  <p>∪ ∪</p> <p>mL _m</p>
Eixo Medial/Lateral:			
<p>para cima</p>  <p>∪ ∪</p> <p>mL _m</p>	<p>para baixo</p>  <p>∩ ∩</p> <p>mL _m</p>	<p>para trás</p>  <p>∨ ∨</p> <p>mL _m</p>	<p>para frente</p>  <p>∧ ∧</p> <p>mL _m</p>
<p>para cima invertido</p>  <p>∩ ∩</p> <p>mL _m</p>	<p>para baixo invertido</p>  <p>∩ ∩</p> <p>mL _m</p>	<p>para trás invertido</p>  <p>∧ ∧</p> <p>mL _m</p>	<p>para frente invertido</p>  <p>∧ ∧</p> <p>mL _m</p>

Fonte: Adaptado de Lessa-de-Oliveira (2019a)

Quando houver mudança de *eixo/orientação de palma* durante o movimento, causando problema de processamento, diacríticos de *eixo/orientação de palma* são colocados também sobre os caracteres de movimento, marcando essa alteração, como nos exemplo a seguir. Isto ocorrerá apenas quando tal procedimento for indispensável à compreensão.



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

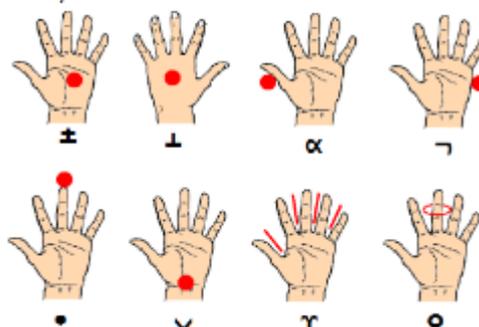
2.1.3 Pontos de toque

Os diacríticos pontos de toque, no quadro abaixo, podem aparecer sob os caracteres de configuração de mão, de dedos e de partes do corpo (Localção).

Quadro 5: Diacríticos de pontos de toque

Palma da mão ou dedo ou lado da frente da parte do corpo	Dorso da mão ou dedo ou lado detrás da parte do corpo	Pontas dos dedos	Lado do dedo polegar	Lado do dedo mínimo	Entre os dedos
±	⊥	•	α	↷	∩
Em volta dos dedos	Parte inferior da mão (pulso) ou da parte do corpo	À esquerda (de partes do corpo)	À direita (de partes do corpo)	Parte superior (em partes do corpo)	
○	∨	<	>	^	

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)



2.1.4 Posição das mãos de base e principal

Quando o sinal é realizado com as duas mãos, o posicionamento das mãos é representado pelo sistema SEL de duas formas: através do uso de diacríticos colocados entre os caracteres das duas mãos, marcando como uma mão se posiciona em conjunto com a outra; ou através de um diacrítico de ponto de toque colocado sob os caracteres de configuração de mão, marcando o ponto de a mão é tocada pela outra mão ou pela aproximação a uma parte do corpo .

Quadro 5: Diacríticos de posicionamento das mãos

Mãos em paralelo:	=		
Mãos alinhadas:	Lado do dedo polegar ou mínimo com lado do dedo polegar ou mínimo: — 		Pontas dos dedos ou pulso com pontas dos dedos ou pulso:
Mãos em diagonal:	No plano transversal: ↖ 	No plano sagital: ↗ 	No plano frontal: ↘
Mãos cruzadas:	x		

Fonte: Adaptado de Lessa-de-Oliveira (2019a)

Seguem alguns exemplos desses posicionamentos da mão na execução do sinal, lembrando que pela regra da escrita SEL, esses diacríticos representam o posicionamento da mão no início da execução do sinal. Com o movimento, essa posição pode vir a mudar conforme veremos mais adiante.

envolvimento de nenhuma parte do corpo, o caractere de Locação não ocorre na escrita do sinal.

1	2	3	4	5	6	7	8
							
							
9	10	11	12	13	14	15	16
							
							
17	18	19	20	21	22	23	24
							
							
25	26	27	28	29	30	31	32
							
							

1 Cabelo, 2 cabeça, 3 testa, 4 rosto, 5 sobrancelha, 6 olho, 7 nariz, 8 bochecha, 9 orelha, 10 buço, 11 boca, 12 dente, 13 língua, 14 queixo, 15 pescoço, 16 nuca, 17 ombro, 18 costas, 19 braço inteiro, 20 braço, 21 cotovelo, 22 antebraço, 23 pulso, 24 tórax, 25 barriga, 26 virilha, 27 perna, 28 joelho, 29 axila, 30 pálpebra, 31 lábio superior, 32 lábio inferior

Há sinais em que se envolvem mais de uma parte do corpo. Esses diferentes pontos de locação podem ser:

A - *tocados por mãos diferentes*: no macrossegmento Locação, escreve-se primeiro o caractere da parte do corpo tocada pela mão de base, depois o caractere da parte do corpo tocada pela mão principal; entre esses caracteres, colocam-se dois pontos, se as partes do corpo forem tocadas ao mesmo tempo (exemplo (8a)), e um ponto, se forem tocadas alternadamente (exemplo (8b)).

(2) a.



^c ^σ
 ≡ ≡ ≡ · · · · · ≡ ≡

MACACO

b.



^h ^h
 9 \ 8 9 · 9

BICICLETA

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

B - *tocados pela mesma mão*: no macrossegmento Locação, escreve-se primeiro o caractere da parte do corpo tocada primeiro, depois o caractere de locação da parte do corpo tocada por último, sem pontos entre eles.



SURDO

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

Além de partes do corpo, os caracteres de dedos podem funcionar como Locação, se não houver movimento de dedos e eles estiverem servindo apenas para ancorar a realização do sinal. Veremos adiante quais são os caracteres de dedos.



PORQUE

Fonte: Lessa-de-Oliveira

(2019a)

2.2.2 Pontos de toque

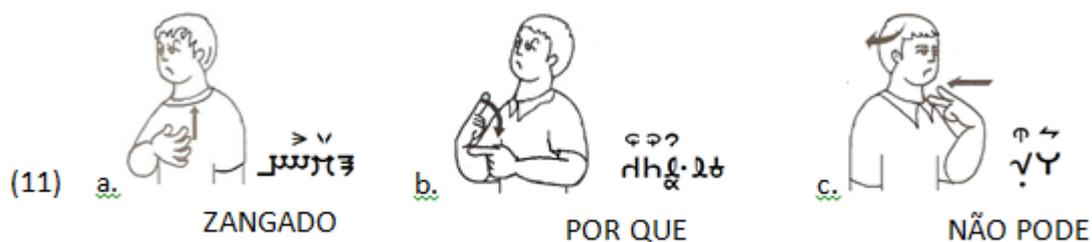
Diacríticos de pontos de toque podem aparecer sob os caracteres de configuração de mão, de dedos e de partes do corpo (Locação).

Pontos de toque colocados abaixo do caractere de locação

Lado do dorso no braço ⌊	Lado da palma no braço ⌊	Lado do dedo polegar no braço ⌊	Lado do dedo mínimo no braço ⌊	Lado do dorso ⌊	Lado da palma ⌊	Lado do dedo polegar ⌊	Lado do dedo mínimo ⌊
Lado do dorso ⌊	Lado da palma ⌊	Lado do dedo polegar ⌊	Lado do dedo mínimo ⌊	Lado do dorso ⌊	Lado da palma ⌊	Entre as partes ⌊	Parte de cima ⌊
Lado esquerdo ⌊	Lado direito ⌊	Lados direito e esquerdo ⌊	Lado direito ⌊	Para cima ⌊	Lado esquerdo ⌊	Lado direito ⌊	Lado esquerdo ⌊
Lado direito ⌊	Lado esquerdo ⌊	Lado direito ⌊	Lado esquerdo ⌊	Lado direito ⌊	Lado esquerdo ⌊	Lado direito ⌊	Parte de cima ⌊

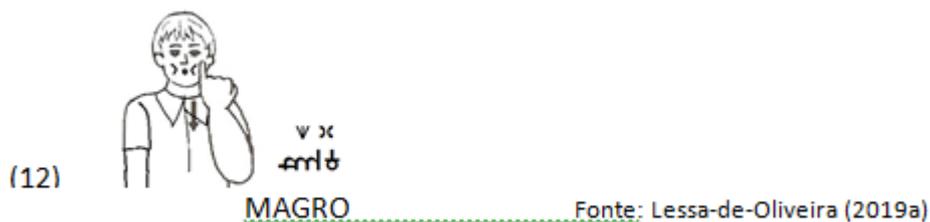
2.2.3 Expressões faciais

Sobre os caracteres de parte de corpo podem ocorrer um diacrítico de expressão facial, se o for um sinal psicológico (exemplo (11a)), de interrogação (exemplo (11b)), negação (exemplo (11c)), ou que apresente certas características físicas que compõe a articulação do sinal (exemplo (4)).



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

Quando não houver o caractere de locação, o diacrítico de expressão facial fica acima do próximo caractere, ou ao lado da configuração da mão, na mesma altura de diacríticos colocados sobrescritos.



No quadro a seguir vemos os 20 diacríticos de expressão facial do sistema SEL.

Alegre/ feliz	Triste/ desanimado	Com medo / horrorizado/ assustado	Surpreso/ boquiaberta	Enojado/ insatisfeito/ com desprezo
				
∪	∧	∪∪	∩	∩
Irônico	Zangado	Azedo	Olhos fechados	Abrindo olhos
				
∪	∨	×	∪∪	∩∩
Bochechas infladas	Uma bochecha inflada	Bochechas comprimidas	Dentadas	Mexendo lábios
				
()))(∩	∩
Soprando	Sugando	Ziguezague de queixo	Negação	Palavras interrogativas
				
∅	∅	∩	↵	?

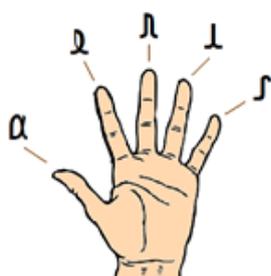
2.3 Representação do macrossegmento MOVIMENTO

O macrossegmento Movimento se compõe, em Libras, de dois tipos de movimentos: **de mão** e **de dedo**.

2.3.1 Movimentos de dedo

2.3.1.1 Os cinco dedos e as formas combinadas

CARACTERES DE DEDOS



Polegar	Indicador	Médio	Anular	Mínimo
α	λ	μ	ι	ς
Duque	Terno	Quadra	Quina	
αλ	αλλ	αμ	αι	ας
Laço	Laçada	Rabicho	Agulha	Cacho
αλ	αλ	αμ	αι	ας
Laço_Médio	Rabicho Médio	Agulha Média		
αμ	αμ	αμ		
Mínimo Ausente	Indicador Ausente			
αλλ	αλλ			

2.3.1.2 Os tipos de movimentos de dedos

Os diacríticos de movimento de dedo são colocados acima dos caracteres de dedos.

Abrir gradativamente ∩	Abrir ∨	Abrir e fechar X	Abrir duas vezes ≡	Fechar duas vezes =	Ziguezague N
Fechar gradativamente ∧	Fechar —	Esfregar x		Movimento tesoura C	Dobrar dedo r

2.3.2 Movimentos de mão

Na escrita SEL, os caracteres de movimento de mão representam três traços amalgamados – *tipo, orientação plano de movimento*.

2.3.2.1 Movimentos retilíneos

O sistema SEL toma como base os caracteres dos movimentos retilíneos, no quadro a seguir, para a formação dos demais caracteres de movimentos de mãos:

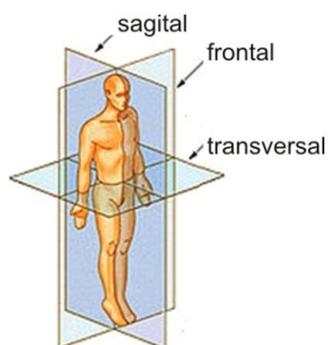
Movimentos retilíneos

	Para Frente	Para Trás		
	Y	Y		
<i>Formas manuscritas:</i>	Y	Y		
<hr/>				
	Para Cima	Para Baixo	Para Direita	Para Esquerda
	♀	♂	♂	♀
<i>Formas manuscritas:</i>	♀	♂	♂	♀

2.3.2.2 Movimentos em planos

O sistema SEL apresenta os caracteres de movimento de mão para os movimentos que se realizam nos planos representados na figura a seguir. Ao todo vemos nesse quadro abaixo 9 tipos de movimentos que variam conforme o plano e a orientação do movimento.

Figura 2: Planos de movimento



Fonte: xxxxxxxx

PLANOS →	TRANSVERSAL				SAGITAL				FRONTAL			
	p/ frente	p/ trás	p/ frente	p/ trás	p/ frente	p/ trás	p/ frente	p/ trás	p/ cima	p/ baixo	p/ direita	p/ esq.
Semicircular												
Curvo												
Angular												
Angular duplo												
Sinuoso												
Ziguezague												
Diagonal												
Retilíneo												
Retilíneo breve												
Retilíneo brevíssimo												
Circular												
Formas manuscritas básicas												

2.3.2.3 Movimentos fora de planos

O sistema SEL apresenta caracteres para mais 4 tipos de movimentos que não ocorrem em nenhum plano, conforme quadro a seguir.

Movimentos que não precisam de plano	
Giro de pulso	  Giro para ambos os lados <div style="display: flex; justify-content: space-around; width: 100%;"> Giro horário Giro anti-horário </div>
Dobrar pulso	    lado: do polegar - da palma - do dorso - do dedo mínimo
Batida	 
Tremura	 

Alguns movimentos são escritos com a combinação de dois caracteres (semelhantemente ao que ocorre com dígrafos em Português, com *nh* e *lh*), como por exemplo

o movimento circular para cima do sinal IMPORTANTE, que é escrito com duas letras $\text{m} \text{f}$, que representam um só movimento:

Ex.:  $\text{m} \text{f}$ IMPORTANTE

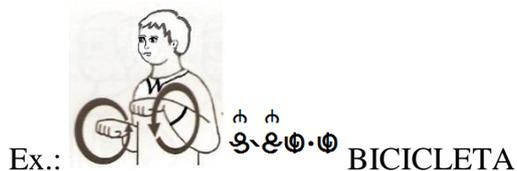
2.3.2.4 Movimentos em sinais realizados com as duas mãos

Quando os sinais são realizados com as duas mãos, o movimento pode se dar das seguintes formas:

- *Com movimento conjunto das duas mãos:* no macrossegmento Movimento, escreve-se o caractere de movimento da mão de base primeiro, coloca-se dois pontos e escreve-se o movimento da mão principal em seguida.

Ex.:  $\text{f} \text{f} \text{< \cdot \cdot >}$ FAMÍLIA

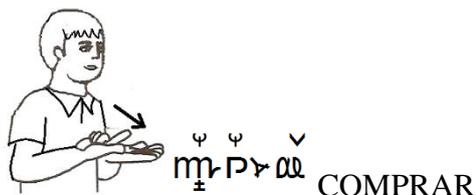
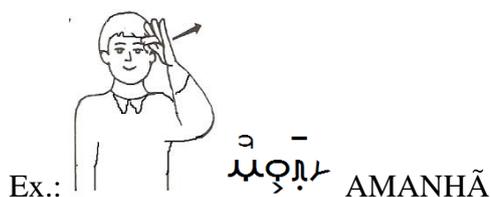
- *Com movimento alternado entre as duas mãos:* no macrossegmento Movimento, escreve-se o caractere de movimento da mão de base primeiro, coloca-se apenas um ponto e escreve-se o movimento da mão principal em seguida.



- *Com um movimento realizado apenas por uma das mãos:* no macrossegmento Movimento, escreve-se um caractere de movimento, sem ponto algum, independentemente de qual mão tenha realizado o movimento (se isso não tiver importância para a realização do sinal).

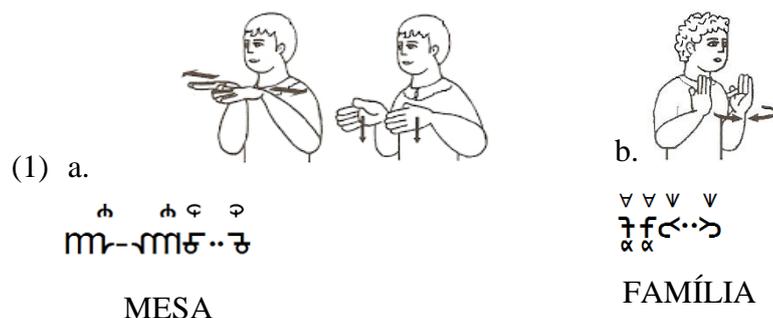


- *Com mais de um movimento realizado apenas por uma das mãos:* no macrossegmento Movimento, escreve-se mais de um caractere de movimento, seguindo a ordem de realização dos movimentos (da direita para a esquerda), sem dividi-los com pontos.



2.3.2.4 Mudança de eixo/orientação de palma no movimento

Quando houver mudança de *eixo/orientação de palma* durante o movimento, causando problema de processamento, diacríticos de *eixo/orientação de palma* são colocados também sobre os caracteres de movimento, marcando essa alteração, como nos exemplo a seguir. Isto ocorrerá apenas quando tal procedimento for indispensável à compreensão.

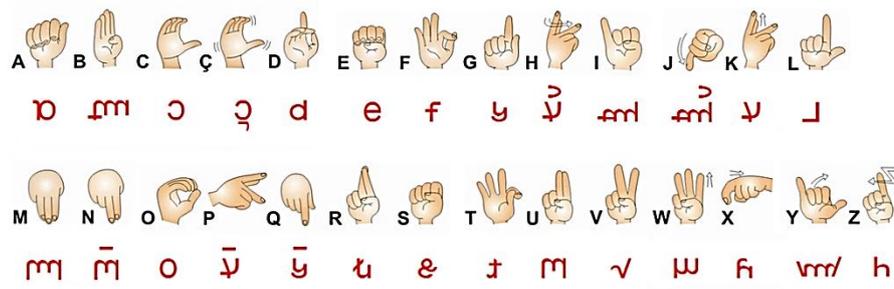


Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

2.4 Representação da datilologia

A datilologia é um tipo um soletração de uma palavra, originalmente pertencente a uma língua oral, que utiliza o alfabeto digital ou manual de línguas de sinais. O alfabeto manual da Libras tem sua base no alfabeto da língua francesa de sinais, no qual cada sinal corresponde a uma letra. A datilologia é comumente usada para representar substantivos próprios, palavras que não possuem sinal conhecido ou palavras da língua oral que foram incorporadas à língua de sinais e, por isso, são também soletradas.

Para representar a datilologia em escrita SEL, utiliza-se apenas os caracteres de configuração da mão direita escritos na mesma ordem da palavra soletrada (sem utilização de caracteres de eixo, locação ou movimento). Como algumas configurações de mão representam mais de uma letra do alfabeto do Português, utilizamos alguns diacríticos para diferenciar essas letras. O alfabeto para datilologia em escrita SEL é o seguinte:



Nota: O alfabeto para datilologia corresponde a configurações da mão direita, sem marcação de eixo, pois na datilologia o eixo/orientação de palma é sempre o mesmo: superior palma para frente.

Para representar os acentos do Português, utilizamos os seguintes diacríticos.

â á ã à ä
 ô ó õ ò ö

Exemplos:

Gisele Bündchen	João	açúcar	lâmpada	à	queijo
ʒ̃is̃el̃ẽ b̃ũ̃nd̃t̃ʃ̃eñ	ʒ̃õã̃õ	as̃ũkãr̃	lã̃mp̃ad̃a	à	kẽĩj̃õ